

Helena de Oliveira Andrade

A TODOS OS JOAQUINS DO BRASIL

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em Literatura. Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia de Barros Camargo.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Andrade, Helena Oliveira

A todos os Joaquins do Brasil / Helena Oliveira
Andrade ; orientadora, Maria Lúcia de Barros
Camargo - SC, 2017.
221 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Literatura,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Periodismo cultural. 3.
Revistas Literárias. 4. Revista Joaquim. I.
Camargo, Maria Lúcia de Barros. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Literatura. III. Título.

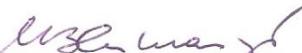
“A todos os Joaquins do Brasil”

Helena de Oliveira Andrade

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



Profª Drª Maria Lúcia de Barros Camargo
ORIENTADOR(A)

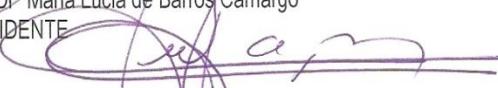


Profª Drª Maria Lúcia de Barros Camargo
COORDENADORA DO CURSO

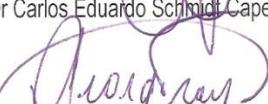
BANCA EXAMINADORA:



Profª Drª Maria Lúcia de Barros Camargo
PRESIDENTE



Prof Dr Carlos Eduardo Schmidt Capela
UFSC



Prof Dr George Franca



Profª Drª Laise Ribas Bastos

Dedico este trabalho aos meus pais, à
minha irmã e ao meu amigo e
companheiro Diogo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES, pela bolsa concedida durante os dois anos de mestrado, e à Pós-Graduação em Literatura – UFSC, pelo acolhimento em todos os momentos necessários. Também agradeço ao companheirismo e confiança dado a mim, pela professora Maria Lucia de Barros Camargo, durante a execução do trabalho.

Agradeço aos meus colegas de trabalho do NELIC, pois cada um, de sua maneira, foi importante para minha formação. Obrigada ao Zé pelas conversas, pelo acolhimento e compreensão em todas as horas que precisei. Ao Jeferson, pela atenção dada durante a indexação e pela paciência comigo durante o processo. À Laíse, pelas palavras de tranquilidade, carinho e atenção. À Julia, pelo companheirismo e pelas companhias nas tardes de estudo. À Giovanna, pelas deliciosas conversas nos plantões. À Fernanda, pelas horas e horas de conversas e companheirismo que me fizeram amar ainda mais a poesia. À minha querida amiga Grazi, que nos momentos mais importantes me acolheu e me auxiliou. Ao secretário da pós-graduação Ivan, que exerce, além da função administrativa, uma função humana: obrigada pelas conversas, conselhos e por sua amizade.

Agradeço aos amigos que me acolheram em Florianópolis, em especial à Tarissa e à Josiane. A todos os professores do departamento que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial Maria Lúcia de Barros Camargo, Ana Luiza Andrade, George França, Raúl Antelo, Sérgio Medeiros, Joca e Capela.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado em Literaturas no Programa de Pós-graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, tem por objetivo geral o estudo da revista *Joaquim* e sua proposta de modernidade. Como base para o estudo do periódico, foi utilizada a metodologia de indexação proposta pelo projeto *Poéticas Contemporâneas*, no NELIC (Núcleo de Estudos Literários & Culturais) - UFSC. A revista *Joaquim*, ambientada entre os anos de 1946 e 1948 em Curitiba, nasceu a partir do anseio de jovens escritores que aproveitaram a queda do regime ditatorial getulista, para “combater” os intelectuais locais e propor novas abordagens culturais e literárias para o estado do Paraná. A partir da leitura das palavras-chave e dos autores mais citados, foi analisado como o grupo que se denominava “modernos” e não modernistas, utilizando textos que discutiam o assunto, bem como o manifesto da revista.

Palavras-Chave: Década de 40. Modernidade. Periodismo cultural. Revista Joaquim. Dalton Trevisan. Revistas Literárias.

ABSTRACT

This dissertation in Literature at the Graduate in Literature from the Federal University of Santa Catarina Program has the overall objective the study of "Joaquim" a magazine and its proposal of modernity. As a basis for the periodic study we used indexing methodology proposed by the project "Poetics Contemporary" in (Center for Literary & Cultural Studies) CLCS - UFSC. The magazine Joaquim, set between the years 1946 and 1948 in Curitiba was born from the desire of young writers who took the fall of the Vargas dictatorship, to "fight" local intellectuals and propose new cultural and literary approaches to the state of Paraná. From the reading of keywords and the most cited authors, it was analyzed as the group was called "modern" and not modernist analyzing texts that discussed the issue, and the magazine's manifest.

Keywords: Decade of 40, literary periodicals, modernity, cultural period. literary magazine. Dalton Trevisan. magazine Joaquim.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alfredo Andersen - Sapeco da erva-mate. S/d.	58
Figura 2 - O Anarco Sindicalista.....	59
Figura 3 - Manifesto para não ser lido.Fonte: Revista Joaquim, ano I, nº 01, p. 03, abril de 1946.	69
Figura 4 - Primeira página Suplemento Letras e artes e Revista Brasileira de Poesia.	103
Figura 5 - O Neo-Modernismo e Joaquim.	105
Figura 6 - Revista A Ordem.....	108
Figura 7 - Pronunciamento dos novos.....	109
Figura 8 - Joaquim nº16 e nº15.....	113
Figura 9 - Joaquim nº17 e nº13.....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Nomes mais citados na revista Joaquim.	31
Quadro 2 - Palavras-chave mais citadas.....	33
Quadro 3 - Vocabulário mais citado.	34
Quadro 4 - Biografia dos artistas e escritores citados na revista.	134

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

NELIC – Núcleo de Estudos Literários e Culturais – UFSC

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	25
2. COMO TUDO COMEÇOU: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A LEITURA DA REVISTA JOAQUIM	29
2.1 PROJETO “POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS” E A BASE DE INDEXAÇÃO.....	29
2.2 ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DO BANCO DE DADOS	30
2.3 CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO	34
2.4 EM ÂMBITO NACIONAL.....	42
2.5 MAS AFINAL, O QUE SÃO REVISTAS LITERÁRIAS?	44
2.6 O SURGIMENTO DE REVISTAS CULTURAIS E LITERÁRIAS NA DÉCADA DE 40	46
2.7 MAS AFINAL, LUTAR CONTRA O QUÊ?.....	51
2.8 ENTRE MANIFESTOS E POLÊMICAS: LEITURA DA REVISTA JOAQUIM	61
3. EM HOMENAGEM A TODOS OS JOAQUINS DO BRASIL	69
3.1 NEGAR TAMBÉM É AFIRMAR?.....	70
3.2 MANIFESTO PARA SER LIDO: EM BUSCA DE CAMINHOS.....	76
4. A MODERNIDADE VISTA A PARTIR DAS PÁGINAS DA REVISTA	95
4.1 JOAQUIM NÃO TEM AMBIÇÕES MODERNISTAS: TEM AMBIÇÕES MODERNAS.....	95
4.2 A REVISTA JOAQUIM E A DISCUSSÃO SOBRE O POST-MODERNISMO.....	102
4.3 NÃO SEI PARA ONDE VOU, SÓ SEI QUE NÃO VOU POR AI.....	109
4.4 JOAQUIM E AS ILUSTRAÇÕES	112
4.5 EMILIANO PERNETA, A FIGURA DO ATRASO!	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE A – BIOGRAFIA DOS ARTISTAS E ESCRITORES CITADOS NA REVISTA	134
ANEXO A – METODOLOGIA DE CATALOGAÇÃO DOS TEXTOS ...	141
ANEXO B – ÍNDICE GERAL DE INDEXAÇÃO REVISTA JOAQUIM	146

1. INTRODUÇÃO

Em abril de 1946, foi lançada a revista *Joaquim*, intitulada “A todos os joaquins do Brasil”¹, que contou com 21 edições (de abril de 1946 a dezembro de 1948). Nela, escritores paranaenses estrearam a intensa vida literária dos periódicos, como Dalton Trevisan, idealizador, diretor, redator e dono da revista, José Paulo Paes, Wilson Martins, Temístocles Linhares.

A revista *Joaquim* é o exemplo de uma revista literária. Seu corpo editorial foi formado por escritores como Dalton Trevisan, Antonio Walger e Erasmo Pilotto², e tinha como principal objetivo reivindicar a atualização das artes e da literatura no estado do Paraná, visto que os artistas locais valorizavam uma arte regionalista e restrita a um pequeno grupo de intelectuais locais.

Como ponto de partida para esta pesquisa, foi utilizada a base de dados e a metodologia do projeto *Poéticas Contemporâneas*³ para a indexação dos 21 exemplares da *Joaquim*, por meio de um trabalho minucioso de leitura e inserção dos dados na base (digital)⁴. A partir dos dados da indexação, foi possível observar que a proposta da revista *Joaquim* não tinha a intenção de reproduzir o “Movimento Modernista” do ano de 1922 no Paraná, mas a de trazer o conceito de modernidade do pós-guerra ao Estado. Para consolidar esse pensamento, a revista concentra-se em mostrar de que forma a literatura e as artes paranaenses estavam arraigadas no que Mário de Andrade chamava de regionalismo. E, para que a sustentação dos argumentos da revista fosse convincente, mostrar também que estavam inseridos no bojo de publicações críticas concernentes não só a movimentos literários do Brasil, mas também de outros países da América Latina e até mesmo da Europa.

No primeiro capítulo, a pesquisa deteve-se na leitura dos acontecimentos históricos e literários, com a intenção de observar como

¹ O uso do nome joaquim em minúscula reforça a interpretação do homem comum, assim como Drummond ao José de Drummond, assim, pode-se interpretar a frase “A todos os joaquins do Brasil”.

² No anexo, encontra-se uma pequena biografia dos autores citados na revista e que são hoje desconhecidos da maioria do público leitor.

³ A metodologia de estudo será detalhada no capítulo I. Para mais informações consultar: PETRY, Fernando. **O cão e o frasco, o perfume e a cruz:** arquivo Rosa-Cruz revisitado. 2011. 1v. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Brasileira, UFSC, Florianópolis, 2011.

⁴ A metodologia e indexação estão nos anexos deste trabalho.

a política e os movimentos literários locais (Paraná) se relacionavam com o resto do país, visto que o período era posterior ao fim do Estado Novo e a Segunda Guerra. Também, fez-se necessário o recuo no tempo para observar como o governo getulista e o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) interferiram na formação de novas perspectivas literárias, tendo como uma de suas melhores formas de controle a repressão, por um lado, e, por outro, a “cooptação” de intelectuais ao plano de “construção de uma nação” defendida por sua ditadura.

Em seguida, foram evidenciadas as relações que o periódico estudado teve com outros periódicos (tanto aqueles “patrocinados” pelo governo, quanto aqueles considerados independentes). Essas relações mostram como a revista não se articulava sozinha diante do cenário propício de mudança. Entretanto, percebe-se, através dessas relações, como ela foi audaciosa. Essa característica de irreverência se deve ao período (mais de 40 anos, segundo Poty Lazarotto) de resistência à mudança na literatura e nas artes no estado do Paraná.

Além das relações diretas com periódicos que circulavam naquela época, percebe-se o interesse (dos diretores da revista) por manifestações literárias da América Latina, tais como a publicação e a tradução de obras de escritores como Gabriel García Márquez e Raúl Lozza; o movimento concretista latino-americano que se iniciou em 1944, na Argentina, com a revista *Arturo*, que teve seus desdobramentos nos movimentos *Madí e Invencionista*, cujo Manifesto Invencionista, de 1945, foi publicado no número 09 da revista *Joaquim*.

Também há a descrição das revistas mais significativas da década de 40, que mantinham ou não relação com o periódico estudado, para que o leitor pudesse ter uma visão mais ampla de como e onde se pode observar os pontos de irreverência da *Joaquim*. Em seguida, tem-se a descrição detalhada da estrutura da revista estudada, ou seja, as principais colunas, participantes, temas, patrocinadores, artistas plásticos. No entanto, para esta leitura, foi indispensável a discussão de outros estudiosos do periódico como Marilda Saways, Miguel Sanches Neto e Cláudio Soares Oliveira.

Embora o controle sobre a imprensa fosse ainda forte pelo governo estado-novista, a década de 40 teve o aparecimento de diversos periódicos literários, ligados ou não ao governo. A partir de meados da década de 40, há um número significativo de “pequenas revistas”⁵ que buscavam discutir o estado da literatura e das artes naquele momento, e

⁵ O termo “pequenas revistas” será retomado no próximo capítulo.

não se vinculavam a nenhuma instituição, em sua maioria. Ou seja, eram produções independentes.

E para finalizar o capítulo, foi explicada e exemplificada a metodologia utilizada para o presente estudo que, de uma maneira geral, apresenta peculiaridades em relação aos demais. Isso porque foi realizada a leitura sistemática e completa do periódico, como o auxílio da plataforma de dados, criada para o projeto *Poético Contemporâneas*, coordenado por Maria Lucia de Barros Camargo, para o estudo de periódicos literários e culturais no NELIC-UFSC, no qual este trabalho se insere.

O segundo capítulo, reserva-se à discussão da maneira peculiar pela qual a revista trata o seu manifesto. Sabe-se que a formação de um grupo e de um ideal em comum, a construção de uma “base” de pensamento é feita por um manifesto, ou melhor, um *arqui-texto*, como Raul Antelo⁶ afirma. Entretanto, na *Joaquim* esse “arqui-texto”, tornara-se a marca das revistas literárias, como as simbolistas e as modernistas, por representar o pensamento do grupo, pois ele passa a ser uma costura de citações de outros escritores e não do grupo. A atitude de recortar citações, formando outro texto, traz outra maneira de se pensar o gênero manifesto, que possui características estáveis, como o uso do imperativo, os verbos em primeira pessoa do plural ou singular e a assinatura do grupo ou da pessoa que reivindica algo, mesmo assim, o manifesto da revista não deixa de produzir sentido para o grupo. Para que, a partir da leitura do conjunto de citações que formam o manifesto, foram analisados quais seriam os princípios norteadores defendidos pela revista.

No terceiro capítulo, objetiva-se demonstrar de que forma o conceito de modernidade permeia os textos da revista, ou seja, como os colaboradores entendem o conceito de modernidade. Para isso, foram selecionados textos ficcionais e textos críticos publicados na revista, de acordo com a base de dados.

Hal Foster⁷, quando fala sobre *neovanguardas*, afirma que elas têm um poder de persuasão maior do que tiveram as vanguardas históricas, pelo fato de poderem observar quais foram os erros, as tentativas frustradas em detrimento de um distanciamento dessas manifestações artísticas e literárias. A revista *Joaquim* se apropriou de

⁶ ANTELO, Raul. As revistas literárias brasileiras. In: Boletim de pesquisa NELIC. Florianópolis, v.01, n. 02, 1998, p.07.

⁷ FOSTER, Hal. Quem tem medo da neovanguarda? In: **O retorno do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p.20-49.

algumas características vanguardistas a fim de “combater”, como eles diziam, os então passadistas. Entretanto, a leitura não busca provar que a revista tem similaridades com o conceito de Foster, mas sim, observar de que maneira o movimento proposto pela revista *Joaquim* causa estranheza à época, ao se utilizar de algumas características vanguardistas e, por isso, a sua associação ao Modernismo de 22.

Por fim, optou-se por manter a grafia original dos textos. Assim, ao longo das citações, é possível observar uma ortografia antiga e irregular, além de possíveis incoerências ortográficas, em relação às citações de periódicos.

2. COMO TUDO COMEÇOU: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A LEITURA DA REVISTA *JOAQUIM*

Curitiba
o interventor do estado
era um pinheiro inabalável.
inabaláveis pinheiros igualmente
o secretário de segurança pública
o presidente da academia de letras
o dono do jornal
o bispo o arcebispo o magnífico reitor

ah se naqueles tempos
a gente tivesse
(armando glauco dalton)
um bom machado!⁸
(José Paulo Paes, 1997)

2.1 PROJETO “POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS” E A BASE DE INDEXAÇÃO

Para que todas as informações retiradas da revista pudessem ser discutidas com maior precisão, foi indispensável o uso da base de indexação do projeto *Poéticas Contemporâneas* e, portanto, antes de analisar alguns dados observados a partir da indexação e o cruzamento de dados, faz-se necessário compreender como foi o procedimento utilizado para o presente estudo.

O Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC), ao qual se vincula esta pesquisa, foi criado em 1996 pela professora Maria Lúcia de Barros Camargo, sendo o primeiro grupo de estudos do Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas (DLLV) da UFSC⁹. Durante algum tempo, o recorte de estudos do núcleo priorizava o

⁸ Chaves, por ordem de entrada: Brasil Pinheiro Machado, Valfrido Piloto, Oscar Martins Gomes, De Plácido e Silva, D. Alberto Gonçalves e Flávio Suplici de Lacerda. O bispo entrou na história apenas pela figuração. Governador, delegado, escritor e político, jurista e professor, político e escritor, professor e político. Armando, Glauco e Dalton escritores. MARTINS, Wilson. Renascenças Curitibanas. *Gazeta do Povo*. Curitiba, p. 04-04. 08 set. 1997.

⁹PETRY, Fernando. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz*: arquivo Rosa-Cruz revisitado. 2011. 1v. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Brasileira, UFSC, Florianópolis, 2011.

cenário artístico-literário, a partir da metade do século XX, mas com o passar dos anos, foram inseridos (na base de indexação) periódicos que não contemplavam o período em específico, fator que contribuiu para a riqueza dos dados.

A partir do projeto *Poéticas Contemporâneas* foi criada uma base de dados informatizada, que tem por objetivo catalogar e organizar as pesquisas realizadas em periódicos literários. Segundo Petry¹⁰, o que diferencia a metodologia usada por meio da base de dados do NELIC é a sua utilização como uma ferramenta que busca produzir dados que auxiliem a pesquisa no periódico estudado.

Diante da preocupação com um estudo mais detalhado dos periódicos literários, foi criado o banco de dados informatizado (indexação), para um estudo mais sistemático da produção literária e cultural contemporânea. A base de dados conta com mais de 45.000 artigos indexados de jornais, revistas culturais e literárias, as quais podem ser consultadas com o auxílio da base de dados ou manualmente.

Quanto ao projeto *Poéticas Contemporâneas*, foi criado com o objetivo de mapear periódicos literários e culturais que surgiram no Brasil, a partir da década de 50, com intuito de procurar “linhagens críticas e poéticas, releituras da tradição literária, construção e desconstrução de cânones”¹¹.

2.2 ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DO BANCO DE DADOS

A pesquisa, em um primeiro momento, deteve-se na indexação dos 21 números da revista e na leitura de textos teóricos pertinentes ao tema em estudo. Após esse período, foram cruzados os dados constantes na plataforma. Esses dados são possíveis, porque a plataforma digitalizada, além de armazená-los, também permite a pesquisa a partir do que foi indexado do conteúdo da revista. Após a conclusão da indexação, foi possível realizar o cruzamento de informações que oportunizou uma visão mais ampla do periódico. Entre os dados obtidos com o processo, é possível visualizar a quantidade de vezes que um determinado autor foi citado, além de quais gêneros literários eram mais utilizados.

Uma das primeiras buscas na base de dados se deteve nos autores mais citados na revista. Optou-se por não colocar todos os nomes, em virtude do grande número de autores; assim, foram utilizados somente

¹⁰ PETRY, Fernando. IDEM.

¹¹ Documentos físicos do acervo NELIC.

autores com 10 citações ou mais. No quadro abaixo, temos 17 autores que entram nessa seleção:

Quadro 1 - Nomes mais citados na revista Joaquim.

Autores mais citados.	Número de Citações
Mário de Andrade	25
Carlos Drummond	17
Jean Paul Sartre	15
André Gide	14
Franz Kafka	14
James Joyce	13
Lêdo Ivo	12
Alceu Amoroso Lima	11
Graciliano Ramos	11
Sérgio Milliet	10
Pablo Picasso	10
Marcel Proust	10
Murilo Mendes	10
Rainer M. Rilke	10
Dostoiévski	10
Dalton Trevisan	10

Fonte: Indexação – Base de dados NELIC.

Como é possível visualizar, o escritor mais referido foi Mário de Andrade, contando com, aproximadamente, 2% das citações da revista. Ter Mário de Andrade como escritor mais citado pode, em um primeiro momento, estar associado à sua recente morte (a revista inaugurou em 1946 e Mário morreu em 1945). No entanto, levar esta suposição adiante é negar que o escritor tenha discutido importantes pontos ao longo da década de 30 e 40, os quais convergem com a revista, já que o escritor manteve-se ativo depois da Semana de Arte Moderna.

O fato de o escritor ser o autor mais citado na revista pode ser, ainda, um sintoma interessante a ser observado, visto que a revista constantemente se apropriava ao legado deixado pelo escritor, montando

entrevistas a partir de recortes das obras. Mário havia morrido, mas a figura de intelectual ainda era preponderante no meio intelectual.

Além das importantes discussões sobre o caminho levado pelos intelectuais da época em relação ao modernismo e o trabalhado com o regionalismo, percebe-se que alguns dos intelectuais, presentes na tabela, tinham alguma ligação próxima com Mário: Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet e Alceu Amoroso Lima. Os três nomes citados têm uma participação importante dentro da revista. Drummond é tido como o mestre vivo, aquele que dá respaldo à toda publicação, aquele que sugere e avalia. Sérgio Milliet tem uma participação ainda mais marcante, pois o trecho mais longo do manifesto da revista pertence a ele, como poderá ser visto no capítulo seguinte. Tristão Athayde também aparece como uma figura significativa nas discussões que permeiam a revista, em relação à continuação ou o fim do modernismo brasileiro¹².

A partir da leitura das informações que a plataforma de dados proporcionou, partiu-se para a leitura dos textos dos teóricos que contribuíram na revista estudada e nos periódicos da época, para procurar mapear os pontos de conexão com a revista, já que ler esses autores é compreender, em parte, o projeto de atualização que a revista propunha.¹³

Outro dado interessante que a base de dados traz, refere-se à citação de autores muito diferentes entre si, tornando-se difícil formar grupos de autores, pela grande diversidade de escritores. Isso pode ser considerado um sintoma da década de 40, pois não havia um movimento homogêneo definido.

Em seguida, têm-se os dados em relação à repetição de palavras-chave, referentes a todos os textos presentes na revista. Foram selecionadas as que foram mais de 20 vezes citadas

¹² Todas estas afirmações foram possíveis por meio do cruzamento de dados da base da indexação.

¹³ O tema será abordado no capítulo III desta dissertação.

Quadro 2 - Palavras-chave mais citadas.

Palavras-chave	Número de citações
Literatura	61
Crítica	52
Brasil	38
Paraná	37
Contemporâneo	35
Informes	24
Ensaio	21
Escritor	20
Movimento	20

Fonte: Indexação, base de dados NELIC.

Ao observar a tabela, temos a confirmação da proposta de atualização sob a qual *Joaquim* se propunha, desde o primeiro número, como a atualização da literatura por meio da crítica, de ensaios, de escritores no Brasil e no mundo, ou seja, a ideia de mostrar aos leitores a importância de rever a literatura. Outro dado relevante que pode ser observado nessa tabela é a preocupação da revista com a crítica.

Ao afirmarem que a intenção era atualizar as artes no estado do Paraná, torna-se uma ferramenta interessante de análise, isso porque queriam mostrar aos leitores o que não consideravam contundente nas produções que circulavam naquela época. Quando Camargo¹⁴ afirma que as pequenas revistas tinham como objetivo a produção de crítica, pode-se visualizar, por meio da tabela, como a palavra-chave “crítica” evidencia um dos pilares da revista.

A partir da indexação da revista, também, pode-se obter o vocabulário controlado de gêneros textuais que mais circularam no periódico. Com eles é possível verificar quais eram as palavras-chave mais utilizadas e confrontar com a proposta da revista: a atualização.

¹⁴ CAMARGO, Maria Lucia de Barros. **Sobre revistas, periódicos e qualis tais**. Florianópolis, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-784X.2013v13n20p5>>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

Quadro 3 - Vocabulário mais citado.

Vocabulário Controlado	Número de repetições
Ficção	72
Poemas	55
Informe	40
Ensaaios diversos	26
Ensaio literatura	22

Fonte: Indexação, base de dados NELIC.

É interessante observar como há um predomínio de textos ficcionais em relação aos poemas. Esse dado pode ser associado aos escritores que os diretores da revista elegeram como seus representantes, dentre estes, Kafka, Joyce, Gide, Woolf, Mansfield, escritores que tinham uma produção maior, se não única, destinada ao romance¹⁵.

A revista inicia suas atividades com grandes representantes da poesia, mas ao longo das publicações há a preponderância de publicações e discussões sobre a ficção¹⁶. Outro fator relevante a ser observado se refere ao número de informes, o que reforça a proposta da revista, que buscava a atualização, pois havia uma preocupação em manter o leitor conectado aos acontecimentos mundiais, e não somente sobre fatos regionais.

2.3 CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

Embora a *Primeira Guerra Mundial* tenha abalado o mundo, a *Grande Depressão* foi marcante para a vida política, tanto fora, como dentro do Brasil. O governo brasileiro, além de tentar impor medidas para “salvar” a indústria cafeeira do colapso, abriu precedentes para que outras atividades industriais se consolidassem no país. Boris Fausto¹⁷

¹⁵ A revista inicia com poetas, mas se fixa ao longo de suas publicações com a ficção.

¹⁶ Um fato que pode ser contestado nas histórias de literaturas, que elegem como representantes da década de 40, escritores poetas, Geração de 45. Os escritores do Primeiro Congresso de Poesia Paulista reclamavam de uma cristalização. já em 48, do termo, abafando outras manifestações que se configuraram naquele momento.

¹⁷ FAUSTO, Boris. A política externa. In: **História do Brasil**. 10 ed. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 393.

afirma que não houve grandes crescimentos nas décadas de 30 e 40, mas essa diversificação de industrialização foi capaz de transformar o cenário urbano. Isso explica a grande transformação que as cidades tiveram a partir da década de 30, principalmente nas metrópoles.

As grandes cidades brasileiras começam a se desenvolver, a expandir seus territórios. A partir deste momento, elas passam a ser um atrativo ao trabalhador que, até então, via o campo como uma fonte de renda. As transformações urbanas, presentes na política da década de 30 e 40, caminham lado a lado com as transformações culturais.

No entanto, sabe-se que o *Golpe do Estado Novo* transformou o país em muitos aspectos, a começar pela política e depois a cultura. Seguindo a Constituição, em 1938, deveria haver o processo de eleição de um novo presidente. Com a aniquilação dos adversários, Getúlio Vargas e seus aliados (principalmente Góes Monteiro), em 1937, deram o golpe de estado que ficou conhecido como período do *Estado Novo* (1937-1945).

No ano de 1937, o Estado Novo criou vários departamentos para a administração do regime, dentre eles a DNP (Departamento Nacional de Propaganda), posteriormente, DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). O DIP foi criado com o intuito de controlar e ao mesmo tempo promover o Estado. Segundo Capelato, o departamento:

produzia e divulgava o discurso destinado a construir certa imagem do regime, das instituições e do chefe do governo, identificando-os com o país e o povo. Assim, produziram-se livros, revistas, folhetos, cartazes, programas de rádio com noticiários e números musicais, além de radionovelas, fotografias, cinejornais, documentários cinematográficos, filmes de ficção etc. Nesse conjunto, destacam-se a imprensa e o rádio como os meios mais utilizados para a divulgação da propaganda política.¹⁸

Por muito tempo, foi dada a direção do DIP a Lourival Fontes¹⁹, jornalista responsável por cooptar intelectuais para o governo. Em

¹⁸ CAPELATO, Maria Helena. O controle do estado sobre os meios de comunicação. In: **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 173.

¹⁹ Lourival Fontes nasceu no Sergipe e lá participou, como jornalista, em diversos periódicos, inclusive de revistas como Hierarquia (com tendências

tempos de escassez, eles ofereciam uma quantidade boa de dinheiro àqueles que aderissem aos projetos propostos pelo regime²⁰. Dentro do departamento havia várias subdivisões, responsáveis por determinados setores da comunicação, como: Divisão de Rádio (responsável por controlar a emissão da *Hora do Brasil*, hoje conhecida como *A voz do Brasil*, emitida das 20 às 21 horas todos os dias); Divisão de Cinema e Teatro (responsável pela censura de filmes e peças teatrais); Divisão de Divulgação (responsável por promover o governo e a cultura). É nesse departamento que muitos intelectuais se cruzaram (indiretamente) com o objeto estudado.

Embora o domínio do Estado fosse muito empobrecedor para o país, devido à diversas represálias a intelectuais²¹ e pelo fato de a cultura ser subordinada ao DIP, por outro lado, o governo estado-novista investiu bastante no campo das artes²². É interessante observar que, depois da *Semana de Arte Moderna*, surgiram vários movimentos em defesa da “brasilidade”, fator que mais tarde. Mário de Andrade chamaria de “regionalismo artificial”²³. O criador de Macunaíma, em seus escritos de retrospectiva do Modernismo, ressalta o tema, alegando

fascistas). Em 1930, foi aliado da coligação que elegeria Getúlio Vargas ao poder, que resultaria, mais tarde, na sua nomeação como dirigente do DIP (1937-1942).

²⁰ Em depoimento colhido de escritores da época, sabe-se que o governo pagava melhor os intelectuais, pois o país ainda não reconhecia o exercício de um escritor, de um pintor ou artista plástico como trabalho. Assim, muitos trabalhavam em serviços públicos e publicavam seus escritos como uma segunda atividade. Ver Raul Antelo *Literatura em revista*.

²¹ Refiro-me a intelectuais comunistas em sua maioria. Segundo depoimento de Joel Silveira à Folha de São Paulo, em 09 de janeiro de 1979, reproduzido no livro *Literatura em Revista* de Raúl Antelo, a maioria dos intelectuais que não aceitava ou não era aceita pelo governo foi os comunistas. Em relação aos investimentos, não se pode esquecer que houve um avanço significativo de traduções literárias e culturais, mas o que tornou o governo empobrecedor foi a maneira como ele usou a cultura para subornar e controlar o meio intelectual. ANTELO, Raul, *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984 p.09.

²² Diga-se de passagem, tudo o que interessava ao seu projeto de Nação. Por isso, o investimento em artistas e intelectuais com tendências distintas como Graciliano Ramos, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, Di Cavalcanti.

²³ ANDRADE, Mário de. Regionalismo. In: SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos**. 2º ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 553-554.

²³ ANDRADE, op. cit., p. 553.

que muitos não entenderam o propósito do movimento e o tornaram exagerado, ao confundir liberdade poética com anarquia às normas poéticas.

Outro crítico importante para a revista *Joaquim*, Sérgio Milliet, em seu *Diário Crítico*, também “reclama” do rumo que, no Estado Novo, tornaram as conquistas do Modernismo. Ele afirma que a liberdade, uma das conquistas mais importantes do Movimento Modernista, dá toda a chance ao poeta de expandir. No entanto, afirma que considerar a liberdade de forma uma vitória do anarquismo não é o mesmo que dar a chance ao poeta de criar, pois “Os grandes foram grandes na medida em que se mostraram capazes de desobedecer à regra comum e de criar uma lei de uso próprio. Só assim, conseguiram expressar o que tinham de incomum, de invulgar”.²⁴ Ou seja, usar do conceito de uma identidade nacional, ufanista, não era nem de perto a defesa dos modernistas, mas sim a “muleta” de alguns para alcance de alguma vontade individual ou de um pequeno grupo pobre de concepções literárias e artísticas.

Vale a pena lembrar que a relação dos artistas da época com o governo getulista não era tão radical, nem tão simples de ser explicada. Capelato²⁵ afirma que a preferência de propaganda do governo eram os jornais e revistas (literários ou não), fazendo com que muitos escritores participassem de periódicos ou projetos culturais financiados e controlados diretamente pelo governo varguista:

A cooptação dos jornalistas se deu através das pressões oficiais, mas também pela concordância de setores da imprensa com a política do governo. É importante lembrar que Getúlio Vargas atendeu a certas reivindicações da classe, como por exemplo a regulamentação profissional que garantia direitos aos trabalhadores da área. Muitos jornalistas não se dobraram às pressões do poder, mas, segundo Nelson Werneck Sodré, foram raríssimos os jornais empresariais que não se deixaram corromper pelas verbas e favores oferecidos pelo governo. Por um lado, o

²⁴ MILLIET, Sérgio. 20 de setembro. *Diário crítico*. Vol. III. São Paulo: Martins-Edusp, 1981, p. 156.

²⁵ CAPELATO, Maria Helena. A imprensa e o rádio: principais veículos de propaganda. In: **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas 1999, p. 175.

autoritarismo do Estado Novo explica a adesão e o silêncio de jornalistas; por outro, não se pode deixar de considerar que a política conciliatória de Getúlio Vargas, aliada à “troca de favores”, também surtiu efeito entre os “homens de imprensa”.²⁶

Os caminhos que o governo varguista (ou melhor: Lourival Fontes e sua equipe) adotou conseguiram apanhar um número significativo de intelectuais para o seu lado, o que de certa maneira favorecia o projeto de nacionalismo. Cassiano Ricardo foi um dos que aderiu convictamente aos projetos do governo. O escritor, que participou do grupo *Anta*, segundo Schwartz²⁷, defendia um modernismo nacionalista e ufanista, representado pelos grupos *Verde-Amarelo*, *Anta* e mais tarde, *Bandeirantes*, que ajudou a fundar. Como o projeto trabalhava com a ideia de Estado-Nação, não tardou muito para que o escritor fosse “convidado” a participar no governo. Segundo Antelo, Cassiano Ricardo defendia o governo por acreditar que o *Estado Novo* eliminaria “os radicalismos de direita e esquerda”.²⁸ No entanto, sabe-se que o posicionamento de Getúlio era ambíguo, em todos os sentidos, inclusive nos seus discursos; e tudo o que ele não fez foi decidir abertamente seu posicionamento.

Em seus discursos para a grande massa (rádio ou em palestras), era possível verificar como o chefe de estado conseguiu, ao mesmo tempo, promover o governo e se autopromover, ser o mais próximo, no discurso, de seus leitores e ouvintes, além de afirmar a ideia de uma nação - o Brasil - única e homogênea:

Senhores – Volto ao Paraná decorrido mais de um decênio da gloriosa jornada de 30 e não posso ocultar a emoção com que o faço. Tão longa ausência não significa esquecimento. Estivestes continuamente presentes na minha lembrança. Às exigências multiformes da administração impediram-me, porém, de voltar ao vosso hospitaleiro tão depressa quanto eu desejava. Acompanhei de longe vosso crescente progresso,

²⁶ CAPELATO, op. cit., p. 175.

²⁷ BOSI, Alfredo. A Parábola das Vanguardas Latino-Americanas. In: SCHWARTZ, Jorge. As vanguardas latino-americanas. São Paulo: Edusp, 2008, p. 37-44.

²⁸ ANTELO, Raúl. Literatura em revista. São Paulo: Ática, 1984, p.10.

oferecendo todos os meios indispensáveis ao seu desenvolvimento, dependentes direta ou indiretamente da ação do Governo Nacional.[...] Como Chefe do Governo não costumo distinguir no Brasil regiões ou zonas, Estados grandes ou pequenos. A todos equiparo na minha estima e nos cuidados de administração. Tenho percorrido o país em diversas direções, visitando os principais centros de atividade, e no contato com as suas populações sempre me orgulhei, tanto como aqui, de ser brasileiro e de trabalhar pelo engrandecimento da pátria.²⁹

É interessante observar que o discurso exalta o golpe de 30, inclusive, a revista na qual se tirou a citação do discurso de Vargas foi uma criação do DIP, dado aos cuidados de Almir de Andrade³⁰. A revista contava com a colaboração de intelectuais, como Graciliano Ramos e Guerreiro Ramos, além de uma boa parte de chefes de departamentos que publicavam, em colunas fixas, assuntos relacionados àquilo em que trabalhavam.

Na citação, também há a figura de um Chefe de Governo que se diz “à trabalho” de uma nação, de um subserviente dos interesses do povo (diga-se a elite), mas que detinha o poder de tudo, tendo mãos de ferro aqueles contrários ao seu interesse de manter um poder totalitário, escondido sob às máscaras de uma propósito de uma Nação una e próspera.³¹

O fato de Getúlio Vargas ir à província e manter os “olhos abertos” com os intelectuais paranaenses, deve-se ao fato de lá ter sido sediado focos importantes, manifestações nazistas e socialistas. Para os mais próximos do interventor Manoel Ribas³² não foi novidade a perseguição aos comunistas, mas a intensidade com que foram perseguidos foi maior quando Manoel Ribas fora nomeado ao cargo, em 1932. Por comunistas, o Interventor do estado do Paraná tinha como

²⁹ VARGAS, Getúlio. In: Cultura Política, ano IV n°. 38, p.07, mar. de 1944.

³⁰ Cultura Política foi criada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda em 1941 e teve seu último número publicado em 1945 (n°. 50). Contava com a direção de Almir de Andrade e com publicações de Graciliano Ramos, Nelson Werneck Sodrê, Lourival Fontes, entre outros.

³¹ O livro de Raul Antelo, *Literatura em revista*, retrata muito bem o período e os discursos de Getúlio e dos intelectuais que o cercavam.

³² Interventor no Estado do Paraná no período do Estado Novo.

“integralistas, nazistas e estrangeiros ‘não assimilados’”³³. Além de ter que lidar com a eliminação da “oposição”, outra organização que o Interventor e o Estado Novo fez foi fechar *O Círculo Paranaense do Partido Nazista*, fundado no final da década de 20³⁴. Como exemplo de “ameaça”, tem-se o jornal semanal chamado *Der Kompass*. O jornal foi criado por imigrantes e tinha como “objetivo” informar a população teuto-brasileira sobre os acontecimentos na Alemanha. Com a lei instaurada pelo estado-novismo, para que o português fosse a única língua de publicações impressas, eles foram obrigados a traduzir o periódico, não resistindo por muito tempo (dada a pressão da população e do governo); encerrou suas publicações em 1941.

Para a execução de atividades políticas a favor de interesses do estado-novismo na então província, foi nomeado Valfrido Pilotto³⁵ (intelectual muito conhecido dos moços de Curitiba e primo de Erasmo Pilotto) como delegado do DOPS (Departamento de Ordem e Política Social) estadual até meados da década de 40, para que fosse responsável pela repressão a interesses que não fossem “comuns” ao Estado. Em seu período de atuação tinha como função primordial manter a ordem, principalmente em se tratando de comunistas e integralistas³⁶. No entanto, mesmo que o governo quisesse manter a ordem, sempre que

³³ ATHAIDES, Rafael, 2014 *apud* ATHAIDES, Luciana Agostinho Pereira. **O DOPS paranaense frente à Ação Integralista Brasileira durante o Estado Novo (1937-1945): do “atentado contra o regime” à “associação nazi-integralista”**. 2015. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015, p. 36.

³⁴ O jornal foi criado em 1902 e fechou suas portas em 1941. A tradução mais próxima do português é *A bússola*. ANTONIELLI, Diego. **O jornal curitibano que flertou com Hitler**. Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/historia/o-jornal-curitibano-que-flertou-com-hitler-2iflb1aagou6o5o45ydnnoj5y6>>. Acesso em: 18 de abr. de 2016.

³⁵ Intelectual que participavam do movimento Paranista e era ridicularizado na coluna *Oh! as idéias da província...*, pelos diretores.

³⁶ A sede do partido nazista em Curitiba foi fechada com a instauração do Estado Novo, e com isso as perseguições aos alemães e outros imigrantes europeus se intensificaram, tanto por parte da polícia, quanto por parte da população da cidade que os hostilizava e até os agredia. Isso pode ser observado em vários jornais locais da época. Embora seja uma ficção, o livro *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier, retrata o período em que habitantes de Curitiba não olhavam com “bons” olhos imigrantes, principalmente, porque eles trouxeram junto a gripe espanhola.

podiam, os intelectuais burlavam a fiscalização (DOPS) e publicavam discussões hostis ao governo, como União Soviética e o comunismo.

Dentre os intelectuais que tentavam inserir esses temas nos jornais locais, tem-se o participante mais próximo dos moços da *Joaquim*: Temístocles Linhares. O encontro entre amigos durante a madrugada ficou conhecido como *A Patrulha da Madrugada*³⁷. As reuniões, do então grupo, aconteciam depois do expediente de trabalho e eram compostas por jovens intelectuais que publicavam temas relacionados a eventos mundiais, espinhosos ao governo, nas páginas do jornal *A Gazeta do Povo* e do jornal *O Dia*³⁸. Temístocles Linhares e seu amigo Bento Munhoz da Rocha planejaram mexer com a monotonia dos jornais locais. Enfim, conseguiram. Mas conseguiram, também, irritar Vafrido Pilotto, que foi pessoalmente aos jornais dar um “basta” às publicações. Mais tarde, Temístocles Linhares ficaria conhecido por ser integrante do Café Belas Artes (local de encontro dos moços e de embrião da revista *Joaquim*), que ficava em frente ao “Senadinho” (lugar de encontro dos “Emilianos por osmose” como disse Wilson Martins³⁹), onde reunia a elite intelectual.

O grupo era formado por Temístocles Linhares, Bento Munhoz da Rocha, Milton Carneiro, Caio Machado, Leo Cobbe. Eles travavam discussões, durante a madrugada, de temas caros ao governo. No entanto, os intelectuais, citados acima, passaram da conversa em círculo para publicações de suas ideias no jornal local. Temístocles, o mais empolgado de todos, publica um artigo chamado *Rússia, esperança do mundo*⁴⁰, artigo que defende alguns aspectos da política russa, pois ela é vista como uma esperança para que o mundo entre nos eixos. Além disso, afirma que Rússia está muito próxima dos ideais cristãos, o que, de certa maneira, faz com que o crítico tenha simpatia por esse governo. Além disso, as publicações se tornaram interessantes por trazer à tona temas que causavam curiosidade e discussões longas, tanto para intelectuais quanto para os leitores.

³⁷ Embora não seja o foco deste trabalho, é interessante observar como a posição de Temístocles Linhares como defensor de ideias socialistas (1943) é perceptível nas páginas da revista *Joaquim*.

³⁸ *A Gazeta do Povo* iniciou suas atividades em 03 de fevereiro de 1919 e o jornal *O Dia* iniciou suas atividades em 1923.

³⁹ MARTINS, Wilson. *Renascenças curitibanas*. Curitiba, 1997. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins025.html>>. Acesso em: 18 de mar. de 2016.

⁴⁰ LINHARES, Temístocles. *Relíquias de uma polêmica entre amigos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Valfrido Pilotto e um círculo de pessoas trabalhavam em prol da construção de uma identidade forçada pelo grupo Paranista no Estado. Contudo, essa identidade era seletiva, pois poucos intelectuais participavam. Então, forjar uma tradição regionalista artificial (europeia e branca) era o caminho mais fácil e nobre para o projeto de literatura de um estado marcado pela diversidade.

2.4 EM ÂMBITO NACIONAL

Em âmbito nacional, a falta de posicionamento do governo abalou as relações com a “política” da boa vizinhança instaurada pelo governo de Franklin Roosevelt na América. Isso porque, no momento em que a *Segunda Guerra Mundial* se intensificou na Europa, a falta de um posicionamento de Getúlio Vargas gerou certo clima de desconfiança por parte dos Estados Unidos e da Alemanha. Entretanto, em discursos “oficiais”, o governo sempre “arranjava” uma maneira de explicar e se esquivar da responsabilidade política (do que melhor lhe convinha) adotada.

O fato de Getúlio manter certa neutralidade em relação à política externa pode ser observado nas páginas da revista *Cultura Política*⁴¹, mas nela, também, pode ser vista uma brusca inversão de pensamento diante da pressão dos Estados Unidos para que o Brasil entrasse na Guerra e que fosse aliado ao eixo americano. É o caso da revista de edição especial para assuntos da Guerra.

O que Getúlio não contava era que, quando os “heróis de guerra” voltassem ao país, haveria “um grande entusiasmo popular, contribuindo para acelerar as pressões pela redemocratização no país”⁴². Com tanta pressão, tanto dos partidos clandestinos quanto da população mais elitizada, Vargas foi “obrigado” a declarar eleições diretas em um prazo de 90 dias, contados a partir de 28 de fevereiro de 1945.

O ano de 1945 foi marcante para a vida cultural e política. Com data marcada para as eleições diretas, certa empolgação tomou conta dos intelectuais. Em janeiro de 1945, foi realizado o *I Congresso de Escritores do Brasil*, que, dentre vários motivos, reivindicava uma maior liberdade dos intelectuais. Na *Declaração de Princípios*, escrita pelos congressistas, estes reivindicavam maior liberdade intelectual e política

⁴¹ **CULTURA POLÍTICA: Revista Mensal de Estudos Brasileiros.** Rio de Janeiro: S/e, v. 03, n. 31, 22 ago. 1943. Edição Extraordinária.

⁴² FAUSTO, Boris. A política externa. In: **História do Brasil.** 10 ed. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 393.

aos escritores e ao povo brasileiro, tendo em vista que os soldados brasileiros foram ao campo de guerra para defender a democracia, e não o fascismo. Segue abaixo o texto:

Os escritores brasileiros, conscientes de sua responsabilidade na interpretação e na defesa das aspirações do povo brasileiro, e considerando necessária uma definição de seu pensamento e de sua atitude em relação às questões políticas básicas do Brasil, neste momento histórico, declaram e adotam os seguintes princípios:

Primeiro – a legalidade democrática como garantia da completa liberdade de expressão do pensamento, da liberdade de culto, da segurança contra o temor da violência e do direito de uma existência digna.

Segundo – O sistema do governo eleito pelo povo mediante sufrágio universal, direto e secreto.

Terceiro – Só o pleno exercício da soberania popular de todas as nações, torna possível a paz e a cooperação internacionais, assim como a independência econômica dos povos.

CONCLUSÃO – O congresso considera urgente a necessidade de ajustar-se a organização política do Brasil aos princípios aqui anunciados, que são aqueles pelos quais se batem as forças armadas do Brasil e das Nações Unidas.⁴³

O *I Congresso de Escritores do Brasil* teve apoio de intelectuais de renome, como Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Astrojildo Pereira, Anibal Machado, simpatizantes do partido comunista, simpatizantes de outros movimentos políticos ou não. No entanto, as diferenças foram esquecidas em certo momento, segundo Candido⁴⁴, para que pudessem somar forças contra a ditadura. O evento deixou os escritores apreensivos, principalmente, porque trataram (em sua abertura) da ideia de uma classe unida em prol de uma sociedade intelectual menos individualista, além do pedido de direito à livre expressão e a revisão

⁴³ **LITERATURA**. Rio de Janeiro: [S.n.], ano. 1, n. 1, set. 1946, p. 02-03.

⁴⁴ CANDIDO, Antonio. O Congresso dos escritores. In: **Terezinha etc**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.112-107.

dos direitos autorais.⁴⁵ Percebe-se no discurso da *Declaração de Princípios* que o congresso não teve somente interesses relacionados ao meio intelectual de liberdade de expressão literária e política, afirmando, mais uma vez, a linha tênue que separa literatura e política.

Alguns dos escritores que participaram do congresso atuaram na revista *Joaquim*. Logo, não só o conhecimento da crítica destes intelectuais foi importante para a revista estudada, mas a atitude de defender um propósito (contrariando o governo), de serem irreverentes, foi um grande marco para esta geração de escritores e para os integrantes da *Joaquim*.

Sem a redemocratização do país e as mudanças conquistadas pelos intelectuais, após o fim do regime estado-novista, as condições de alcance e duração da revista *Joaquim* poderiam não ser as mesmas. Assim, seus longos dois anos não poderiam ser alcançados e, possivelmente, não passaria dos sete números⁴⁶.

Foi neste cenário de incertezas e euforias que, em abril de 1946, a revista *Joaquim* nasceu, com a sede de mudança de jovens que viam na liberdade de expressão literária e artísticas um meio de mudar concepções tão arraigadas e artificiais no estado do Paraná.

2.5 MAS AFINAL, O QUE SÃO REVISTAS LITERÁRIAS?

O termo revistas literárias, em si, é controverso e muitas vezes confuso. Por isso, optou-se por discorrer sobre o motivo pelo qual o termo é usado, para distinguir a revista *Joaquim* e observar qual era a função dessas pequenas revistas para o meio intelectual.

⁴⁵ É interessante notar que durante o ano de 1945, em seu *Diário Crítico*, Sérgio Milliet não comenta sobre desenrolar do Congresso, que por sinal teve ele como uma figura muito importante. MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico IV**. São Paulo: EDUSP, 1981.

⁴⁶ Segundo Maria Lucia de Barros Camargo, o mal dos sete números foi um termo, irônico, usado por Olavo Bilac ao afirmar que a maioria das revistas literárias tinham dificuldades em se consolidar no Brasil em detrimento de poucos apoios financeiros. CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. **Travessia**, Florianópolis, v. 40, n. 01, p.21-36, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/13089/12169>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

Lafleur em seu livro, *Las revistas literarias argentinas (1893 – 1967)*⁴⁷, lembra que umas das características das revistas literárias são o que ele chama de “fatalidade de uma vida breve”. Isso porque a maioria delas não contava com grandes incentivos financeiros, e acabavam por esbarrar nestas dificuldades, fato que interrompia a maioria destas produções. Segundo o mesmo autor, as revistas literárias são, muitas vezes, o reflexo de sua época, contudo, o que elas menos queriam era a conformidade com seu momento de atuação, mas sem deixar de dialogar com ele.

Segundo Maria Lúcia de Barros Camargo⁴⁸, em seu início, a revista ficou à deriva do jornal, mas, ao longo do tempo, ela foi adquirindo outras formas até ser independente dele. Entretanto, determinar o que seria ou não uma revista iria depender do momento da publicação em que ela está inserida. Portanto, as revistas se moldam e moldam tempos, não sendo possível descrever características próprias deste gênero.

As revistas literárias, segundo Camargo⁴⁹, tiveram suas primeiras tiragens a partir do movimento Simbolista. Essas pequenas revistas, termo, segundo ela, proposto pela crítica literária norte-americana, “deve-se especialmente ao fato de tais revistas serem caracterizadas pelas tiragens reduzidas, pela periodicidade nem sempre mantida, e pela vida relativamente curta, o que se aplica às revistas literárias brasileiras, especialmente aquelas dedicadas à poesia”⁵⁰.

A autora afirma que há um direcionamento das revistas para um determinado público. Há revistas que se dedicam a assuntos culturais, mas não se aprofundam em algum tema. Caso diferente da revista literária que valoriza a presença do que a autora chama de “criação e crítica”. Assim os intelectuais podem, ao mesmo tempo em que lançam

⁴⁷ LAFLEUR, Hector; PROVENZANO, Sérgio e ALONSO, Fernando. **Las revistas literarias argentinas 1893-1967**. Com prólogo de: Marcela Croce. Buenos Aires: El 8vo. loco, 2006.

⁴⁸ CAMARGO, Maria Lúcia de. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. **Travessia**, Florianópolis, v. 40, n. 01, p.21-36, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/13089/12169>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

⁴⁹ CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. **Travessia**, Florianópolis, v. 40, n. 01, p.21-36, 2003.

⁵⁰ CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Por que ainda lemos revistas de poesia?: Poesia brasileira em suas revistas. **Boletim de Pesquisa NELIC**, Florianópolis, v. 13, n. 20, p.05-14, 2013.

suas produções literárias ao público, discutir temas teóricos que acham pertinentes ao grupo e ao leitor.

Os periódicos literários surgem com o desejo de expandir as produções idealizadas pelo grupo formador. Se firmar no meio literário sem esse agrupamento, não há possibilidade de surgir uma nova revista literária, conforme propunham os movimentos vanguardistas. Já as revistas contemporâneas são revistas, em sua maioria, dirigidas por um poeta, e não possuem manifestos e propostas de um grupo. Elas, geralmente, contêm uma apresentação nas primeiras edições e são financiadas por editoras, representando o ponto de vista de um intelectual, não de um grupo.

Embora Camargo faça a análise a partir de revistas de poesia contemporâneas, neste texto, pode-se perceber que a revista estudada já apresenta sintomas observados nas revistas contemporâneas, como a ideia da revista de um homem só, pois, para a construção da revista, surgiu a partir de um idealizador: Dalton Trevisan.

No entanto, para que houvesse a consolidação de uma revista e o respaldo ao projeto que tinha em mãos, o escritor buscou a integração de Erasmo Pilotto e, posteriormente, Temístocles Linhares ao grupo de intelectuais “indignados” com o marasmo cultural local. Dessa maneira, sabia que, para obter sucesso e impacto naquele momento, precisaria do respaldo de intelectuais “conhecidos” e “respeitados” pela crítica. Essa política não se restringiu somente aos intelectuais locais; a direção enviava remessas da revista a Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Otto Maria Carpeaux, José Lins do Rego, Oswald de Andrade, para que pudesse consolidar a reputação da revista.

2.6 O SURGIMENTO DE REVISTAS CULTURAIS E LITERÁRIAS NA DÉCADA DE 40

A década de 40 foi muito representada, no âmbito da literatura brasileira, por revistas literárias, embora se saiba que o período não seja o auge destas publicações. Algumas eram vinculadas diretamente ao governo, já outras eram publicações independentes, de determinados grupos de intelectuais. Circularam na época: *Edifício* (Belo Horizonte, 1947); *Orfeu* (Rio de Janeiro, 1948); *Agora* (São Paulo, 1948-?); *Uirapurú* (Joinville, 1948-?) e *Sul* (Florianópolis, 1949-1952), revistas que mantinham contato direto com a revista *Joaquim*⁵¹. Estas eram de

⁵¹ Essas revistas aparecem constantemente nos números da *Joaquim*, algumas se dizem fruto da revista como *Magog*.

pequena circulação (Como a *Joaquim*), mas mantinham intenso contato entre si.⁵²

Outras revistas também circularam, tais como: *Acadêmica* (Rio de Janeiro, 1933-1948); *Dom Casmurro* (Rio de Janeiro, 1938-1944); a terceira fase da *Revista do Brasil* (São Paulo, 1938-1943); *Lanterna Verde* (Rio de Janeiro, 1934-1944); *Cadernos da Hora Presente* (São Paulo, 1939-1940); *Cultura* (Rio de Janeiro, 1948); *Literatura* (Rio de Janeiro, 1946-1948); *Cultura Política* (Rio de Janeiro, 1941-1945); *Leitura* (Rio de Janeiro, 1942-1947); *Clima* (São Paulo, 1941-1943).⁵³

Dentre as revistas que se sobressaíram na década de 40, destaca-se a *Clima*. Com as primeiras tiragens de 1941-1943, a revista representava a união de jovens que tinham por objetivo discutir as teorias que estavam circulando na Faculdade de Filosofia Letras e Artes de São Paulo. Segundo Antonio Candido⁵⁴, a revista teve dois momentos distintos, do número 01 ao número 11, mais preocupada com a crítica. No entanto, a partir da edição número 12, segundo Candido, o periódico foi introduzindo aos poucos questões políticas mais sólidas e visíveis.

O outro periódico importante para a revista *Joaquim* foi o suplemento dominical *Letras & Artes* (Rio de Janeiro, 1946-1953), do jornal semanal *A manhã*⁵⁵. Pela leitura do suplemento, pode-se perceber

⁵² Antonio Candido, em um artigo intitulado *Revistas*, no qual ele compara três revistas que circulavam naquele momento, *Joaquim, Magog e Edifício*, afirma que a mais “madura” em propostas é a revista editada no Paraná. As outras são repetições do que ele chama de velho. Posteriormente, o texto foi reedita na seguinte revista: CANDIDO, Antonio. *Revistas*. In: **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo, ano V, nº. 05, p. 230-234, 2000.

⁵⁴ CANDIDO, Antonio. *Terezinha etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 158.

⁵⁵ Segundo Raúl Antelo, o jornal *A manhã* fora fundado pelo governo varguista em maio de 1941, com o intuito de difundir as ideias do governo, e ao mesmo tempo o promover. No jornal havia o *Suplemento Dominical de Letras & Artes*, que contava com escritores de peso, como: Cecília Meireles, Alceu Amoroso Lima, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet (ambos com estreita ligação com a revista *Joaquim*). É interessante observar as notas que o suplemento fazia da revista *Joaquim*: em 14/07/46, anunciam o recebimento da revista *Joaquim*: “a interessante revista mensal de arte editada, em Curitiba, ‘Em homenagem a todos os joaquins do Brasil’. É uma publicação realmente original, já se vê pelo nome, e que apresenta um grupo de escritores e ilustradores de alto valor. Trata-se de uma contribuição fecunda e vigorosa que o Paraná oferece às letras e às artes do país, através de uma nova e esplendida geração”. Entretanto, essa relação afetuosa nem sempre foi presente com Trevisan. Mesmo com o término

que alguns escritores transitavam entre as revistas: Otto Maria Carpeaux, Temístocles Linhares, Dalton Trevisan (e sua estreia com o livro *Sonata ao Luar*), Dora Ferreira da Silva e Tristão de Athayde. O suplemento se torna importante divulgador da revista *Joaquim*. Além disso, nele havia intelectuais e escritores consagrados ao meio artístico e literário, o que trazia respaldo à revista. Também, o periódico carioca foi de suma importância, por abrir discussões que se refletem no periódico estudado. Caso, por exemplo, da discussão em relação ao fim ou não do modernismo, acirrado pela morte de Mário de Andrade, em fevereiro de 1945.

No suplemento *Letras & Artes*, Tristão de Athayde fomenta a discussão em relação ao início de nova concepção literária, em texto publicado na data de 24/08/1947, intitulado *Neo-modernismo*. A partir dessa discussão, Péricles Eugênio da Silva Ramos, na *Revista Brasileira de Poesia*⁵⁶ (São Paulo, 1947-1952), outra revista que manteve contato

da revista estudada, o escritor continuou a contribuir e a representar o suplemento no Paraná. Contudo, percebe-se, ao longo dos anos, que a relação fica cada vez mais “conflituosa” com o diretor da revista, por ele expor intelectuais como Botto, escritor de estreitas relações com os participantes do periódico do Rio. Em nota ao público leitor, os diretores do Suplemento Dominical reiteram que “Aos admiradores da obra de Antonio Botto esclarecemos que não endossamos a opinião de Dalton Trevisan. Reproduzimo-la apenas”. A crítica que o jornal cita é a seguinte: “o boto, bate, bite bite, não vende sua boca de cravo tão barata: setenta e cinco cruzeiros é o preço! A poesia do doutor Antonio Botto, feita de lugares comuns, é de um lirismo barato de sabonete de loja de turco. Se, de algum modo, é celebre o poeta, o é pela sua ‘carne de seda’ ou ‘ombros florentinos’ e jamais pela sua obra”. TREVISAN, Dalton. Poeta à venda. **Suplemento Dominical de Letras & Artes**. Rio de Janeiro, p. 10, 04 abr. 1948.

⁵⁶ Revista Brasileira de Poesia: Fundada em dezembro de 1947 por Péricles Eugênio da Silva Ramos (diretor), Carlos Burlamaqui (diretor-administrativo), Domingos Carvalho da Silva (Secretário), Geraldo Vidigal e João Accioli (subsecretários). A revista possuía a mesma capa em todos os números, mas com evidência (em vermelho) as primeiras letras (RPB). As cores sempre eram três: vermelho, preto e verde. Além disso, a diagramação usada dava “ar” de uma revista “séria” e “intelectual”, pois usava letras com ângulos retos e números romanos para a indicação do ano, como se já em sua capa o leitor pudesse perceber que o intuito do grupo era a volta às formas clássicas. O periódico se divide em seções como: Poemas, com a publicação de poetas importantes para o grupo; seção de artigos e ensaios e; a seção de tradução, bilíngue, com direito a uma pequena biografia do autor traduzido nas últimas

com a *Joaquim*, publica o artigo *Neo-modernismo*⁵⁷, fazendo algumas ponderações aos apontamentos de Athayde; em seguida, a discussão chega ao Paraná por meio de José Paulo Paes, com o título de *Post-modernismo*⁵⁸ publicada na revista estudada. A discussão se torna importante para revista, porque um dos temas “espinhosos” seria a desvinculação de sua geração com o Modernismo de 22, isto é, queriam mostrar aos intelectuais que a literatura e as artes passavam por um processo de transformação.

Segundo Simone Dias⁵⁹, quando Tristão de Athayde inicia as discussões sobre o post-modernismo na revista *Lanterna Verde*, o termo era usado para designar todos os movimentos nascidos depois do Modernismo de 22.

Estavam na mesma sintonia com estas discussões a *Revista Brasileira de Poesia*⁶⁰ (São Paulo, 1947-1960). Na edição número 18, encontra-se o *Manifesto dos novíssimos* (edição nº18 Joaquim). O manifesto traz indagações que permeiam os jovens intelectuais da época que queriam discutir os novos rumos nas letras e artes. Na revista Brasileira de Poesia, havia um participante comum com a revista estudada: Sérgio Milliet, que além de intermediar a sua geração com a dos jovens, foi responsável por organizar o *I Congresso de Escritores de São Paulo*⁶¹ aconteceu em 1948 e contou com a presença de escritores como Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva. Eles se autodenominaram “A geração do 1º semestre de 1948” ou os “Novíssimos”, como descritos no manifesto deste grupo, publicado na revista. Isso porque Domingos afirmou que havia a presença de uma “nova” poesia brasileira que teria nascido da inquietação dos moços que queriam levar a frente somente as

páginas da revista. Interessante observar que Sérgio Milliet participava da revista no conselho consultivo como poeta e tradutor.

⁵⁷ Ramos, Péricles Eugênio da Silva. Neo-modernismo. In: **Revista Brasileira de Poesia**, São Paulo, v. 1, n. 01, p.02-04, dez. 1947. A questão será abordada com mais ênfase no terceiro capítulo.

⁵⁸ PAES, José Paulo. Post-modernismo. **Joaquim**, Curitiba, ano III, n. 18, p.1-2, jun. 1948.

⁵⁹ DIAS, Simone. **Espectros de uma época**: o debate pós-moderno no periodismo brasileiro dos anos 80. 2005. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

⁶¹ O Primeiro Congresso de escritores Paulistas. In: Joaquim, Curitiba, ano III, n. 18, p.04, jun. 1948.

conquistas, deixando de lado os temas e as fórmulas batidas constantemente produzidas naquele momento. Esse discurso causou extrema irritação ao poeta Oswald de Andrade.

O congresso se tornou importante para a revista *Joaquim*, tanto pelas discussões quanto por quem as proferiu. Como discurso de abertura, tem-se um dos escritores mais importantes para a construção do pensamento da revista: Sérgio Milliet. O crítico, em seu diário, já havia transcrito algumas considerações sobre os poetas desta revista, por exemplo, em janeiro de 1947⁶², o crítico analisa alguns poemas de Péricles Eugênio da Silva Ramos, e um dos aspectos que Milliet mais ressalta da poesia de Ramos é seu domínio diante da técnica que o autor usa a seu favor, sem ter como problemas as amarras dos Parnasianos.

Outra revista que trabalhou a discussão do post-modernismo foi a *Literatura*⁶³. Segundo Antelo⁶⁴, Nelson Werneck Sodré afirma que só houve literatura brasileira a partir da década de 30, pois ele considera que o Movimento de 22 foi um “protótipo” para a abertura da literatura de nordestinos, o que ele chama de post-modernistas. Ele defende que o movimento de 30 é renovador pelo fato de ter como expressão literária problemas humanos do nosso país.

João Cabral de Melo Neto, quando fala sobre a “geração de 45”, ressalta a maneira pela qual o termo se arraigou na história da literatura, a ponto de se tornar uma terminologia aceita sem muitas discussões. E de como o grupo, na verdade, não se configurava com um grupo, no sentido do qual estamos acostumados, ou seja, da união de pessoas que compartilham de uma mesma concepção de literatura e de artes:

Essa poesia de 1945 é o desenvolvimento de uma poesia individualista, em que a expressão pessoal de sete ou oito criadores anteriores, fixava, cada uma, suas formas exclusivas. É o desenvolvimento dessas formas em sua primeira fase. Mas como ela é individualista também, e a escolha da forma-ponto-de partida é feita por motivo de preferência individual, é quase certo que vencida a primeira fase de desenvolvimento –

⁶² MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. vol. V, 12 de jan. de 1947, p. 16-22.

⁶³ A revista *Literatura* foi fundada por Astrojildo Pereira entre setembro de 1946 e novembro de 1948 e tendo como secretários Alvaro Moreyra, Aníbal Machado, Artur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa.

⁶⁴ SODRÉ, Nelson Werneck *apud* ANTELO, Raul. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática, 1984.

que, em geral, é a fase presente na geração de 45 – os melhores desses poetas se transformem também em criadores de formas de expressão exclusivas, irredutivelmente suas. O que há de comum entre os poetas que a constituem é a sua posição histórica. O momento em que iniciaram seu trabalho de criação, e que encontraram nesse momento. Esse problema, por exemplo, da utilização dos meios da prosa não se colocou igualmente para todos. Colocou-se para aqueles que tomaram como ponto de partida a maneira de um poeta em que tal problema estivesse presente. Se o ponto de partida de outro poeta não o obrigava a considerar o assunto, ele terá ficado completamente estranho a tal preocupação.⁶⁵

Com a queda do governo varguista, houve várias tentativas de grupos de intelectuais de discutir novos conceitos na literatura nacional que, naquele momento de liberdade, poderiam tomar novos rumos intelectuais. Transitavam nessa época aqueles que defendiam, ainda, o regionalismo ufanista, e aqueles que defendiam a volta à forma clássica. Mas a maioria dos intelectuais tinha a tendência ao universalismo, em razão da abertura do país aos acontecimentos mundiais.

Talvez, uma característica que possa ser atribuída à geração seja a luta de movimentos culturais e literários que tinha concepções distintas, mas que tentavam se unir para formar um diálogo comum. Logo, a revista *Joaquim* pode ser considerada uma delas.

2.7 MAS AFINAL, LUTAR CONTRA O QUÊ?

Como visto anteriormente, quando nasceu a revista *Joaquim*, a intelectualidade local era fortemente influenciada por um pequeno grupo de escritores e políticos, que se valiam das influências políticas para que houvesse o predomínio da arte local “batizada” de paranismo.⁶⁶ Sobre o

⁶⁵ MELO NETO, João Cabral de. A geração de 45. In: **Prosa e poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p. 741-752.

⁶⁶ A partir do tópico anterior, pode-se perceber a literatura e a arte da então província andava de acordo com a política cultural do governo varguista. A busca por uma identidade local e a valorização dos símbolos locais como ufanismo podiam ser percebidos, tanto na literatura como nas artes. Motivo pelo qual nasce a revista *Joaquim*, a revista que tem a coragem e o entusiasmo da juventude para reivindicar mudanças.

movimento, em 1948, Romário Martins⁶⁷ publica um artigo com o título de “Paranística”, para “esclarecer” o público sobre a relação do movimento Paranista com a origem da palavra paranismo no norte do estado do Paraná. Segundo o autor, o primeiro a usar o termo foi Domingos Nascimento⁶⁸, que, em umas de suas expedições em prol da República, havia notado que os habitantes do norte do Paraná usavam “paranistas”, e não o gentílico paranaense entre si. A palavra acabou por ser usada por Domingos Nascimento, em seus escritos para jornais, ou em seus poemas, cujo significado era habitante “defensor” da terra, um nativo do estado. Mas somente em 1927 o termo foi utilizado como nome do movimento literário e artístico no estado.

Segundo Romário Martins, a mudança no termo foi introduzida por ele, quando inaugurou na cidade de Curitiba o *Centro Paranista*, que tinha como intuito “criar um espírito e um sentimento paranista, isto é, devotados ao Paraná propício aos desenvolvimentos do Estado em todos os rumos do seu progresso e civilização”⁶⁹

O movimento criado por Romário Martins e outros intelectuais da época, foi um dos responsáveis pelo nascimento da revista *Joaquim*. Ela os acusava de criar um regionalismo artificial, forçado, que não representava mais a arte e a literatura local. Além disso, acusava-os de não atualizarem as concepções teóricas, pois veneravam, sempre, os mesmos autores e teóricos por mais de vinte anos.

Sobre o tema, Luiz Claudio Soares de Oliveira fez o interessante estudo sobre a revista *Joaquim*, com o título *Joaquim (en) contra o Paranismo*. Oliveira buscou analisar como se constituíram forças antagônicas de literatura e de arte que vigoravam naquele momento no Estado, e quais foram as armas usadas para esse “combate” pelos jovens escritores, porque, segundo o autor, o movimento paranista era artificial, forçado e pouco conhecido no interior do estado. Ele era predominante apenas na capital e em seus arredores, e era dominado por um grupo muito influente político e economicamente, pois “o Paranismo interessava aos Paranistas que se mantinham como um grupo interno dominante e herdeiro de outros grupos que se sucederam desde o final do século XIX, os quais haviam surgido e se firmado no tripé do positivismo, do simbolismo e do anticlericalismo”.

⁶⁷ **A DIVULGAÇÃO.** Curitiba, vol. 1, n 7 e 8, p. 37-38, Fev./Mar. 1948. Bimestral.

⁶⁸ Ver biografia na tabela.

⁶⁹ **A DIVULGAÇÃO.** Curitiba, vol. 1, n 7 e 8, p. 37, Fev./Mar. 1948. Bimestral.

Segundo Oliveira⁷⁰, o movimento Paranista era uma espécie de compadrio: assim, um colega só poderia ser criticado se resolvesse se desvincular dos conceitos ideológicos defendidos por eles, pois “não seria ético criticar um conterrâneo”⁷¹. Reitera o autor que a busca por uma “identidade” paranaense é fruto de um estado que se firmou como uma província após a forte política de imigração. Dessa forma, os Paranistas, artificialmente, fizeram surgir o movimento que tinha como simbologia a paisagem campestre, ou melhor, a paisagem com a araucária, o homem do campo e o ciclo da erva-mate.

Em relação à crítica em torno desse movimento, o autor afirma que se criaram características peculiares de recepção de obras, fator que causou o estopim para o nascimento de uma revista como a *Joaquim*:

Regionalmente, os próprios poetas construíram um tipo especial de crítica, diverso da nacional. Enquanto os expoentes (nacionais) buscavam analisar as produções quer em verso quer em prosa, do ponto de vista literário, apontando suas características formais e métricas, continuidades com o Romantismo, distanciamentos frente ao Parnasianismo, os críticos locais pretenderam garantir a visibilidade da literatura paranaense reafirmando primeiro a sua existência para depois discutir, do ponto de vista literário, sua pertinência.⁷²

Ainda segundo o autor, a situação se tornou tão avessa ao sentido da literatura e das artes, que a busca dessa tão sonhada identidade se tornou uma troca de elogios, uma espécie de religião, em vez de um movimento literário, ou da defesa de um movimento ou de uma estética.

É interessante o fato de que Alfredo Bosi, ao escrever o prefácio do livro *As vanguardas latino-americanas*⁷³ de Jorge Schwartz, consegue detalhar melhor o momento, quando afirma que trabalhar com as vanguardas latino-americanas é trabalhar com paradoxos, isto é, ao

⁷⁰ OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares de. **Joaquim - Dalton Trevisan (En) Contra o Paranismo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009, p. 07.

⁷¹ OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares de. **Joaquim - Dalton Trevisan (En) Contra o Paranismo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009, p. 07.

⁷² OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares de. **Joaquim - Dalton Trevisan (En) Contra o Paranismo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009, p. 28.

⁷³ BOSI, Alfredo. Prefácio. In: SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas**. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2008.

mesmo tempo em que se encontram periódicos trabalhando com o modernismo cosmopolita, pode-se observar, até no mesmo periódico ou em grupos que caminham paralelamente, defensores ferrenhos de um nacionalismo (ou regionalismo).

Nos meados da década de 40, o país contava com vários movimentos, esparsos, com concepções bem diferenciadas. Pode-se usar como exemplo a revista *Joaquim*: enquanto os “moços” tentavam dar novos ares à arte local, uma pequena classe intelectual negava-se a ceder ao novo que acreditava acabar com as raízes locais.

No decorrer da década de 40, a discussão sobre o fim ou a continuação do movimento Modernista de 22 foi um tema recorrente entre os colaboradores da revista *Joaquim*. Dentre as discussões mais presentes, dava-se suma importância para o controverso e excessivo uso do regionalismo como temática dos movimentos posteriores à Semana de 22.

Mário de Andrade, no artigo o *Regionalismo*⁷⁴, reclama da maneira extrema que havia chegado o regionalismo, pois muitos artistas caíram no que ele chama de “elemento característico, especificamente regional”, que nada tem em comum com o nacionalismo proposto pelo movimento de 22. Mais à frente, afirma que há uma “franqueza molenga de concepção criadora e uma pobreza guaçu de cultura”. Isso porque produzir uma literatura que tenha concepções muito arraigadas de regionalismo não significa que o artista represente o que há de cultura pelo país, pelo contrário, tratar o regionalismo caracterizado, segundo o autor, seria:

[...] a pobreza que vem da escassez de meios expressivos, da curteza das concepções, curteza de visão social, caipirismo e saudosismo. Comadrismo que não sai do beco e, o que é pior: se contenta com o beco. Porque quando o artista é deveras criador, bem que pode parar num beco toda a vida, porém, feito Lasar Segall nas obras brasileiras dele, tira do elemento regional um

⁷⁴ANDRADE, Mário de. Regionalismo. In: SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos**. 2º ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 553-554.

conceito mais largo, alastra o documento, humaniza-o.⁷⁵

A arte chamada Paranista, baseada em um regionalismo, usando as palavras de Mário de Andrade, foi um dos estopins ao movimento de atualização liderado pela revista *Joaquim* no estado. Abaixo, pode-se observar algumas publicações em que a revista “tentava” mostrar ao público leitor o motivo pelo qual o movimento local era movimentado pelo apadrinhamento e não pela competência de cada escritor. Os recortes foram tirados da coluna: *Oh! as idéias da província...*, da revista estudada:

O sr. Valfrido Piloto⁷⁶ é o maior prosador paranaense (I. SERRO AZUL, na Gazeta do Povo)⁷⁷

“Pálio Verde” é um livro de estréia, e com ele, estreiou bem Antônio de Laércio, se bem que A POESIA MODERNA, TENHA JÁ, EXTRIBUCHADO NO ATAÚDE. (Gabriel Fontoura, na Gazeta do Povo)⁷⁸

O que mais assinala o êxito (sic) do escrito da sra. Didi Fonseca é essa porção de interesse, que êle consegue despertar. Quem começa a ler “Dentinho de ouro”, vai até o fim (!). Isso, talvez, seja o maior elogio que se possa fazer... Apareceu um escritor a quem saúdo. (Dr. Aluízio França, na Gazeta do Povo)⁷⁹

Porém, o sujeito, calculando a altura do degrau que acusava a diferença de nível entre o piso do edifício e o plano inferior da rua, alteou a perna direita, descreveu com ela no espaço uma rápida curva geométrica, e, em seguida, executando a mesma manobra com a outra perna, de modo a fechar o passo, saltou de corpo inteiro para o

⁷⁵ ANDRADE, Mário de. Regionalismo. In: SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos.** 2º ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 553.

⁷⁶ É interessante observar que agora, os moços podiam falar abertamente sobre a literatura de Valfrido Piloto e esse não poderia usar de seu poder para punir. Como relatado acima, o delegado fora delegado da DOPs.

⁷⁷ JOAQUIM, ano I, nº 01, p.05, abril de 1946. Grifo nosso.

⁷⁸ JOAQUIM, op. cit., p. 05. Grifo nosso.

⁷⁹ JOAQUIM, op. cit. p. 09. Grifo nosso.

interior do estabelecimento, e foi caminhando...
 (De um conto de ÂNGELO DE GUARINELLO,
 na rev. da Acad. Paran. De Letras, Jan. de 1946)⁸⁰

Os recortes foram intencionalmente e ironicamente expostos pelos produtores da revista para que o público leitor pudesse observar como os escritores locais se preocupavam mais em fazer elogios entre si do que fazer crítica literária e artística. Nos recortes acima, pode-se encontrar muitas das desqualificações que Mário de Andrade definiu como problemáticas ao regionalismo extremo: no primeiro recorte, encontra-se a afirmação de que a poesia moderna já havia sido sepultada, o que demonstra a “curteza de concepção” do que seria a arte moderna. Outra questão que chama a atenção nas citações se deve ao saudosismo e comadrismo presentes entre a maioria dos escritores locais que participavam do movimento Paranista, pois afirmar que um livro é bom pelo fato de o leitor conseguir ir até o fim, não é garantia de nada, ou dizer que o escritor é o melhor prosador do estado sem uma análise global de sua obra. Assim, o que valia era a posição do escritor e não a importância de sua obra. Como Didi Fonseca era influente, melhor era elogiar e manter o meio do que arrumar intrigas.

No oposto deles, pode-se dizer que a revista (*Joaquim*) não negava todos os presentes no círculo intelectual da época, pelo contrário, trazia como exemplos de escritores em que se observava a temática regionalista, mas que não chegavam ao extremo de que Mário reclamava. Há no periódico estudado, a publicação de pintores como Poty e Guido Viaro, de críticos como Wilson Martins e Temístocles Linhares, de poetas como Newton Sampaio e o próprio Dalton Trevisan, que em muitos aspectos estéticos e teóricos se divergiam. Mesmo assim, uniram-se para propor novos caminhos aos intelectuais e ao público paranaense. Mais do que preocupados em escrever sobre o homem paranaense, preocupavam-se em escrever sobre o homem e seus problemas universais.

Os problemas discutidos por Mário no ensaio, e observados pela revista nos recortes acima, não se restringem aos exemplos dados pelos moços. A pesquisa⁸¹ em alguns dos jornais e revistas importantes da

⁸⁰ JOAQUIM, op. cit., p. 07. Grifo nosso.

⁸¹ As pesquisas foram realizadas no acervo da Biblioteca Pública do Paraná, restritas apenas a década de quarenta, mais especificamente ao período de 1946 a 1948.

época no estado, como o jornal *O Dia*⁸², *Diário da Tarde*, revela que é possível observar o eufemismo dado às notícias em relação à literatura paranaense (passadista, na visão dos moços). Um bom exemplo foi o lembrete da homenagem ao aniversário de morte de Emiliano Perneta, com direito a prêmios e a um jantar dançante. O fato foi noticiado, diariamente, com um mês de antecedência. Outra fonte importante da constatação do “louvor” ao paranismo foi a revista *A Divulgação*, a qual, em seu número 12, afirma o compromisso de propagar a arte paranaense:

[...] Nossa revista – A DIVULGAÇÃO – não alimenta a veleidade de preencher as lacunas ou suprir deficiências. Ela se propõe simplesmente a propagar as ideias “paranistas” por todo o Brasil. [...] E aproximar e fortalecer os élos de unidade nacional [...] Divulgar dentro e fôra das fronteiras do Estado o que existe no Paraná, isto é, tudo quanto diz respeito à nossa gente e à nossa terra, é uma tarefa que por si só justificaria o nosso aparecimento na imprensa. E aqui estamos procurando cumprir essa útil tarefa da melhor maneira possível.⁸³

A partir da citação, pode-se observar como a proposta paranista se confrontava com a revista dos moços: enquanto a primeira propunha a valorização do regional, a revista *Joaquim* tinha como intenção a valorização da arte universal. Além disso, a cidade se confrontava com as constantes transformações urbanas, por meio de planos de urbanização que se estenderam até a década de 60. Mas o grupo de intelectuais locais não aceitava essas mudanças e se fechava em um modelo de literatura e artes que acreditava ser a única cultura. Foi nesse período que a cidade passou por uma grande transformação urbanística e populacional, cuja população chegou a dobrar, em um período de 20 anos, segundo Oliveira⁸⁴. No entanto, os intelectuais locais viam a

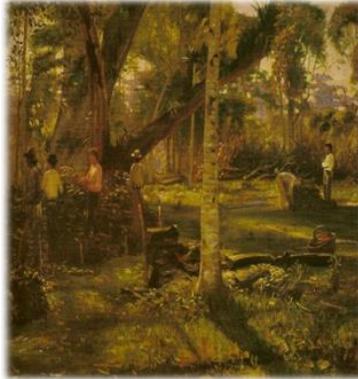
⁸² Jornal paranaense de circulação diária até a década de 70.

⁸³ *A Divulgação*, Curitiba, v. 1, n. 12, p.01, nov./dez. 1947. Bimestral. A informação evidencia o posicionamento de uma “elite” intelectual alheia às transformações culturais daquele momento no estado, pois além de outros movimentos que circulavam pelo Brasil, há a própria revista que, na data da publicação deste artigo, estava em “luta” contra eles há mais de um ano.

⁸⁴ OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares de. **Joaquim - Dalton Trevisan (En) Contra o Paranismo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

cidade como uma Curitiba do final do século XIX: basta observar as produções artísticas da época realizadas por João Turin ou Alfredo Andersen.

Figura 1 - Alfredo Andersen - Sapeco da erva-mate. S/d.



Fonte: Museu Alfredo Andersen digital.

Foi por causa de uma arte, importante para o estado varguista e alguns intelectuais, mas ultrapassada na visão dos jovens escritores, que a revista *Joaquim* reivindicou a atualização. Eram jovens que estavam libertos da política do Estado Novo e aproveitavam ao máximo a liberdade de expressão e pensamento para reivindicar o que achavam ser um caminho para a saída do marasmo local. A partir da leitura dos jornais paranaenses do período, é possível encontrar poucas referências a uma ideia de mudança, fato que reforça a tese dos moços de Curitiba, quando se lançaram na polêmica revista, isto é, uma batalha a ser vencida. Em um dos poucos artigos que não seguem esse parâmetro, na coluna *Motivos da cidade*, constata-se uma pequena menção sobre a saída do marasmo em que as letras do Paraná se encontravam no final de 45. Trata-se de uma resenha no *Diário da tarde*⁸⁵, datada de 19 de fevereiro de 1946. Os moços procuravam romper com o círculo estético e ideológico vigente, propondo, em vez de uma literatura paranista, uma literatura moderna, fato que a coluna aborda, saudando os intelectuais que vinham lutando por isso, mas sem citar nomes.

⁸⁵HEITOR. Motivos da cidade. **Diário da Tarde**. Curitiba, ano 47, n°. 15.985, p. 01, terça-feira 19 fev. 1946. [Paginação rasurada, com alguns trechos ilegíveis].

A existência de uma nova revista no Paraná não se tornava, por si só, algo importante, pois não se pode esquecer que o meio cultural paranaense teve uma representatividade muito intensa de revistas literárias. Em dados históricos, as atividades críticas em revistas se iniciam (no estado) com os simbolistas no final do século XIX. Dentre as quais, destacam-se: *O Cenáculo* (1895), fundada por Dário Vellozo, Julio Pernetta, Silveira Netto e Antonio Braga; *Galáxia* (1897); fundada por Júlio Davi Pernetta e Manuel Azevedo da Silveira Netto; e *Pallium* (1898-1900), fundada por Romário Martins (mentor do movimento paranalista) e Alfredo Coelho. Porém, nenhuma conseguiu atingir tanto renome quanto a revista *Joaquim*⁸⁶.

Para Miguel Sanches Neto, a revista foi a mola propulsora da carreira literária de Dalton Trevisan. O autor mostra que, desde a *Joaquim*, Dalton Trevisan denota uma característica peculiar de escrever (síntese), observada desde os seus primeiros livros, *Sete anos de pastor* e *Sonata ao luar*. A argumentação de Sanches Neto é bem articulada e traz uma leitura que se torna referência quando se trata da revista; no entanto, ele acentua o papel de Dalton Trevisan em detrimento de outros integrantes que formam o corpo da revista. Mesmo que ela tenha sido criada a partir do interesse de uma pessoa, é inegável que a *Joaquim* possuía uma rede de relações com intelectuais e com o meio cultural que não pode ser ignorada.

Figura 2 - O Anarco Sindicalista.



Fonte: Revista Joaquim.

⁸⁶ SAMWAYS, Marilda Binder. **Introdução à literatura paranaense**. Curitiba: Livros HDV, 1988.

Contudo, o que diferencia a revista *Joaquim* é sua maneira de combater os problemas locais ou nacionais sem ter de ir até a metrópole. Sanches Neto⁸⁷ afirma que a revista *Joaquim* serviu de modelo aos jovens que ansiavam por mudanças. Isso porque era a primeira vez que uma revista da província fazia sucesso e era tida como exemplo, uma vez que os jovens escritores não precisaram ir até a metrópole para serem ouvidos, por isso ela se destacou e espelhou outras revistas de pequena circulação. Segundo o autor, com a possibilidade de trocas de informações com as metrópoles, eles, os jovens, puderam mostrar que a literatura que produziam era de boa qualidade. Nesse sentido, o crítico reitera que:

Joaquim foi, para os jovens paranaenses, o laboratório de uma sensibilidade nova que ajudou a desencadear mudanças na tradição do escritor ter que deixar a província, instalando-se na metrópole, para de lá repensar a terra natal. Ela quis pensar o homem a partir de Curitiba e, ao fazê-lo, promoveu uma liquidação dos mitos bairristas. A publicação teve assim um sentido fundante, pois contribuiu para instaurar uma postura descentralizadora, que ainda está em processo, além de ter servido como incubadora para Dalton Trevisan.⁸⁸

Já Marilda Binder Saways⁸⁹, em seu livro *Introdução à literatura paranaense* (no qual a autora faz um recuo em relação a produção

⁸⁸ SANCHES NETO, Miguel. **A reinvenção da província:** a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan. 1998. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Unicamp, Campinas, 1998, p. 77.

⁸⁹ Outro fator relevante que a autora reitera em seu estudo, se refere à presença de “focos” de manifestações resultantes da Semana da Arte Moderna no estado, mas que foram abafados pelo grupo paranista. Em relação ao nome do grupo, Saways afirma que ele foi dado aos poetas e intelectuais da época, porque tinham o costume de usar a araucária e a figura do produtor da erva-mate como símbolos do movimento. Ainda afirma que o grupo era formado por intelectuais influentes (no âmbito financeiro e político) da cidade. Em um capítulo dedicado à revista, a autora faz um mapeamento de todos os seus números. Apesar de ter sido o primeiro estudo sistematizado da revista, não há, contudo, uma leitura

literária do Paraná desde o final do século XIX até início do século XX) afirma que a revista foi uma “divisora de águas” para a literatura do estado. Em seu texto, Saways faz uma leitura da tradição de revistas literárias do Paraná desde o *Simbolismo*, e afirma que tanto os paranistas quanto Trevisan foram injustos com Emiliano Pernetá⁹⁰, que na falta de outro poeta representativo, foi usado pelo pequeno grupo de intelectuais afortunados, como o exemplo a ser seguido e, por isso, atacado pelo diretor da revista *Joaquim*. Isso sem contar que Emiliano sequer conheceu esse movimento, já que sua morte se deu em 1922.

2.8 ENTRE MANIFESTOS E POLÊMICAS: LEITURA DA REVISTA JOAQUIM

Em uma leitura superficial da revista *Joaquim*, talvez a primeira questão que chame a atenção, seja a escolha do nome dado ao periódico. Em uma breve pesquisa no dicionário de nomes, encontra-se o significado de “àquele que possui elevação” ou a nomes de reis importantes. No Brasil, é possível perceber que certos nomes, por serem tão usados, adquirem a conotação de um homem comum que representa não a individualidade, mas a coletividade de um determinado lugar; Manoel, Joaquim, Maria, José são alguns destes exemplos. Contudo, todas as hipóteses levantadas para o nome da revista são apenas suposições, a certeza da escolha do nome permanece um mito para seus leitores e estudiosos. Segundo Sanches Neto⁹¹ não há um consenso sobre sua escolha, mas todos os participantes que entrevistou, de algum modo, e que participaram do periódico, foram unânimes em afirmar que o nome foi escolhido por Dalton Trevisan, tendo em vista que foi ele o idealizador do projeto da criação da revista. Além disso, há depoimentos não registrados ou oficiais, que afirmam ser a escolha do nome por representar um homem comum, um lugar comum em Curitiba. O *Joaquim* era o da padaria, o do mercado, era o típico imigrante português, abasileirado, na cidade. *Joaquim* era o homem que circulava pela sua cidade inóspita, em constante transformação, um personagem

aprofundada, pois o objetivo do livro se detinha em mostrar os principais movimentos que apareceram no estado.

⁹⁰ O tema será abordado no último capítulo.

⁹¹ SANCHES NETO, Miguel. **A reinvenção da província**: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan. 1998. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Unicamp, Campinas, 1998.

anônimo, aquele que não é reconhecido diante da multidão. No entanto, era aquele que tinha um olhar aguçado em relação a sua cidade. Outra suposição e associação ao nome do periódico podem ser creditadas ao fundador da ABL (Academia Brasileira de Letras) *Joaquim* Maria Machado de Assis. Embora Machado tenha sido citado poucas vezes no periódico, há um texto intitulado *A nova geração*⁹², no qual o escritor afirma a importância dos jovens para a literatura, pois, para ele, os atuais moços (os de 1880) têm nas mãos o futuro.

Partindo para o contexto da criação da revista, segundo Wilson Martins, em 1946, Dalton Trevisan procura seus amigos para participarem do projeto, já elaborado pelo contista, de uma revista, pois não havia uma renovação ou atualização de discussões que não se restringissem ao cenário intelectual local.

Primeiro o jovem escritor procurou Erasmo Pilotto, Wilson Martins e Poty, porque sabia que poderia contar com a participação de seus amigos⁹³. Em uma reunião informal pediu contribuições a eles e logo surgiu o primeiro número da revista, em abril de 1946. Os seus integrantes já haviam publicado textos críticos, com o intuito de intervir no meio cultural paranaense, mas as tentativas soavam em vão, já que não conseguiam atingir um público maior. Dentre os amigos que participaram da construção do primeiro número, apenas Erasmo Pilotto era o mais velho, os outros eram jovens, assim como Trevisan, e buscavam renovação e reconhecimento do meio intelectual.

Para Martins⁹⁴, um dos fatores que podem ser considerados importantes para a repercussão da revista, foi o uso constante da *mala*

⁹² ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *A nova geração*. In: **Joaquim**, ano III, n° 21, p. 18, dez. 1948.

⁹³ José Paulo Paes descreve em seu livro *Armazém literário* como era a divisão dos intelectuais em Curitiba. De um lado da XV de novembro a famosa livraria Ghignone, liderada pelos moços, onde ele, Dalton Trevisan e Poty frequentavam, e do outro lado da rua o *Café Belas Artes*, frequentado pelos “velhos” intelectuais, no entanto, mais maleáveis. Ainda segundo o poeta, mais tarde, quando o grupo do café percebeu a importância da revista dos novos, aderiu ao projeto com participações interessantes para a sua consolidação nacional, diferente dos participantes do Senadinho, que ignoraram as reivindicações do grupo, já que eram eles os atacados. Dentre o pessoal expressivo para a época, podemos encontrar Temístocles Linhares, figura que se tornou muito importante para o amadurecimento de muitas questões pertinentes na revista.

⁹⁴ A entrevista concedida a Miguel Sanches Neto está anexa na sua tese e encontra-se citada nas referências do presente trabalho.

direta, por Dalton Trevisan. Ele enviava as revistas aos escritores influentes da época e pedia um artigo ou ensaio para o próximo número. Pelo fato de não ser vendida em bancas, a circulação da revista era restrita. O dinheiro arrecadado com as publicidades servia para custear a produção do periódico, já que o lugar físico, na rua Emiliano Pernetá nº 476, fora cedido pela família de Trevisan, a quem era retribuído nas páginas da revista com lugares em destaque, geralmente nas últimas com a chamada “Fábricas de cerâmicas e louças Evaristo Trevisan”.⁹⁵

No primeiro número, que contou com 1000 audaciosas tiragens para uma revista desconhecida, que custavam o valor de Cr\$ 1 avulso e Cr\$ 10 de assinatura anual, tiveram como participantes, Antonio Walger (ora diretor, ora gerente), Erasmo Pilotto (diretor até o nº. 05), Wilson Martins (redator), Dalton Trevisan (proprietário, diretor e redator) e Poty Lazarotto (redator). Dentre eles, o escritor que pouco se fala e produz na revista é Antonio Walger, amigo desde o grêmio estudantil, também ajudou Dalton na direção da revista *Tinguí*, mas a advocacia sempre foi sua prioridade, saindo de cena após o fim da revista.

No entanto, ao longo das edições, definir a direção e colaboradores da revista é uma tarefa que exigiria algumas páginas, dada a frequência com que se trocavam os participantes. Erasmo Pilotto é um exemplo que ficou em alguns números e logo foi substituído por Poty, Wilson Martins, Yllen Kerr.

Fácil era saborear as capas da *Joaquim*, as quais desde o primeiro número deram grande relevância às artes plásticas. Sua diagramação, que se aproximava de revistas de entretenimento, devido ao tamanho e seu papel *couché* (utilizado em impressões que exigem boa reprodução e traços) dava ao leitor mais leveza ao ser aberta e manuseada. Nos sete primeiros números, as reproduções da pintura de Poty se mantiveram, mudando apenas as cores, do vermelho para o verde, o amarelo, o azul e o cinza. Mas, para o contentamento dos leitores, a partir da edição da revista número 08, as capas começam a ganhar mais corpo, notoriedade e pintores, isso porque ela começou a aglutinar um número interessante de intelectuais simpatizantes aos propósitos da revista.

⁹⁵ Como fator de curiosidade, segue a carta de Drummond à revista *Joaquim*: “Que delícia uma revista cuja redação é na Emiliano Pernetá, 476, e que promete publicar em seu segundo número um artigo sobre o título de “Emiliano, poeta medíocre”! Nosso poder de admiração vai se tornando tão familiar e nosso poder de destruição tão débil que a insubordinação dos moços, neste ano de 46, é um espanto. Mas espero que vocês nos darão sensações mais duradouras do que o espanto”. *Joaquim*, ano I, nº02, p. 17, jun. 1946.

Com a entrada, principalmente, de Ilgen Ker e Renina Katz, na redação da revista as capas tiveram um destaque ainda maior e começaram a partir para a reprodução de obras artísticas com mais intensidade e notoriedade. Em sua maioria, conseguiam dialogar com a proposição do número, dando mais destaque a edição que o leitor levava para a casa. Nesse caso, tem-se como exemplo a edição número 16 da revista, dedicada desde a primeira página até as últimas ao recém-ganhador do Nobel de Literatura, naquele ano, André Gide. Assim, tanto os textos quanto as reproduções artísticas, dialogavam a obra do escritor homenageado.

A *Joaquim* apresentou-se, ao longo das 21 edições, sempre com as mesmas dimensões de aproximadamente 14x9, e manteve a média de 20 páginas por número. Já a face interna da capa e a contracapa sempre eram dedicadas aos muitos colaboradores da revista, dentre eles Mate Leão, de Ermelino Leão participante do movimento Paranista, além de médicos, advogados, livrarias, cafés, relojarias, produtos de beleza, alfaiatarias e escolas. Porém, duas empresas sempre ganharam destaque, pois eram representadas em uma folha inteira em quase todos os números: Fábrica de Cerâmicas Evaristo Trevisan, geralmente localizada na última página da revista; e a relojaria Rocha, na parte interna da última capa.

É surpreendente observar que nem mesmo as propagandas escapavam de um tratamento artístico, basta observar como algumas delas, possivelmente aquelas que destinavam mais dinheiro, tinham lindos desenhos como propaganda. Caso contrário do sumário, que até a edição número 07 era localizado na capa da revista, passando para o seu interior sem local certo. A falta de um local destinado para informações básicas da revista é corrente, pois tanto o quadro, que dava informações básicas (direção, redação, ilustração, endereço, preço), não tinha um lugar definido, assim como a periodicidade das colunas.

A distribuição dos textos teóricos e ficcionais na revista também não seguia um padrão, mas o que se via era o aproveitamento de todos os cantos disponíveis nas páginas, possivelmente, devido ao custo de produção.

Desde o seu lançamento, a revista *Joaquim* se mostrava audaciosa, sem medo de colocar em discussões assuntos que eram tidos como verdade absoluta. Contudo, com a saída de Erasmo Pilotto da

direção, torna-se ainda mais agressiva, fato que pode ser observado em suas páginas, a partir da publicação do número 05 do periódico.⁹⁶

Como várias histórias que rodeiam a revista, e que permanecem em segredo devido à reclusão de Dalton Trevisan, ouve-se que a saída de Erasmo Pilotto foi causada pela pressão de seu primo, Valfrido Pilotto. Isso porque a revista tanto atacava pessoalmente o delegado, quanto publicava textos na coluna *Oh! as ideias da província...*, ridicularizando-o. Boatos ou não, o fato é que Erasmo deixa a direção do periódico.

Com pouco mais de um ano de publicação, os editores da revista expandiram as relações intelectuais e começaram a ter certa notoriedade no cenário nacional. Mas à medida em que a revista ganhava leitores, as redes de relações aumentavam, a ponto de contar com contribuições de escritores e críticos consagrados, como Carlos Drummond de Andrade, Álvaro Lins, Antonio Candido, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Sérgio Milliet.

Contudo, de acordo com o que Oliveira⁹⁷ salienta, a edição número 09 pode ser considerada um marco importante na discussão da modernidade na revista. Ela publica o *Manifesto Invencionista latino-americano* e uma breve opinião de Drummond sobre o movimento, abrindo caminhos para leituras e discussões mais amplas que as nacionais. Também, pode-se encontrar referências aos escritores latino-americanos e pedidos de atenção à literatura produzida por eles em vários momentos. Há um interesse maior em compartilhar assuntos com “nossos vizinhos”. Ou seja, a revista, além da intenção de uma universalização clássica da literatura via Europa, começou a se abrir para discussões e interesses latino-americanos.⁹⁸

⁹⁶ Em sua autobiografia, Erasmo Pilotto não fala sobre os motivos que o levaram a sair da revista. No entanto, é só observar seu sobrenome que se tem conclusões. Ele era primo do delegado e escritor Valfrido Pilotto, alvo constante da revista.

⁹⁷ OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares de. **Joaquim - Dalton Trevisan (En) Contra o Paranismo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

⁹⁸ Sem adentrar na pesquisa, é interessante pensar que o tema sobre a América Latina tenha surgido por Temístocles Linhares. Em seu livro *O Diário de um crítico*, o autor discute o *Homem americano*, suas relações, ou falta destas. Além do interesse pela literatura destes países, o crítico dava palestras sobre o mesmo e fora professor de literatura hispano-americana na UFPR. Sem contar que o crítico teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Borges e a literatura argentina, quando lá morou.

Assim, com certa reputação estabelecida no meio literário nacional, a revista toma a postura mais combativa aos conterrâneos passadistas, isto é, passa a impor mais seus pensamentos e a defendê-los com bastante agressividade, negando escritores que pensavam ser passadistas e afirmando novas direções.

A partir dos números seguintes, a revista se detém na tradução de autores consagrados e representantes de um pensamento histórico e político da época, a saber: Franz Kafka, Rainer M. Rilke, Virginia Woolf, André Gide, e com eles traduz ou publica ensaios que “esclarecem” ou discutem o que seria a filosofia existencialista de Sartre, linha teórica muito discutida pelos jovens da revista⁹⁹.

Além dos textos teóricos, podem-se observar algumas características que se tornaram a marca da revista, como seus patrocinadores que formavam a elite paranaense. Entre eles estavam advogados, médicos, livrarias e as empresas de grande poder aquisitivo no Estado: *Mate Leão*, *Força e Luz* e a *Cerâmicas Evaristo Trevisan*, além do patrocínio da *Caixa Econômica Federal*¹⁰⁰. As suas capas/obras de arte desde o início chamaram a atenção, como afirma Saches Neto¹⁰¹, pois além de todo o teor crítico e irreverente que o leitor teria ao comprar a revista, o leitor era contemplado, também, por uma capa de obra de arte, uma espécie de presente aos olhos de seus leitores. No entanto, as ilustrações tratavam-se uma característica comum às revistas literárias, tanto de propagandas quanto dos textos críticos e ficcionais.

A *Joaquim* também contava com colunas fixas, mas essas não apareciam necessariamente em todos os números. A coluna mais recorrente, *Histórias Contemporâneas*, pode ser considerada a mais importante do periódico, por configurar uma forma de trazer assuntos mundiais sobre literatura, política e história aos seus leitores. Os recortes não se restringiam ao Brasil, fato interessante de ser observado, tendo em vista o desejo de atualização. Nela, é possível encontrar textos de

⁹⁹ DOSSE, François. Trad. De Álvaro Cabral. Os anos cinquenta: a época épica. In: **História do estruturalismo**, v. I O campo do signo 1944-1966. São Paulo: Ensaio, 1993.

¹⁰⁰ Um fato interessante a ser destacado diz respeito aos patrocinadores, eles eram os mesmos dos grandes jornais e revistas da época (década de 40). São empresários que, além de representar a elite curitibana, exerciam influência em vários setores da cultura (inclusive da “parananista”).

¹⁰¹ SANCHES NETO, Miguel. **A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan**. 1998. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Unicamp, Campinas, 1998.

argentinos, norte-americanos, franceses, entre outros, demonstrando universalidade na abordagem dos assuntos. Além disso, a coluna também introduz discussões sobre arte e literatura na América Latina.

Já a coluna *Revista de Livros* era dedicada a resenhas¹⁰² de obras que circulavam no mercado editorial na época, atuando como uma “mediadora entre a boa ou má literatura” e o leitor. Tal coluna foi responsável pelo grande contato que a revista manteve com outros periódicos que circulavam naquele momento, e até pela divulgação de novas revistas e autores que a viam como um importante meio de exposição.

Com a coluna *Depoimento*, por sua vez, o público leitor tinha a oportunidade de conhecer o pensamento dos principais escritores daquele momento. Participaram dessas entrevistas escritores como: Lêdo Ivo, Temístocles Linhares, Marques Rebelo e Murilo Mendes. As perguntas variavam pouco nas edições, sendo as mais recorrentes: *Quais as tendências da nova geração? Onde nós temos nos destacado: na prosa ou na poesia? Quais, na sua opinião, os mestres da nossa geração, aqueles que mais tenham influenciado o nosso desenvolvimento? E suas preferências? Qual deve ser a posição política do artista? Acha possível dissociar a vida do escritor em artista e homem, ou estarão de tal maneira ligadas que uma reflete a outra? Acha que a crítica, de alguma forma, possa a orientar a nova geração? Sua opinião sobre a revista dos novos.*

Uma das explicações para o elevado número de citações de Mário de Andrade em relação aos outros autores, na indexação, deve-se a essa coluna, pois a referência do escritor modernista como mestre aos escritores daquela época era unânime.¹⁰³

Em seguida há a coluna intitulada *Revista*. Nela eram publicados manifestos de revistas que circulavam naquele momento, chamadas para congressos e discussões sobre teoria. Pode-se afirmar que sua composição era a mescla da coluna *Revista em livros* (com a exceção das resenhas de livros) e a coluna *História Contemporânea*. Encontramos nesta revista as chamadas para os congressos do Recife e do Pará, que foram de muita importância na época. Além disso, contava com publicações nacionais e internacionais de crítica literária, traduções de artigos de críticos de revistas como *Esprit e Les Temps Modernes*.

¹⁰² Não há referência sobre os autores das resenhas.

¹⁰³ Outro fator interessante se dá na escolha dos escritores, em sua maioria, eles eram correspondentes de Mário de Andrade.

3. EM HOMENAGEM A TODOS OS JOAQUINS DO BRASIL

Figura 3 - Manifesto para não ser lido.

EM HOMENAGEM A TODOS
OS JOAQUINS DO BRASIL

REDAÇÃO: Rua Emiliano Perneta, 476

Direção:

DALTON TREVISAN
ANTÔNIO P. WALGER
ERASSMO PILOTTO

ANO I

CURITIBA, ABRIL DE 1946

N.º 1

MANIFESTO
para não ser lido

Os versos são experiências e é preciso ter vivido muito para escrever um só verso.

RAINER MARIA RILKE

Deveria existir maior variedade de empreendimentos e experiências de que todos participamos. Não sendo assim, as influências que a alguns educam para senhores, educariam a outros para escravos. E a experiência de cada uma das partes perde em significação quando não existe o livre entrelaçamento das várias atividades da vida. Uma separação entre a classe privilegiada e a classe submetida impede a endossamos da experiência. Os males que por essa causa afetam a classe superior são menos materiais e menos perceptíveis, mas igualmente reais. Sua cultura tende a tornar-se estéril, a voltar-se para se alimentar de si mesma; sua arte torna-se uma ostentação espalucosa e artificial; sua riqueza se transmuda em luxo; seus conhecimentos super-especializam-se; e seus modos e hábitos se tornam mais artificiais do que humanos.

JOHN DEWEY

O vivo interesse que em mim despertam os acontecimentos que se preparam e particularmente a situação da Rússia, me afasta das preocupações literárias. Certamente, se não fosse ANDROMACA de Racine com individual encanto, porém, no novo estado em que habita o meu pensamento, esses exultantes jogos não teriam mais razão para existir. Eu me repito a mim mesmo sem cessar que a época em que poderiam florescer a literatura e as artes já passou.

ANDRÉ GIDE

... eu me domo, o pé sobre a garganta de minha própria canção.

MAIAKOVSKI

... toda a época moderna, desde o Renascimento, revela-se um período de decadência da cultura cristã e de transição para uma nova cultura, mal perceptível ainda em suas linhas gerais, e que poderíamos, qualquer que venha a ser a sua forma definitiva, (democracia social, nacional-socialismo, comunismo, Encicléia Rerum Novarum, etc.) denominar cultura socialista.

... Estamos em chela no período de acaturação, de desintegração cultural. Que se perdesse nesse contato entre a civilização cristã moribunda e a cultura em gestação que não sabemos ainda exatamente como será? Perdemos as regras da vida, a moral, a confiança; em nós, a certeza da eficiência de nossas soluções. Que veio substituir isso tudo? A consciência da contradição entre a nossa moral e a realidade do mundo, a evidência da hipocrisia da regra do jogo, o ceticismo e o cinismo. A margem das duas culturas, observando o panorama da confusão, percebendo-o, mas ao mesmo tempo incapazes de alterar a marcha do terrível processo desintegrador e integrador, os homens marginais se desligam dia a dia mais de sua sociedade.

... Observei a que ponto, ao atingir-se o período impressionista, a arte perdeu por completo, na forma e no espírito, a sua função comunicativa, a sua função de linguagem dentro do grupo. Mostrei que de meio utilitário de comunicação passou a exprimir apenas os sentimentos de sub-grupos, a posição marginal destes na sociedade. Essa função restrita, dia a dia menos universal, vai afastar ainda mais a arte de seu objetivo primeiro. Mesmo nos sub-grupos ela deixará de ser entendida por todos, ela passará pouco a pouco a instrumento de expressão individual, de nenhuma utilidade para os demais membros do

todo social. Observei também que na medida em que essa perda de representatividade se verifica, as preocupações técnicas aumentam, o desprezo pelo assunto se manifesta, e o pintor se isola dentro de limites impossíveis de se transpor pelos não iniciados.

... Talvez já nos encontremos em plena subida para o novo clima social... Tudo leva a crer que assim seja. O artista sensível, antes marginal, assume agora a liderança e fala numa nova linguagem que ainda não conhece gramáticas. Do México e dos Estados Unidos, da Espanha e da Rússia vêm-nos exemplares de um muralismo triunfante, perfeitamente funcional através do qual se dizem ao povo coisas importantes e de um modo acessível a qualquer sensibilidade e a qualquer educação. Coisas sobretudo que representam um sentido igual, uma ambição comum, preocupações e angústias coletivas. A pintura deixa de ser CHOCHET grá-fino dos salões mundanos e se transforma na rude afirmação de força construtiva, de fé numa nova moral e numa nova poesia. Enquanto os velhos estilos se desprendem da vida, os novos pintores recolocam a vida em sua arte. Já não se vislumbram entre os NOVOS aquele desdém SUPERIOR ao assunto, aquele desprezo infantil ao inteligível, aquela propensão para um esotérico barato de folhinha astrofísica... Isso significa apenas volta ao princípio essencial da arte, à expressão.

SERGIO MILLIET

Os futuros historiadores chamarão, talvez, à nossa época: o SÉCULO DO SUB-CONCIENTE.

Reconhecemos no movimento histórico uma revolução perigosa, vagarosa, sem heraldia revolucionária, mas insidiosa; reconhecemos que a dialética, instrumento de compreensão, é, ao mesmo tempo instrumento de ação; e chegamos a conclusão de Ernst Cysarz: HISTÓRIA E UM ATO PRÁTICO. Isto é o fio condutor para a compreensão da história contemporânea. O novo continente do sub-conciente, apesar da sua descoberta (ou redescoberta) recente, não pertence ao mundo de amanhã, mas ao mundo de ontem. Estou convencido de que a crítica literária reconhecerá no mundo literário de Joyce e Woolf não a aurora de uma nova literatura, mas o último produto, requintado e malogrado, de uma literatura muito velha... E esse reconhecimento literário produz conclusões transcendentes. A HISTÓRIA E UM ATO PRÁTICO. Arrabamos de DESCOBRIR UM NOVO UNIVERSO; agora trata-se de dominá-lo. Quanto à literatura, novas transformações estilísticas estão a postos. E as transformações integrais do estilo literário têm sempre um sentido profundo.

OTTO MARIA CARPEAUX

Em verdade, eu tenho demoradamente refletido sobre a pedido de Griffin a respeito de uma EXPOSIÇÃO DE PRINCÍPIOS relativos a arte dos versos, etc. E pude tirar de minha consciência somente esta conclusão: Tudo é belo e bom quando é belo e bom, venha de onde vier e tenha sido obtido pelo processo que for. Clássicos, românticos, decadentes, símbolos, asonantes ou como direi? Incompreensíveis, desde que eles me comovam ou simplesmente me encantem, mesmo e talvez sobretudo sem que, como o Dindon de Florian, eu não saiba bem por que, todos eles me são caros. Vamos, poetas que somos, amemos uns aos outros, esta máxima é tão bela em arte como na moral, e eu creio que a ela nos devemos ater. Tal é a minha teoria, maduramente assente.

PAUL VERLAINE

3.1 NEGAR TAMBÉM É AFIRMAR?

Na primeira página da edição de estreia da revista *Joaquim*, encontra-se o manifesto que ocupa uma página inteira. A diagramação é feita por meio de linhas que formam um quadro em torno do texto, em uma posição central, com a escrita em letras maiúsculas da palavra “MANIFESTO”, e abaixo em minúsculas “para não ser lido”. É curioso como há uma ironia ao intitular desta maneira, pois ao mesmo tempo em que o grupo reivindica o uso do gênero textual, o ironizam. No entanto, negar também seria a escolha do grupo, ou melhor, do projeto.

Logo abaixo do título e dentro do quadro estão seis citações distribuídas em duas colunas, contendo apenas o nome como referência dos intelectuais citados. Este formato de manifesto causa estranheza ao leitor que está acostumado a encontrar assinaturas de grupo no final do texto e não de citações. Para que o leitor tenha conhecimento de quem participa da revista, tem que observar, no canto superior direito e fora do quadro do manifesto, a seguinte descrição: Direção: (Dalton Trevisan, Antonio Walger e Erasmo Pilotto).

Outro fator que chama a atenção no manifesto é seu título, pois, como pode um manifesto não ser lido se a função de um manifesto é expor o pensamento do grupo? Mas, como ler tantas referências distintas? Por que mesmo em uma aparente desordem há uma ordem, ou seja, há um direcionamento do grupo em relação à seleção de intelectuais?

Como dito anteriormente, por ser um texto construído por meio de citações, cabe ao leitor juntar as peças do “quebra-cabeça” e adentrar na composição proposta pelo grupo. Isso porque quando um determinado grupo publica um manifesto, eles almejam orientar o leitor, pois, segundo o crítico Raul Antelo, um manifesto,

funciona assim como um arqui-prefácio, isto é, como uma reflexão meta-textual múltipla, condensando derivas que outras obras hão de concretizar no futuro. Ora em vertente **ética** ou **estética**, ora em função de prioridades práticas ou programáticas, as revistas literárias traçam, a partir do modernismo, uma dupla delimitação¹⁰⁴.

¹⁰⁴ ANTELO, Raul. As revistas literárias brasileiras. In: **Boletim de Pesquisa NELIC**, Florianópolis, v. 01, n°. 02, p. 07, set. de 1997.

Assim, o *Manifesto para não ser lido*, representa o texto de maior importância para o grupo, pois ele reflete tanto as leituras que acreditam ser importantes para a formação do grupo, como a maneira que desejam conduzir suas propostas. É uma projeção de como pretendem trabalhar com o texto literário e com as artes.

Em relação à vertente ética ou estética, a qual o crítico discorre, observa-se que a revista não se prende a estética ou propõe alguma concepção nova. Ao contrário, usa das palavras de Verlaine para dizer que independente do estilo ou da época, o que importa é o texto mover com o leitor. Assim, valorizam o que Antelo¹⁰⁵ chama no texto de “prioridades práticas ou programáticas”: a renovação das artes e da literatura naquele momento imprescindíveis para os moços e para o cenário literário local.

Adentrando o manifesto e em uma primeira leitura do título, pode-se associar que a junção das palavras “para não”, quando lidas rapidamente, produzem um som irônico. Assim, a frase pode se tornar um: Paraná não (paranão)¹⁰⁶, ou seja, um manifesto em que a intelectualidade paranaense (arraigada de regionalismo artificial) não compreenderia. Um manifesto que não seria para o Paraná, mas sim para o mundo e para uma nova geração que se propagava naquele momento, a negação de uma cultura bairrista e a proposição de novas perspectivas.¹⁰⁷

Ao escolher o nome “para não ser lido”, os editores, ao mesmo tempo em que se apropriam da produção de um manifesto de movimentos vanguardistas, também ironizam sua função dentro da revista. A frase “para não ser lido” soa estranha, no sentido de que um manifesto seria a maneira como aquele grupo desejaria ser lido. Assim, como um texto de caráter performativo foi escrito com a intenção de não ser lido? É claro que os redatores da revista se valeram dos recursos linguísticos e textuais para criar um jogo de ser e não ser ao texto. Esse jogo com a linguagem pode ser encontrado no recurso estilístico que se

¹⁰⁵ Idem, p. 09.

¹⁰⁶ Agradeço a George França por sugerir essa leitura durante a qualificação.

¹⁰⁷ A negação também foi trabalhada por Sigmund Freud em seu livro *A negação*. Ao analisar pacientes, o psicanalista observou que, quando os seus pacientes negavam veemente alguma passagem de suas vidas, era ali que se encontrava o problema, ou seja, a negação era a afirmação do problema. O fato se torna interessante, quando, também, observado no manifesto, isto é, ao negarem, eles afirmam que o grupo quer ser escutado, ali estava o problema a ser discutido. FREUD, S. **A Negação**. São Paulo: Cosac Nayf, 2014.

chama a figura de linguagem *lilote*. Segundo o autor Oliver Reboul¹⁰⁸, ela “possibilita outras figuras de linguagem como a insinuação, o eufemismo e sobretudo a ironia [...] como muitas vezes acontece, essa lilote procede pela negação de uma hipérbole”, ou seja, quando eles colocam o subtítulo *para não ser lido* estão ironizando, insinuando e exagerando a função de um manifesto pode se compreender que eles querem ser ouvidos, pois a negação se torna uma afirmação.

Um manifesto, segundo se lê nos dicionários, é um texto performativo, ou seja, é “Manifesto: 4 declaração pública e solene, na qual um governo, um partido político, ou um grupo de pessoas ou uma pessoa expõe determinada decisão, posição, programa ou concepção”¹⁰⁹. Como um gênero textual, além da função de reivindicar e expor o ponto de vista de um grupo, tem características linguísticas que são pertinentes ao *manifesto* e são chamadas de estáveis dentro dos gêneros. Há, no gênero textual, algumas dessas particularidades em relação à construção morfológica e sintática: primeira pessoa (singular ou plural), o uso de verbos imperativos, vocativos, verbos no presente, conjugação verbal na primeira pessoa do plural, linguagem sintética e clara que posso defender e indicar o pensamento e o objetivo de um determinado grupo a partir de uma intensa e clara argumentação, a fim de convencer o leitor. Como exemplo, abaixo se tem a reprodução de trechos de notáveis manifestos, tanto artísticos quanto culturais:

Manifesto Antropófago¹¹⁰

O melhor de nossa tradição lírica. O melhor de nossa demonstração moderna [...].

Queremos a Revolução Caraíba, Maior que a revolução Francesa[...]

Manifesto Futurista¹¹¹

Coragem, audácia, e revolta serão elementos essenciais da nossa poesia [...].

Manifesto Invecionista¹¹²

¹⁰⁸ REBOUL, Oliver. Introdução à retórica. Trad. de Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.124.

¹⁰⁹ HOUAISS, Antonio. Manifesto. In: HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 1837.

¹¹⁰ ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropofagia**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.03-07, maio de 1928. Edição fac-similar.

¹¹¹ TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Petrópolis.

Los artistas concretos no estamos por encima de ninguna contenda [...]

Embora nem todos os manifestos tenham todas as características pertinentes, é interessante observar que ao usar o pronome pessoal “nós”, o manifesto inclui o leitor na sua jornada ou proposta, nós (eu e você) participaremos dessa nova jornada, vocativos também são abundantes.

Além dos recursos citados anteriormente, deve-se observar que o título tem de ser claro e objetivo, pois tem a função de antecipar ao leitor o tema a ser defendido. Marc Angenot, em seu livro *La parole pamphlétaire*, afirma que:

Le Manifeste, au sens le plus général, décrit, justifie et recommande à l'auditeur une attitude, une pratique. Une thèse quelconque, politique, sociale, ou esthétique, est assertée et défendue de sorte que le lecteur est invité à prendre position. [...]

La parti que est pris, la mise en demeure d'avoir à adhérer ou à expliciter son désaccord, le tour performatif du discours, qui est risque et serment pour ses signataires, tout ceci fait du manifeste, qui peut présenter des moments agonique ou réfutatifs[...]

Ce qui semble caractériser le genre du manifeste – politique ou littéraire – dans son axiome formel, c'est justement le caractère « manifeste » de sa structuration démonstrative. Sans doute tout discours idéologique repose sur un impensé, des forclusions et de l'implicite, mais, formellement au moins, la rhétorique du manifeste est une rhétorique de la continuité explicite : elle pose fortement dans l'énoncé ce qui ailleurs pourrait être présumé ou laisse à l'état latent ; elle articule expressément l'enthymème au *topos*. Le tour nécessairement performatif du genre « manifeste », qui conduit aisément à la harangue

¹¹² LOZZA, Raul. Manifesto Invencionista. In : Joaquim, Curitiba, ano II, N°. 09, p.13, março de 1947.

polémique, se combine à cette explicitation extensive.¹¹³

O Manifesto, como descrito por Angenot, recomenda uma atitude prática (política, social ou estética), na qual o leitor é convidado a tomar uma posição, ele é inserido no discurso para que se sinta envolvido e convencido pela luta, por isso há a necessidade de chamamento e brevidade. Ainda, o autor, reitera que:

Notons enfin que le manifeste (quelle que soit dans le concert la manière dont il a été composé) a toujours pour énonciateur un *groupe* de signataires, que le manifeste même établit la solidarité de ceux-ci. [...] Texte performatif dans lequel un scripteur collectif se déclare et prend parti, le manifeste est aussi écrit « manifeste », où rien n'est censé être laissé dans l'obscurité ou dans l'implicite, où l'on pose un modèle stratégique explicitant les relations essentielles de la pratique à laquelle le texte et l'énonciateur collectif se réfèrent.¹¹⁴

No entanto, quando se lê o manifesto da revista, as características importantes e estáveis do gênero não estão na composição do texto. De um texto coletivo, o manifesto da revista *Joaquim* passa para citações que representam pensamentos individuais; as suas citações retiradas sem contextualização não dão precisão do que cada autor defende, se não forem encontradas no contexto. Ao optar por citar frases de alguns autores, não seguem a estrutura comum do gênero, pois abrem margem para a obscuridade e o implícito, fatores rejeitados pela maioria das composições. Angenot¹¹⁵ deixa claro no texto que um manifesto é um texto coletivo, a ideia defendida de um grupo, por isso evitar a obscuridade e os implícitos. Contudo, no manifesto da revista *Joaquim* não se encontra tais características se ele for comparado aos manifestos mais tradicionais dentro das manifestações literárias. No entanto, não se pode esquecer que os moços (o grupo da revista) tinham plena consciência do processo criativo do gênero e o que eles fazem é usar um

¹¹³ ANGENOT, Marc. Le manifeste. In : **La parole pamphlétaire** : la typologie des discours modernes. Payot : Paris, 1982, p. 60-61.

¹¹⁴ ANGENOT, op. Cit., p.61.

¹¹⁵ ANGENOT, op. Cit., p.61.

de um modelo de texto significativo (principalmente nas revistas) para o modelo tão usado pelas vanguardas, dando-lhe uma roupagem nova e desafiadora. E neste sentido, reler ou reavaliar o manifesto, torna-se um desafio interessante, porque, mesmo se o manifesto não se posicionar explicitamente sobre suas ideias norteadoras, quando estabelecidas, as relações entre as citações, ele dá uma direção aos leitores.

Ao ler o manifesto, torna-se interessante quando é observada a composição dele na revista *Joaquim*. A primeira referência que o leitor pode ter é em relação a sua estrutura, que muito representa a modernidade, as vanguardas literárias, o cinema e, principalmente, os romances tão bem explorados por Oswald de Andrade. Embora a estrutura do manifesto cause impacto por apresentar este recurso, não se pode esquecer que, em se tratando de literatura, ele foi muito utilizado por revistas e jornais que tinham a “função” de selecionar o que havia de mais interessante ao leitor, sem contar o trabalho realizado pelo cinema com seus recortes e seleções de ações. Raul Antelo afirma que:

Vários críticos já observaram o débito em relação à imprensa cotidiana que guardam certas opções modernistas (o ritmo quebrado do textos, semelhante ao fôlego mais curto do jornalismo; a atitude digressiva e casual; o "estilo telegráfico") traços todos que notabilizaram bricolagens estilísticas em Oswald de Andrade, Alcântara Machado ou mesmo em Juó Bananére. Essas características de divisão e fragmentação se traduzem, ainda nas estratégias discursivas das próprias revistas literárias. Com efeito, em função da gradativa autonomização da literatura, as revistas literárias adquirem relevância por suas declarações (manifestos, prefácios) que tentam criar vínculos específicos e solidariedade mais duradoura na luta por novos valores.¹¹⁶

Ou seja, a bricolagem é uma característica comum à revista literária, que já é uma colagem, ela traz o recorte do que o grupo acredita ser mais importante ao seu leitor. Por isso, criar uma revista foi a melhor maneira de esses jovens instituírem, como afirma Antelo, vínculos para a nova proposição de literatura e arte.

¹¹⁶ ANTELO, Raul. As revistas literárias brasileiras. In: Boletim de Pesquisa NELIC, Florianópolis, v. 01, n.º. 02, p. 07, set. de 1997.

3.2 MANIFESTO PARA SER LIDO: EM BUSCA DE CAMINHOS

O *Manifesto para não ser lido* é constituído de citações, de seis autores estrangeiros e um autor brasileiro, são eles: Rainer Maria Rilke, André Gide, John Dewey, Vladimir Maiakovski e Paul Verlaine, Sérgio Milliet e Otto Maria Carpeaux. Uma escolha heterogênea, no que se refere aos seus pontos de atuação: críticos, poetas e um filósofo. Entretanto, quando se traça linhas de influências e leituras, percebe-se como estavam interligados para a formação de um princípio norteador para a revista *Joaquim* e para seus leitores.

Rainer M. Rilke:

A primeira citação do manifesto pertence a Rainer Maria Rilke, poeta muito lido e traduzido na década de 40, considerado uma leitura obrigatória e instigante aos moços, segundo José Paulo Paes¹¹⁷. Segue a citação:

Os versos são experiências e é preciso ter vivido muito para escrever um só verso.¹¹⁸

A frase reproduzida se encontra no livro *Os cadernos de Malte Laurids Brigge* de Rilke. A história do personagem Malte se passa na Dinamarca e na França. Malte Brigge é um dinamarquês que resolve mudar de cidade, deixando para trás sua história, sua infância de incertezas, para viver em Paris. Ao longo de suas andanças pela cidade, o jovem escreve em seu caderno as experiências que tem ao se sentir

¹¹⁷ PAES, José Paulo. Prefácio. In: **Rainer Maria Rilke**: poemas. Tradução e introdução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 09-53. Entre seus tradutores, tem-se Cecília Meireles, Dora Ferreira da Silva e José Paulo Paes que se dedicaram a partir da década de 30 a traduzir os poemas de Rilke. Os dois últimos escritores têm fortes ligações com a revista *Joaquim*. Não se pode esquecer que Sérgio Milliet, também, foi responsável por trazer e traduzir Rilke para o Brasil. Rainer Maria Rilke nasceu em Praga em 04 de dezembro de 1875 e morreu na Suíça em 1926.

¹¹⁸ Manifesto para não ser lido. In: **Joaquim**, Curitiba, n. 01, p.03, abr. 1946. Pelo número gerado na base de dados, tem-se Rilke citado 10 vezes, o que significa que era um dos autores mais discutidos dentro da revista. Além de o autor estar presente no manifesto, ele está nas discussões e traduções do periódico.

sozinho diante de uma cidade que não a considera sua, enquanto reflete sobre o ato de escrever e sobre a sensação da morte que, por muitas vezes, esteve próxima.

Aos poucos o personagem aprender a aguçar seu olhar. Ele passa, então, a vivenciar suas experiências e refletir sobre elas, pois acredita que só assim há um poeta de verdade.¹¹⁹

Fazendo uma relação do romance com a situação no qual o grupo da revista se encontrava, os moços da revista *Joaquim* se sentiam solitários diante de uma cidade que passou por diversas transformações urbanas e culturais. Eles conseguiam perceber as transformações, os anseios da cidade, e mostravam isso em seus textos teóricos e ficcionais. Lutaram por uma liberdade de expressão. Com isso, conseguiram, aguçaram seus olhos, saindo da zona de conforto instituída por um

¹¹⁹ Embora a citação seja encontrada no romance citado, tem-se a consciência de que, por motivos de tradução, a frase não é exatamente a mesma. Além disso, deve-se levar em consideração que ela foi feita em 1946. Não se sabe se direto do alemão ou via francês. Na de Lya Luft (2008) tem-se a seguinte descrição das memórias do trecho pelo personagem (Malte): “Acho que deveria começar a fazer alguma coisa, agora que estou aprendendo a ver. Tenho 28 anos e não aconteceu praticamente nada. Recapitulemos: escrevi um estudo ruim sobre Carpaccio, um drama intitulado *Casamento* e que quer demonstrar algo falso com recursos ambíguos, e versos. Ah! Mas versos escritos cedo não são grande coisa! Deveríamos esperar para escrever, e juntar senso e doçura por uma vida inteira, longa, se possível, e então, bem no fim, talvez pudéssemos escrever dez linhas que fossem boas. Pois versos não são, como se pensam as pessoas, sentimentos (deles temos bastante na juventude) – são experiências. Por causa de um único verso é preciso ver muitas cidades, pessoas e coisas, é preciso conhecer os animais, é preciso sentir como os pássaros voam e saber com que gestos as pequenas flores se abrem pela manhã. É preciso ser capaz de recordar caminhos em regiões desconhecidas, encontros inesperados e despedidas que vemos se aproximar por longo tempo - dias de infância, ainda inexplicados, os pais que tínhamos de magoar quando nos traziam um presente e não entendíamos (era um presente para outro...), doenças de infância que começavam tão estranhamente, com tantas metamorfoses difíceis, dias em quartos quietos e reservados, e manhãs junto ao mar, os mares, as noites de viagem que passavam ruidosamente e voavam com todas as estrelas – e ainda não é bastante se precisarmos pensar em tudo isso. É preciso ter lembranças de muitas noites de amor, todas diferentes entre si, de gritos de mulheres dando à luz e de parturientes leves, brancas, a dormir, que se fecham. Mas também é preciso ter estado sentado junto a mortos no quarto [...]” RILKE, Rainer Maria. **Os cadernos de Malte Laurids Brigge**. Trad. Lya Luft. São Paulo: Novo Século, 2008, p. 05.

regionalismo artificial. O personagem, assim como o grupo, acreditava que era preciso ter experiência para o ato da escrita, experiência de “ver com olhos livres”¹²⁰, ao mesmo tempo tendo um olhar refinado; não a mera reprodução de uma temática e de uma estética vazias.

Assim como na citação do manifesto, em outro momento, Rilke também tratou do tema sobre a experiência do poeta e o processo criativo em algumas cartas que foram reunidas no livro *Cartas de um jovem poeta*¹²¹. O escritor aconselhava um jovem poeta a ter paciência em seus versos, ter calma para escrever, aguardar, arrumar, pois nada melhor que o tempo para que o poema fale por si. Também o aconselhava que aproveitasse a solidão, pois é nela que o poeta consegue extrair sua poesia. No Brasil, Mário de Andrade também discutiu, em seus escritos, a ânsia de reconhecimento que os jovens têm ao escrever.

Mário reclamava de uma falta de paciência em relação ao amadurecimento do texto ou do pensamento pelos jovens. No texto *A poesia em 1930*, ele aconselha os jovens a não publicarem livros de versos, a experimentarem seus escritos aos poucos, para que adquiram conhecimento e crítica:

Devia ser proibido por lei indivíduo menor de idade, quero dizer, sem pelo menos 25 anos, publicar livros de versos. A poesia é um grande mal humano. Ela só tem direito de existir como fatalidade que é, mas esta fatalidade apenas se prova a si mesma depois de passadas as inconveniências da aurora. Os moços têm muitos caminhos por onde tornar eficazes as suas falsas atividades: conversem com o povo e o relatem, descrevam festas de região bem detalhadamente, ou se inundem de artigos de louvor aos poetas adorados. Poesia não. Escrevam se quiserem, mas não se envolvam. O resultado dessa envolvimento precipitada das inconveniências da aurora, refletindo bem, foi desastrosa no movimento contemporâneo da nossa poesia. Uma desrituação boba, uma falta pavorosa de

¹²⁰ ANDRADE, Oswald de. O da poesia Pau-Brasil. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

¹²¹ RILKE, Rainer M. *Cartas a um jovem poeta*. São Paulo: L&PM, 2006.

contribuição pessoal, e sobretudo a conversão contumaz a pó de traque, da temática que os mais idosos estavam trabalhando com fadiga, hesitações e muitos erros.¹²²

O autor alertava a criação de poesia, principalmente depois da conquista dos versos livres, pois se tornou um processo mais difícil e perigoso, pois se não levado a sério, resumia-se a uma “envolumação precipitada muito desastrosa”¹²³, que os jovens poderiam evitar. Para escrever versos, o poeta necessita sair de sua zona de conforto, conhecer novas perspectivas, novos horizontes. Caso contrário, serão tentativas fracassadas da juventude. Contudo, não deixa de ser intrigante o motivo pelo qual o escritor Rilke tenha sido escolhido como o primeiro a ser citado na revista.

John Dewey:

No Brasil, a teoria do filósofo norte americano foi recebida e absorvida pelo grupo de intelectuais e professores que formularam o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, com base nos seus preceitos. Dentre os intelectuais de destaque do movimento, no Brasil, têm-se o escritor Anísio Teixeira e Cecília Meireles, que além de educadora e adepta ao movimento da *Escola Nova* no Brasil, era figura constante de publicações em periódicos literários como o *Suplemento de Letras & Artes* do Jornal *A Manhã*.

É interessante observar que o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* propunha uma educação pautada no social, ou seja, que a escola fosse inserida na sociedade e a sociedade na escola, pois segundo eles, a escola seria viva.

No entanto, o que faz um filósofo da educação em um manifesto artístico e literário? E o que um filósofo da educação tem em comum com o poeta? Segue a transcrição da citação:

Devia existir maior variedade de empreendimentos e experiências de que todos participassem. Não sendo assim, as influências que a alguns educam para senhores, educaria a

¹²² ANDRADE, Mário de. A poesia de 1930. In: **Aspectos da literatura brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1974, p. 27-45.

¹²³ I ANDRADE, Mário de. A poesia de 1930. In: **Aspectos da literatura brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1974, p. 27-45

outros para escravos. E a experiência de cada uma das partes perde em significação quando não existe o livre entrelaçamento das várias atividades da vida. Uma separação entre a classe privilegiada e a classe submetida impede a endomose da experiência. Os males que por essa causa afetam a classe superior são menos materiais e menos perceptíveis, mas igualmente reais. Sua cultura tende a tornar-se estéril, a voltar-se para se alimentar de si mesma; sua arte torna-se uma ostentação espetacular e artificial: sua riqueza se transmuda em luxo; seus conhecimentos super especializam-se; e seus modos e hábitos se tornam mais artificiais do que humanos.¹²⁴

Além de uma mudança na visão das artes e da literatura, o grupo da revista *Joaquim* propunha amplitude em outras questões culturais. E a introdução desses temas, possivelmente, deve-se ao escritor Erasmo Pilotto (diretor da revista até o exemplar número 05), conhecido por aproximar a escola do aluno e do professor, pois era membro do grupo de estudos da *Escola Nova* no estado.¹²⁵

O problema encontrado pelo filósofo nas academias e escolas americanas em relação a uma falta de experiência conjuntada e não isolada, não era muito diferente dos encontrados no Brasil. Como exemplo, tem-se o próprio diretor da revista, Dalton Trevisan, que de 1941 a 1943 participou e dirigiu a revista *Tingui*¹²⁶. No depoimento encontrado no periódico, o autor transmite esse sentimento de inconformidade com o rígido e antiquado sistema educacional, reivindicando mudanças, em nome do Grêmio Estudantil.

Em âmbito nacional, o responsável pela divulgação da *Escola Nova* no Brasil foi Anísio Teixeira, que também participou da construção, junto com outros 26 intelectuais, do *Manifesto dos*

¹²⁴Manifesto para não ser lido. In: **Joaquim**, Curitiba, v. 01, n. 01, abr. 1946, p.03.

¹²⁵ Outra questão que chama a atenção se deve ao fato de não haver mais citações do nome de Dewey na revista.

¹²⁶**Tingui**, Curitiba, vol. 01, n. 01, abr. 1940, p. 02. Nesse número há um texto *Palavras...*, escrito por Dalton Trevisan, no qual relata os problemas do ensino tanto na escola como nas universidades. *Tingui* foi uma revista editada por Trevisan de 1941 a 1943 (período de publicação da revista *Clima*, em São Paulo).

Pioneiros da Educação Nova.¹²⁷ Anísio Teixeira, assim como os outros participantes do movimento, foi influenciado pela teoria do filósofo americano.

Dewey¹²⁸ foi responsável por uma mudança significativa na visão da educação escolar. Sua filosofia visava à integração da teoria e da prática em sala de aula, pois ele acreditava que o aluno devia ter liberdade, em vez de decorar conteúdos programados como a repetição exaustiva da gramática, na leitura de um livro ou uma declamação de poemas. Ele acreditava que o aluno já detinha um potencial a ser averiguado e que devia ser potencializado pelo professor, ou seja, defendia a ideia de um aluno atuante.

A citação de Dewey pertence ao livro *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*.¹²⁹ Nele, o filósofo reitera que o professor deve estar consciente de sua importância no processo de intermediação, para que os objetivos tragam resultados dentro da educação (mesmo que esses não sejam satisfatórios), eles lhes fazem sair de uma zona de conforto. O filósofo afirma que a democracia, naquele momento, não era igual a todos. E para que houvesse efetivamente essas trocas, todos os indivíduos deveriam ter oportunidades iguais. Isso fica muito visível em relação às classes, pois a falta de infiltração e permeação de classes afeta o processo defendido pelo autor.

Dewey afirma que, sem essa troca, a formação humana se torna uma “cultura estéril” e essa limitação dificulta o estímulo do intelecto, da pesquisa. Assim, mesmo que o escravo não seja escravo, no sentido real da palavra, ele o é pelo fato de exercer uma atividade que simplesmente a faz sem ao menos questionar sua eficácia ou sentido, ele a faz pelo simples fato da sustentação. Mas, o que pode ser ligado ao pensamento de Dewey e Rilke? Ambos propunham que houvesse experiência, tanto no ensinar quanto no escrever.

André Gide:

¹²⁷ O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932) foi uma reivindicação de 26 intelectuais brasileiros que queriam mudanças significativas no âmbito educacional brasileiro. Eles acreditavam que o ensino escolar deveria ser único, público, laico, obrigatório e reformador.

¹²⁸ Ele nasceu em 1859 e morreu em 1952.

¹²⁹ WESTBROOK, Robert (org.). *Introdução à filosofia da educação*. In: **John Dewey**. Recife: Massangana, 2010, p. 87-107.

Em seguida, há a citação de André Gide. O romancista foi um dos escritores mais celebrados e polêmicos da França no período pós-guerra¹³⁰. Gide era conhecido por transformar conceitos profanos em formas límpidas, fáceis de ser associadas pelo leitor, segundo Boudout¹³¹. Suas obras ficaram conhecidas por abordar temas caros ao público leitor, acostumado à visão de uma sociedade tradicionalista. Abaixo a citação do escritor usada pela revista no manifesto:

O vivo interêsse que em mim despertam os acontecimentos que se preparam e particularmente a situação da Rússia, me afasta das preocupações literárias. Certamente, acabo de reler ANDRÔMACA de Racine com indivizível encanto, porém, no novo estado que habita meu pensamento, esses exquisitos jogos não terão mais razão para existir. Eu me repito a mim mesmo sem cessar que a época em que poderiam florescer a literatura e as artes já passou.¹³²

Após a leitura da citação, embora não se possa precisar a data na qual foi escrito, percebe-se que há uma preocupação do romancista em relação aos andamentos políticos da Rússia e, para o escritor, estes acontecimentos interferiam na produção literária.

Gide, segundo Mann¹³³, participou do partido socialista na França durante alguns anos, quando ainda tinha uma visão positiva da U.R.S.S. No entanto, a partir de sua viagem à Moscou (em 1936) suas concepções mudaram. Quando volta do país, o escritor publica o livro *Retour de l'U.R.S.S.* no qual constata que muitas das propostas do regime soviético eram interessantes, mas que no fundo reproduziam uma visão de direita. Isso porque a maioria da população ainda vivia em casebres, embora o Estado Soviético tivesse afirmado que o socialismo era igualitário.

Salienta-se ainda a estreita relação que Gide teve com Rilke, que além de manterem correspondências constantes publicadas no livro

¹³⁰ BOUDOUT, J. Tableaux general du XX^e siècle. In: **Histoire de La littérature française: des origines a nos jours**. Paris: Hatier, s/d, p. 995-1008.

¹³¹ BOUDOUT, J. Tableaux general du XX^e siècle. In: **Histoire de La littérature française: des origines a nos jours**. Paris: Hatier, s/d, p. 995-1008.

¹³² Joaquim, ano I, n. 01, p. 03, abril de 1946.

¹³³ MANN, Klaus. **A vida de André Gide**. Trad. Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944.

*Correspondência 1909-1926*¹³⁴, conservavam interesse pela União Soviética, visto que os dois visitaram o país e eram leitores de autores russos. Além disso, os dois autores destacaram por representarem algumas das características da corrente filosófica existencialista, tema constantemente debatido na revista *Joaquim*. E por falar em russos:

Vladmir Maiakovski:

... eu me domo, o pé sôbre a garganta de minha própria canção.¹³⁵

O verso citado na revista pertence ao poema *A plenos pulmões* do autor russo.¹³⁶ Ele foi escrito pouco antes do poeta cometer o suicídio, período em que sofria com a crítica por se apropriar da linguagem oral (baixa aos olhos dos outros poetas) e pela escrita de poemas incompreensíveis à massa, segundo Augusto de Campos¹³⁷.

A força que os escritores de Curitiba procuravam, poderia ser a força que Maiakovski¹³⁸ encontrou na revolução, no desejo da mudança, por isso a revista foi tão agressiva¹³⁹. Desse modo, o domínio do escritor diante da obra representada pelo verso do poema e o tema sobre a experiência, descrito tanto por Rilke quanto por Dewey, perpassa as citações descritas no manifesto. Também, pode-se observar que autores como Rainer Maria Rilke, André Gide e John Dewey discutiam e estavam ligados à cultura e à política russa.

¹³⁴ Rilke também traduziu obras de André Gide para o alemão, o escritor francês também traduziu as obras de Rilke para o francês.

¹³⁵ **Joaquim**, Curitiba, v. 01, n. 01, p.03, abr. 1946.

¹³⁶ Deixa-se claro que a tradução encontrada foi realizada muito tempo depois por Haroldo de Campos.

¹³⁷ CAMPOS, Haroldo. Prefácio, In: MAIAKOVSKI, Vladimir. *Poemas*. Tradução de Haroldo de Campos. Ed. Tempo Brasileiro, 1967, p. 53.

¹³⁸ Embora Maiakovski seja citado no manifesto, no decorrer da publicação da revista não se encontra mais referências diretas sobre o mesmo. Os escritores que permanecem são Rainer Maria Rilke e Sérgio Milliet, Otto Maria Carpeaux, André Gide e Rainer Maria Rilke.

¹³⁹ A revista foi pode ser considerada agressiva a partir do momento que lança polêmicas a autores já consagrados, como no caso do artigo “Emiliano, poeta medíocre”, “Carta aberta a Monteiro Lobato”, “500 ensaios” e o “O terceiro Indianismo”, por exemplo.

Sérgio Milliet:

A penúltima citação do manifesto foi escrita por Sérgio Milliet. O escritor atuou ativamente durante e após a Semana da Arte Moderna. Manteve participação em vários periódicos literários e intermediou publicações estrangeiras (entre os modernistas), quando morou na França e na Suíça. A participação de Milliet¹⁴⁰ pode ser considerada interessante, porque trabalhou como “intermediador” dos modernistas de 22 e os jovens de 40.

Abaixo a transcrição da citação:

...tôda a época moderna, desde o Renascimento, revela-se um período de decadência da cultura cristã e de transição para uma nova cultura, mal perceptível ainda em suas linhas gerais, e que poderíamos, qualquer que venha a ser a sua forma definitiva, (democracia social, nacional-socialismo, comunismo, Encíclica Rerum Novarum, etc.) denominar cultura socialista.

... Estamos em cheio no período de aculturação, de desintegração cultural. Que se perdeu nesse contato entre civilização cristã moribunda e a cultura em gestação que não sabemos ainda exatamente como será? Perdemos as regras da vida, a moral, a confiança em nós, a certeza da eficiência de nossas soluções. Que veio substituir tudo isso? A consciência da contradição entre a nossa moral e a realidade do mundo, a evidência da hipocrisia da regra do jogo, o ceticismo e o cinismo. A margem das duas culturas, observando o panorama da confusão, percebendo-o, mas ao mesmo tempo incapazes de alterar a marcha terrível do processo desintegrador e integrador, os homens marginais se desligam dia a dia mais de sua sociedade.

... Observei que a ponto, ao atingir-se o período impressionista, a arte perdeu por completo, na forma e no espírito, a sua função de linguagem dentro do grupo. Mostrei que de meio utilitário a meio de comunicação passou a exprimir apenas os sentimentos dos sub-grupos, a posição marginal

¹⁴⁰ Sérgio Milliet participou da direção da coleção *Cadernos Azuis* da editora Guará entre 30 e 40 em Curitiba.

destes na sociedade. Essa função restrita, dia a dia menos universal, vai afastar ainda mais a arte de seu objetivo primeiro. Mesmo nos sub-grupos ela deixará de ser entendida por todos, ela passará pouco a pouco a instrumento de expressão individual, de nenhuma utilidade para os demais membros do todo social. Observarei também que na medida em que essa perda de representatividade se verifica, as preocupações técnicas aumentam, o desprezo pelo assunto se manifesta, e o pintor se isola dentro de limites impossíveis de se transpor pelos não iniciados...

... Talvez já nos encontremos em plena subida para o novo clima social... Tudo leva a crer que assim seja. O artista sensível, antes marginal, assume agora a liderança e fala numa nova linguagem que ainda não conhece gramáticas. Do México e dos Estados Unidos, da Espanha e da Rússia vêm-nos exemplos de um muralismo triunfante, perfeitamente funcional através do qual se dizem ao povo coisas importantes e de um modo acessível a qualquer sensibilidade e a qualquer educação. Coisas sobretudo que representam um sentir igual, uma ambição comum, preocupações e angústias coletivas. A pintura deixa de ser CHOCHET grã-fino dos salões mundanos e se transforma na rude afirmação da força construtiva, de fé numa nova moral e numa nova ciência. Enquanto os velhos estetas se desprendem da vida, os novos pintores recolocam a vida em sua arte. Já não se vislumbram entre os NOVOS aquele desdém SUPERIOR ao assunto, aquele desprezo infantil ao inteligível, aquela propensão para um esoterismo barato de folhinha astrológica... Isso significa apenas volta ao princípio essencial da arte, à expressão.¹⁴¹

A citação pertence ao livro de Sérgio Milliet *Pintura quase sempre*, publicado em 1944, localizada no capítulo *Marginalidade da Arte Moderna*¹⁴².

¹⁴¹ **Joaquim**, Curitiba, ano I, n. 01, p.03, abr. 1946.

¹⁴² MILLIET, Sérgio. A marginalidade da pintura. In: **Pintura quase sempre**. Porto Alegre: Livraria do Globo: 1944, p. 101-155. O capítulo também foi

Milliet, no livro citado, faz uma leitura da arte desde o primitivismo até o século XX, para exemplificar ao leitor os períodos em que dividiu as manifestações artísticas. Por arte primitiva, ele considera a arte utilizada como informação para a representação de determinado grupo no qual era reconhecido por aquele símbolo ou arte, uma marca que representaria o grupo. Para o crítico “a arte é, portanto, uma expressão cultural, mas neste sentido antropológico e sociológico do vocábulo cultura e não no seu sentido literário ou filosófico”¹⁴³. Assim, ela “só alcança seu objetivo social de comunicação quando exprime com fidelidade o nosso modo de viver e sentir característico, ou melhor, o modo de sentir e viver da maioria”¹⁴⁴. Portanto, o crítico acredita que a arte precisa voltar a expressar o pensamento coletivo, representar a sociedade e não se afastar, tornando-se incomunicável. Isso porque no período impressionista, segundo o autor, a arte perdeu a função da linguagem dentro do grupo, deixando de ser compreendida por todos, tornando-se expressão individual ou de subgrupos.

A partir da entrada no momento em que ele chama de transição (com o declínio da era cristã), o autor afirma que o mundo embarcara em um processo de aculturação, o qual produz

centralização da riqueza e do poder no Estado, pela divisão racional do trabalho, e sua valorização, pela enorme complexidade da cultura material, pela universalização das soluções encontradas para os problemas morais devida à facilidade e a rapidez das comunicações que destruirão os “mores” e “folkways” dos grupos mais ou menos ainda existentes”¹⁴⁵.

É neste momento que autores, considerados marginais, entram em cena e há uma rica transformação da cultura.

publicado como livro pela mesma editora (Globo) em 1942 e com o mesmo título *Marginalidade da arte moderna*.

¹⁴³ MILLIET, Sérgio. A marginalidade da pintura. In: **Pintura quase sempre**. Porto Alegre: Livraria do Globo: 1944, p. 104.

¹⁴⁴ MILLIET, Sérgio. A marginalidade da pintura. In: **Pintura quase sempre**. Porto Alegre: Livraria do Globo: 1944, p. 105.

¹⁴⁵ MILLIET, Sérgio. A marginalidade da pintura. In: **Pintura quase sempre**. Porto Alegre: Livraria do Globo: 1944, p. 108.

Mas o que há de bom para o indivíduo neste processo complexo e conturbado? Sua liberdade mental e criativa, fator importante para o surgimento de grandes intelectuais.

O termo sociológico “marginalidade” é apropriado, segundo o crítico, “porque no termo marginalidade encontro caracterizado um fenômeno psicológico de transição, de aculturação também, que não vejo implicado na dinâmica intercultural”¹⁴⁶. Assim, pode-se compreender que os moços acreditavam numa transição cultural, porque havia outros modos de criação e transformação das artes.

Mas afinal, por que uma crítica de arte estaria inserida no manifesto? Porque o periódico se descrevia como uma revista de arte. No entanto, somente a partir do segundo número da revista, no cabeçalho que apresenta a direção, o secretário e o proprietário que os redatores inserem a frase “revista mensal de arte”. Tal definição pode ser observada nas páginas da revista, nas quais os integrantes dedicaram especial lugar de discussão, tendo ilustrações em textos ficcionais e teóricos, nas propagandas publicitárias, nas capas da revista e nas discussões teóricas sobre arte. Inclusive, publicando um número especial (Joaquim, nº.13) sobre a arte e sobre os ilustradores que participavam do grupo da revista.

Além disso, observa-se uma estreita ligação teórica de Sérgio Milliet com André Gide, escritor a quem traduziu para o português posteriormente. No entanto, a relação mais próxima com a citação de Milliet pode ser considerada a do crítico literário Otto Maria Carpeaux, por compartilharem de um mesmo olhar sobre o momento em que vivia a arte e a literatura.

Otto M. Carpeaux:

Otto Maria Carpeaux crítico de arte e literatura foi escritor de caráter polêmico e de alta produção, naquele momento, trouxe aos integrantes da revista *Joaquim* importantes discussões sobre a crítica literária nacional e mundial, devido à erudição que possuía, em detrimento de seu poliglotismo. Segue a citação:

Os futuros historiadores chamarão, talvez, à nossa época: O SÉCULO DO SUB-CONCIÊNTE (sic).

¹⁴⁶ MILLIET, Sérgio. A marginalidade da pintura. In: **Pintura quase sempre**. Porto Alegre: Livraria do Globo: 1944, p. 105.

Reconhecemos no movimento histórico uma revolução perpétua, vagarosa, sem barulho revolucionário, mas inelutável; reconhecemos que a dialética, instrumento de compreensão, é, ao mesmo tempo, instrumento de ação; e chegamos à conclusão de Ernst¹⁴⁷ Cyzars: HISTÓRIA É UM ATO PRÁTICO. Isto é o fio condutor para a compreensão da história contemporânea. O novo continente do sub-conciente (sic), apesar de sua descoberta (ou redescoberta) recente, não pertence ao mundo de amanhã, mas ao mundo de ontem. Estou convencido de que a crítica literária reconhecerá no mundo literário de Joyce e Woolf não a aurora de uma nova literatura, mas o último produto, requintado e malgrado de uma literatura muito velha... E esse reconhecimento literário produz conclusões transcendentais. A HISTÓRIA É UM ATO PRÁTICO. Acabamos de DESCOBRIR UM NOVO UNIVERSO: agora trata-se de dominá-lo. Quanto à literatura, novas transformações estilísticas estão a postos. E as transformações integrais do estilo literário têm sempre um sentido profundo.¹⁴⁸

Ao afirmar que o mundo literário de Joyce e de Wollf é o último produto de requinte e de fracasso de uma literatura que acreditava ser muito velha, o autor afirma que há um novo universo da literatura e das artes, mas o que se precisa é o domínio deste estilo, pois reitera que a fase de abstração já não responde mais as expectativas daquele momento.

Carpeaux, em sua obra *História da Literatura Ocidental*¹⁴⁹, afirma que na década de 40, tanto na Europa quanto na América, houve uma reaproximação, ou um interesse maior em trabalhar e explorar as teorias do subconsciente na literatura. Pensamento que se assimila ao que Milliet afirma haver naquele momento, à volta a expressão dos grupos e a temas sociais que sejam compreensíveis. Embora Otto Maria

¹⁴⁷ Após pesquisas constatou-se que o nome Ernest Cysarz, citado por Carpeaux e reproduzido pela revista, referia-se ao filósofo e estudioso da poesia barroca alemã no início do século XX Herbert Cysarz. Na obra *História da Literatura Ocidental* de Carpeaux aparece a grafia Herbert Cysarz, já no livro *Ensaio de Otto Maria Carpeaux* aparecem as duas grafias Ernest e Herbert.

¹⁴⁸ **Joaquim**, Curitiba, v. 01, n. 01, p.03, abr. 1946.

¹⁴⁹ CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. p. 2688-2903.

Carpeaux seja incluído no manifesto, a relação com a revista foi rompida com a publicação do texto *500 ensaios*¹⁵⁰.

Paul Verlaine:

Por fim, pertence ao poeta Paul Verlaine a última citação do manifesto¹⁵¹. Abaixo, a citação:

Em verdade, eu tenho demoradamente refletido sobre o pedido de Griffin a respeito de uma EXPOSIÇÃO DE PRINCÍPIOS relativos a arte dos versos, etc. E pude tirar de minha consciência somente esta conclusão: Tudo é belo e bom quando é belo e bom, venha de onde vier e tenha sido obtido pelo processo que for. Clássicos, românticos, decadentes, símbolos, assonantes ou como direi? Incompreensíveis, desde que eles me comovam ou simplesmente me encantem, mesmo e talvez sobretudo sem que, sem como Dindon e Florian, eu não saiba bem por que, todos eles me são caros. Vamos, poetas que somos, amemos uns aos outros, esta máxima é tão bela em arte como na moral, e eu creio que ela nos deve ater. Tal é minha teoria, maduramente assente.¹⁵²

¹⁵⁰ O ensaio foi escrito, segundo Wilson Martins, por Temístocles Linhares. No ensaio, Linhares afirma que Carpeaux tem uma linguagem gongórica e forçada. Além disso, afirmava que o processo de atualização ainda era um movimento presente na revista, e que não estava findado (Joaquim, nº 21, set. de 1948, p.06). O texto, escrito por Linhares, resultou em uma crítica a obra *Novela Nada Exemplares* de Dalton Trevisan, feita por Carpeaux em 1959 no Suplemento Literário, do jornal *O Estado de São Paulo*, sob o título de *Pretensão sem surpresa*. Mesmo não afirmando que foi ele o escritor do artigo e não Dalton Trevisan, defendeu o colega e contista no *Suplemento Literário do jornal O Estado de São Paulo*, sob o título de *Dalton Trevisan e a Crítica* (22/08/1959, s/d). O nome *500 ensaios* se deve a uma publicação no jornal *O Correo da Manhã* (11/07/48, S/d), com o título de *500 ensaios no Brasil*, escrito por José Cesar Borba, saudando o austríaco pela sua trajetória crítica no Brasil.

¹⁵¹ Interessante deixar claro que a revista “atacava” em específico o poeta Emiliano Perneta em razão do círculo que se formou em volta do poeta, como se a literatura e as artes tivessem parado no tempo. Fato contrário pregado pela revista, que colocando vários autores diferentes buscava compreender ou reler independente da corrente ou movimento que se ligavam.

¹⁵² **Joaquim**, Curitiba, v. 01, n. 01, p.03, abr. 1946.

Verlaine, no início da sua frase, cita o escritor Francis Viéle-Griffin poeta que discutiu o verso livre na literatura. Em seu livro de poemas, *Joies*¹⁵³, Griffin esclarece ao leitor (Pour lecteur) que não há uma forma para a expressão do pensamento poético, e que a arte não só aprende como se recria sem cessar e, por isso, ela não vive da tradição, mas sim da evolução e cabe ao artista saber transformá-la.

De maneira poética, os moços fazem das palavras do poeta francês a deles: o desapego às estéticas tradicionais, ou às temáticas como único caminho para se chegar ao poema. O lugar onde o fragmento foi colocado é estratégico, pois nada mais moderno do que pensar na possibilidade de liberdade de escolha e expressão, principalmente, ao lembrar que o Estado Novo acabara há pouco tempo.

A citação é a única que possui a mudança de pronomes: da primeira pessoa do singular, para o uso (comum aos manifestos) dos pronomes da primeira pessoa do plural “Vamos, poetas que somos, amemos uns aos outros [...]”. E finaliza com um chamado aos leitores da revista, para que aceitem a diferença, as novas perspectivas de leituras, o novo clima social, pois as formas engessadas e homogêneas já não significam mais.

Recapitulando as citações, pode-se perceber que há algumas temáticas comuns que perpassam os textos: a experiência como norteadora do processo criativo; o surgimento de uma arte mais próxima dos problemas mundiais (e não só regionais), que compartilha as aflições do homem moderno e a busca não de fórmulas ou “macetes”, mas da liberdade do texto literário e da arte; e, ainda, que os escritores sejam importantes para o meio intelectual, é interessante pensar que não são escritores vanguardistas que entram no manifesto, exceto Milliet. Entretanto, mesmo Milliet acredita em uma nova arte para o Brasil, ou seja, ao longo da carreira suas concepções mudam.

No primeiro tema, Rilke recomenda que a experiência seja a base fundamental para a formação do poeta, sem a qual não há suficiente amadurecimento dos seus conceitos. No entanto, esta experiência é individual e solitária. Segundo Benjamin¹⁵⁴ a experiência sempre fora

¹⁵³ VIÉLE-GRIFFIN, Francis. **Joies**. Disponível em:

<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5430398j/f16.item.zoom>>. Acesso em: 21 fev. de 2016.

¹⁵⁴ BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.123-128. Ao iniciar o texto, Benjamin conta a parábola do

transmitida por meio de parábolas, ditados, histórias de famílias, depoimentos, contadas às gerações futuras. Em 1918, quando as tropas voltaram para seus lares, após a guerra, não havia nada a ser passado aos seus familiares. Os combatentes voltavam com a experiência da economia, das trincheiras, ou seja, “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos”,¹⁵⁵.

Já no segundo tema, pode ser observada uma tentativa de relacionar conceitos de diferentes autores e correntes teóricas para compreender e criticar o momento em que viviam, mesmo que esses conceitos não fossem da mesma época. Isso porque acreditavam num processo que não era cronológico e homogêneo nas artes, e de releituras de concepções passadas, a partir das quais se estabelece uma nova percepção, o que não deixa de ser a leitura da modernidade.

Também há uma maior abertura para as discussões sociais. Não aquelas trabalhadas à exaustão pelos regionalistas (formadas a partir de um estereótipo), mas a introdução da visão sociológica (e política) da condição do homem do pós-guerra. A editora *Guaíra*¹⁵⁶, fundada por

velho homem que diz ter deixado um tesouro, em ouro, para seus filhos. Esses, quando o homem veio a falecer, começaram a cavar, mas nada encontraram.

Com a chegada do outono, os filhos daquele senhor perceberam que o vinhedo estava mais lindo do que nunca. Com isso, eles compreenderam que o ouro deixado pelo pai era o trabalho árduo, a experiência de como ter uma boa colheita. No fundo, pode-se observar que, mesmo o personagem ter voltado a sua cidade natal, em nada ele consegue mudar, tanto dentro de si, quanto para a sociedade. Ele não consegue passar adiante a sua experiência de ser um estrangeiro, pois quando retorna ao seu país, é um estrangeiro novamente.

¹⁵⁵ BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.**

¹⁵⁶ Contava com inúmeras coleções, que aos olhos de muitos depoimentos, eram bem avançadas para o período. Contava com a Coleção Infantil, Coleção Poesia e Teatro, Coleção Cadernos de Cordel, Coleção Estante Guairacá, Coleção Romances Brasileiros, Coleção Estante Jurídica, Coleção Estudos Propedêuticos e Técnicos, Coleção Crônicas, Ensaios e Viagem. **Coleção Grandes Romances** contava-se com André Malraux (A Esperança, com tradução de Jorge Amado); Walter Scott (Uma Lenda de Montrose, traduzido por Mário Graciotti), Georges Duhamel (Confissões da Meia Noite, com tradução de Miroel Silveira), Rômulo Gallegos (Donã Barbara, com prefácio e tradução de Jorge Amado), Jorge Icasa (Huasipungo, com tradução de Plácido e Silva). **Coleção Estante Americana** John dos Passos (Paralelo 42, com tradução de Silveira Peixoto), (1919, com tradução de Miroel Silveira), (Dinheiro Graúdo, com tradução de Zenha Machado e Silveira Peixoto), Enrique Amorim (O cavalo e a sombra dele, com tradução de Raúl Viana),

John Plácido e Silva em 1939 na cidade de Curitiba, teve uma importante participação na introdução e tradução de leituras que tratavam de questões ligadas à sociologia e à filosofia marxista. A expansão da editora, por meio de traduções de clássicos sobre o pensamento social como o *ABC do Comunismo* de Nikolai Bukharin, ou *A Nova Mulher e a Moral Sexual* de Alexandra Kolantai, de certo modo audaciosa por confrontar as determinações do governo getulista, trouxeram, a uma grande parcela de leitores, uma ampliação de leituras sobre os conceitos sociais pelos quais, naquele momento, eram vistos como uma esperança diante de uma sociedade assombrada pelos problemas gerados pelas guerras e pelas ambições humanas.

Dentre as inúmeras coleções que a editora contava, havia uma que chamava à atenção, por cruzar com os interesses da revista, a Coleção Caderno Azul¹⁵⁷. A principal coleção, dada aos cuidados de Sérgio Milliet, mostrava que, além de valorizar e consolidar a discussão nacional sobre temas artísticos e literários, os moços tiveram a possibilidade de conhecer o crítico e escritor Sérgio Milliet,¹⁵⁸. Foram os vários fatores citados que, somados, impulsionaram e deram “combustíveis” ao fermento da juventude, para transformar as ideias do grupo na produção de uma revista de proporções críticas nacionais.

A escolha de Milliet no manifesto torna-se importante norte para a revista, pelo fato de o crítico defender o momento em que viviam, como a época de transição da cultura e das artes, na qual se esperava que o artista tivesse a sensibilidade de produzir algo que fosse “acessível a qualquer sensibilidade e a qualquer educação”¹⁵⁹. E isso só se torna

Leônidas Barbaleta (Royal Circo, com tradução de Plácido e Silva), Humberto Salvador (Prometeo, com tradução de Francisco Raitani), Oliveira Lavié (As Montanhas, com tradução de Juventino Garcia). **A Coleção Pensamento Social** tinha como algumas de suas publicações: Bukharin (O ABC do Comunismo), Alexandra Kolantai (A Nova Mulher e a Moral Sexual).

¹⁵⁷ A coleção reuniu diversos gêneros (ensaios, contos, estudos), com o objetivo de promover a literatura e as artes do Brasil. Contou com a participação de escritores de renome como Mário de Andrade (Música do Brasil), Roger Bastide (Psicanálise do cafuné e Poetas do Brasil), Mário Neme (Dona sofredora e estudinhos brasileiros), João Dornas Filho (Americanos e Eça e Camilo), Romário Martins (Bandeiras e Bandeirantes), Sérgio Milliet (Duas cartas no meu destino). Foram algumas das publicações da coleção.

¹⁵⁸ Deve-se observar que Milliet, além de ser citado no manifesto traz contribuições críticas à revista.

¹⁵⁹ MILLIET, Sérgio. Manifesto para não ser lido. In: **Joaquim**, nº 01, p. 03, abr. de 1946.

possível, a partir do momento em que há o encontro de várias culturas que contestam aquelas fórmulas arraigadas, sendo a função do artista tirar proveito de ambas, e isso, na proposição do manifesto da revista *Joaquim*, representava ter a arte ligada ao contemporâneo e não fechada em si. Por isso, há a introdução de Dewey, porque o filósofo acreditava que o indivíduo só se tornava completo a partir do momento em que suas experiências fossem um processo mútuo e igual em toda a sociedade.

Assim, o que regia aqueles que se propuseram a fazer uma literatura “para todos os joaquins do Brasil”, fora reivindicar um movimento literário que representasse não uma pequena parcela de intelectuais locais; eles almejavam alcançar e mostrar aos leitores com uma postural mais aberta. Ou seja, apropriar-se de uma cultura em que o indivíduo se integrasse e na qual o poeta estivesse livre de fórmulas prontas, com liberdade no processo criativo. E, para isso, não precisariam instituir definições estéticas imutáveis para se firmar um novo movimento na literatura e nas artes. O que eles queriam e precisavam era de uma literatura que voltasse a se conectar com a vida e com a sociedade, com os problemas do mundo, e que a literatura e a arte também fosse um instrumento de crítica a ele.

O manifesto conduz o leitor aos princípios norteadores que só poderiam servir àqueles que almejavam a mudança e a revolução, não àqueles da Rua XV (os Emilianos por osmose), nem os descrentes da Europa em ruínas, mas àquela juventude que busca mudanças, como Maiakovski: indo à rua chamar os jovens à luta - “venham poetas que somos, amemos uns aos outros”¹⁶⁰ -, aquela geração que almeja ultrapassar os limites da rua XV. Mas o que essa proposta de liberdade e experiência traria de bom para o indivíduo ou para os intelectuais? Segundo Milliet, o mestre para os jovens traria a liberdade mental e criativa.

Então, por que “manifesto para não ser lido”? Talvez porque ele “não devia ser lido” por aqueles que não tivessem uma mentalidade aberta às novas transformações, mas devia ser lido como princípio norteador daqueles jovens de espírito que acreditassem ser possível, em 1946, produzir literatura, na qual se transporiam as barreiras da então província. Esta literatura representaria o homem contemporâneo.

¹⁶⁰ VERLAINE, Paul. Manifesto para não ser lido. In: *Joaquim*, nº 01, p. 03, abr. de 1946.

4. A MODERNIDADE VISTA A PARTIR DAS PÁGINAS DA REVISTA

4.1 JOAQUIM NÃO TEM AMBIÇÕES MODERNISTAS: TEM AMBIÇÕES MODERNAS

O movimento de renovação intentado por JOAQUIM não tem ambições **modernistas**: tem ambições **modernas**. Os que puderem fazer a distinção entre as duas palavras saberão o que isso quer dizer.¹⁶¹

Na edição número 11 da revista *Joaquim*, encontra-se uma nota localizada um pouco à esquerda na primeira página, na qual os redatores esclarecem ao público leitor que, em momento algum, os integrantes tiveram a intenção de reproduzir o Modernismo de 22 no Paraná.

A nota foi escrita com o intuito de esclarecer os leitores da *Joaquim*, sobre a alteração na entrevista de Érico Veríssimo, realizada por repórteres do jornal *Diário da Tarde*¹⁶². Segue o texto:

Na entrevista em que Érico Veríssimo concedeu aos jornais de Curitiba houve uma referência do repórter ao “movimento modernista que se desenvolve no Paraná”. Queremos esclarecer desde logo que rejeitamos essa classificação na qual o nome e o espírito JOAQUIM se viram envolvidos. [...]

Falar ainda hoje em movimentos “modernistas” dentro da gloriosa concepção que a seu tempo teve a Semana de Arte Moderna, em 1922, demonstra tal alheamento do sentido da nossa evolução literária (nossa: da literatura brasileira) que torna impossível qualquer discussão sensata a respeito. Porque teríamos de começar a explicar coisas elementares e felizmente não há tempo para isso. [...]

O movimento de renovação intentado por JOAQUIM não tem ambições **modernistas**: tem ambições **modernas**. Os que puderem fazer a

¹⁶¹ *Joaquim*, ano I, nº. 11, p.03, dezembro de 1947.

¹⁶² Jornal vespertino que circulou em Curitiba até fim da década de 40.

distinção entre as duas palavras saberão o que isso quer dizer.¹⁶³

É importante observar que o momento no qual a revista está inserida há discussões nos periódicos culturais em relação à crise dos movimentos literários e artísticos coletivos, bem como sobre o fim do movimento modernista.

Baudelaire foi o primeiro poeta a sentir a modernidade e abordar em seus poemas e escritos teóricos. Em um trecho do texto *O pintor da vida moderna*¹⁶⁴, o poeta esclarece ao seu leitor o motivo pelo qual elege a palavra modernidade para definir o pintor C.G. “Ele busca algo, ao qual se permitirá chamar de *modernidade*, pois não me ocorre melhor palavra para exprimir a ideia em questão. Trata-se, para ele, de tirar da moda o que se pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório”¹⁶⁵,

O homem moderno, segundo o poeta, é o homem do mundo, o artista sensível. Está atento aos pequenos detalhes e mudanças de seu tempo, em que, aos olhos do leitor comum, podem ser insignificantes, mas aos olhos do pintor moderno é uma maneira de capturar o momento, pois o homem do mundo experimenta o mundo e compartilha com a humanidade, retira detalhes da multidão e os representa em suas pinturas com toda a sua destreza.

Embora a Paris de Baudelaire em nada se compare a Curitiba dos jovens escritores da revista, a intenção do grupo é mostrar que ser moderno e ser o homem do mundo significa ter uma maior abertura a temas e discussões políticas, sociais e literárias sem que eles sejam, necessariamente, locais. Além de uma preocupação maior com a universalização das artes, por isso a abertura aos intelectuais estrangeiros, na maioria.

Essa busca da arte e da literatura pode ser visualizada com mais ênfase em vários momentos na revista. Em especial, pode-se observar na coluna *História Contemporânea*, cujos textos tratavam assuntos de literatura, arte e política, que, de uma maneira geral, circulavam não especificamente naquele momento, mas cuja por intenção era atualizar o

¹⁶³ **Joaquim**, ano II, n. 11, p.03, dez. 1947.

¹⁶⁴ BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: **Poesia e Prosa**. São Paulo: Nova Aguilar, p. 859.

¹⁶⁵ BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: **Poesia e Prosa**. São Paulo: Nova Aguilar, p. 859.

leitor da revista, trazendo-o mais próximo das discussões mundiais e não apenas locais.

Vários textos de escritores e intelectuais famosos eram publicados na coluna, como Mário de Andrade, Álvaro Lins, Rainer Maria Rilke, Tristão de Athayde e Carlos Drummond de Andrade, André Gide, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, André Breton, Pablo Picasso.¹⁶⁶

Os eixos temáticos, como política, literatura, arte e sociedade podem ser observados na maioria dos textos da coluna. Como exemplo, tem-se a edição de número 03 da revista. O primeiro texto discorre sobre uma pequena biografia da pintora Käethe Kollwitz, na qual traz ao leitor uma diferente visão das artes plásticas utilizadas pelos artistas que participavam do periódico, por isso, dão ênfase ao uso da gravura utilizada por ilustradores como Poty e Guido Viaro na revista - artistas que se disseram influenciados pela pintora europeia, a qual trabalhava com temas sociais em virtude de sua “participação” na Guerra, segundo Poty.

Também há a preocupação maior de abordar textos que discutiam a realidade mundial após a Segunda Guerra, e suas consequências para a humanidade, devido ao ascendente e assustador crescimento de Stalin e a queda do nazismo, que ora se discutiu via escritores ou políticos americanos, ora por escritores contemporâneos nacionais como Drummond.

Na mesma coluna citada, há um texto do poeta mineiro, no qual reitera o momento difícil que se vivia no mundo, que para ele “era de crise e de transformação violenta de valores”¹⁶⁷. Por isso, discutir se há ou não um movimento literário depois de 22, torna-se uma discussão desnecessária para o atual cenário.

Além da coluna *História Contemporânea*, há outra coluna intitulada *Revista de Livros*, na qual se publicava pequenas resenhas de livros e revistas literárias, enviados à redação da revista. Embora se saiba que as revistas e livros resenhados nesta coluna fossem selecionados pela direção, as escolhas eram mais livres do que as publicadas pelos periódicos locais, mostrando o interesse dos editores por temas também contemporâneos, por escritores universais, por

¹⁶⁶ ANDRADE, Mário de. *História Contemporânea*. In: **Joaquim**, ano I, n.02, p. 08-09, junho de 1946.

¹⁶⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *História Contemporânea*. In: **Joaquim**, ano I, n.02, p. 08-09, junho de 1946.

periódicos de jovens escritores (anunciam e discutem alguns números de revistas que eram enviadas à redação).

A revista, além de se atualizar traz as discussões da contemporaneidade ao leitor, deixando de lado o atraso, que configurava com um fechamento aos assuntos e temas mundiais pelos conterrâneos paranistas, cujos preceitos não cabiam a uma juventude que se declarava “moderna”, pois segundo Baudelaire¹⁶⁸ “Ele [o homem do mundo] se interessa pelo mundo inteiro; quer saber, compreender, apreciar tudo o que acontece na superfície de nosso esferóide”.

Nesse sentido, na entrevista *Poty e a Prata de Casa*¹⁶⁹, realizada por Erasmo Pilotto, pode esclarecer ao leitor o que seria “ser moderno” para a revista. Ao iniciar a entrevista, o pintor e desenhista Poty descreve como foram as suas impressões ao participar da *Exposição degenerada do III Reich*¹⁷⁰, que continha a contemporaneidade, e que nas palavras do entrevistador seria uma exposição “da arte da resistência francesa e dos expurgados da Alemanha”¹⁷¹. Em relação às obras, o desenhista salienta que as gravuras de Käthe Kollwitz¹⁷² foram as que mais chamaram sua atenção, por desenhar “a revolta brotando na obra de arte”, nas quais a artista retrata temas sociais que, segundo Poty, abordam a temática do ser humano diante dos problemas ocasionados pela Guerra e pela fome. Na sessão sobre a França, o pintor salienta que os franceses têm um toque de refinamento e, por isso, uma atenção maior e mais atenta à pesquisa e ao problema da técnica.

Em seguida, o desenhista evidencia que a arte apreciada na exposição tem preocupações com temas que ele chama de social, e esta preocupação, também, vai perpassar os textos e ilustrações na revista. Poty descreve que naquele momento havia:

[...] das duas exposições a impressão em conjunto que se tem é de uma pintura produzida dentro da

¹⁶⁸ BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: **Poesia e Prosa**. São Paulo: Nova Aguilar, p. 855.

¹⁶⁹ A prata da casa foi usada para ironizar a revista *Prata de Casa* de responsabilidade da Academia de Letras do Paraná, a qual premiava e divulgava escritores e intelectuais locais anualmente.

¹⁷⁰ POTY. In: **Joaquim**, ano I, n.01, p. 07, abr. 1946.

¹⁷¹ **Joaquim**, ano I, n.01, p. 07, abr. 1946.

¹⁷² Käthe Kollwitz nasceu em 1867 e morreu em 1945. De nacionalidade alemã, a pintora marcou seus traços a partir de temas como a fome, a guerra, a pobreza na Europa das entre Guerras.

experiência de um mundo com qualquer coisa de elemental, um mundo inquietíssimo em processo de geração, no qual se batem uma nota fortíssima do social manifestada nos temas chamados comunistas e uma nota fortíssima do individual manifestada na procura de originalidade nas formas de expressão.¹⁷³

Dessa forma, é possível perceber que a visão de Poty se assemelha ao pensamento de Sérgio Milliet, descrito no final do manifesto da revista, na qual o crítico paulista ressalta haver um novo clima social para o artista marginal¹⁷⁴, cujo sentimento é de transmitir um “sentir igual, uma ambição comum, preocupações e angústias coletivas”¹⁷⁵. O sentimento que Milliet descreve no texto, pode ser considerado uma importante leitura, principalmente nas artes plásticas da revista, pois para serem modernos, os participantes da revista precisaram estar em sintonia com as outras artes. Por isso, quando Poty afirma que há uma grande desatualização no Paraná, é porque ela não observa as novas tendências e insistem naquele velho e cansado modelo Paranista.

Para justificar a proposta de atualização, que se configuraria como modernização, o pintor descreve que:

Falta-nos “importação”. Parece que nos contentamos sempre com a “prata da casa”, sem nos preocuparmos se ela realmente é boa. Além disso, os captains do atual selecionado cultural paranaense teimam em confundir conservantismo com tradição. Acredito que tradição é uma coisa que nos ajuda a andar para a frente e não a adoração e a repetição do que já foi feito.¹⁷⁶

¹⁷³ POTY. Poty e a prata da casa. In: **Joaquim**, ano I, n.01, p. 07, abr. 1946.

¹⁷⁴ O termo, segundo Milliet, no texto a *Marginalidade da Pintura Moderna*, refere-se ao artista que está à margem dos movimentos de maior clímax, por ter o pensamento diferente de seus contemporâneos.

¹⁷⁵ MILLIET, Sérgio. *Marginalidade da Pintura Moderna*. In: **Pintura Quase Sempre**. Porto Alegre: Globo, 1944, p. 151-152.

¹⁷⁶ POTY. In: **Joaquim**, ano I, n.01, p. 07, abr. 1946.

Embora o texto de T.S. Eliot, *Tradição e talento individual*¹⁷⁷, seja posterior à entrevista de Poty, é possível refletir sobre seu conceito a partir do autor inglês, em que a tradição deve ser conquistada com muito esforço. Esse esforço consiste do que o crítico chama de manter o sentido histórico que leva o homem a escrever sobre o seu momento, mas mostra que ele [o escritor] carrega consigo toda uma ordem, qual ele chama de ordem simultânea da literatura, desde Homero, até a de seu país. Isso porque

Esse sentimento histórico, que é o sentido tanto do atemporal quanto do temporal e do atemporal e do temporal reunidos, é que torna um escritor tradicional. E é isso que, ao mesmo tempo, faz com que um escritor se torne mais agudamente de seu lugar no tempo, de sua própria contemporaneidade¹⁷⁸.

Assim, quando o pintor afirma que a tradição é uma maneira de andar para frente, ele demonstra que o artista pode ser contemporâneo e tradicional, pois um escritor que não tenha ligação com pelo menos seu passado recente, segundo Eliot, dificilmente perdurará. No entanto, tradição não significa ter somente os olhos para o passado.

É nesse sentido que o pintor paranaense Poty atribuiu à pintura moderna, um olhar para frente, mas sem esquecer o passado.

O pintor pondera algumas das “desqualificações” que poderiam ser trabalhadas para que houvesse uma mudança na crítica artística, mas que também poderia ser atribuída à literatura:

De outro lado, falta-nos uma crítica orientada e honesta ao modo do que está realizando Campofiorito no Rio, uma crítica que entenda, para não ficar em apreciações meramente literárias: “Fui ao salão e vi umas belas gardêneas de fulano.” Campofiorito não é um pregador de idéias novas, mas apenas um crítico honesto, que julga para orientar.¹⁷⁹

¹⁷⁷ ELLIOT, T.S. *Tradição e talento individual*. In: *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art, 1989, p. 39.

¹⁷⁸ ELLIOT, T.S. *Tradição e talento individual*. In: *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art, 1989, p. 39.

¹⁷⁹ POTY. Poty e a prata de casa. In: *Joaquim*, ano I, n.01, p. 07-08, abr. 1946.

Ao conceder a entrevista, o pintor reclama de um meio artístico apadrinhado, ou seja, o crítico não levava em consideração a obra, mas sim, a vida e a notoriedade na região do autor. Ao citar que não se precisava de banquetes e homenagens sem expressão, o pintor se referia aos eventos que, patrocinados pelo *Clube Curitibano* e a *Academia de Letras Paranaense*, prestavam homenagem aos artistas locais, e, naquele momento em especial, anunciavam, há alguns meses, um jantar em homenagem ao poeta (morto) Emiliano Pernetá, apenas em função de perpetuar uma arte familiar.

No texto *Emiliano, poeta medíocre*, Dalton Trevisan escreve que Emiliano foi reconhecido mais pela pessoa querida e bem vista, do que por seus poemas. E isso se estendia à maioria dos escritores e artistas da época, que na visão dos jovens da revista, apareciam mais pelo homem social e político, do que pela criação.

A lamentação da revista em relação ao excesso de regionalismo não era restrita aos editores da revista *Joaquim*. Mário de Andrade se queixava de uma falta de compreensão em relação à proposta sobre o nacionalismo. Ele afirmava que,

hoje em dia é rara a exposição brasileira de pintura que não tenha uma figuração mais ou menos inconsciente do regionalismo. Querem fazer ‘nacionalismo’ porém despencam logo para o elemento característico, especificamente regional. Isso quando mais não seja prova nos artistas uma franqueza molenga de concepção criadora e uma pobreza guaçu de cultura”¹⁸⁰.

Mesmo que o texto seja de 1928, ele aponta o mesmo problema encontrado na cultura paranaense, na qual tanto exposições como publicações de livros tinham como tema a araucária ou o homem do campo (associado ao plantio de erva-mate). Esses símbolos eram vistos, admirados e perpetuados pela classe intelectual paranaense.

¹⁸⁰ ANDRADE, Mário. Regionalismo. In: **Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos**. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 553. O texto foi publicado em 1928, no *Diário Nacional* com o título de Regionalismo.

4.2 A REVISTA JOAQUIM E A DISCUSSÃO SOBRE O POST-MODERNISMO

Prosseguimos hoje com o inquérito que vínhamos realizando entre os jovens intelectuais brasileiros a respeito dos conceitos emitidos por Tristão de Athayde, em seu artigo “O neo-modernismo”, relativamente ao comportamento estético e político da nossa mais nova geração literária [...] Publicamos hoje a opinião do jovem escritor mineiro Waldomir Autran Dourado, autor da interessante novela “Teia” e redator-chefe da excelente revista “Edifício” que se edita em Belo Horizonte e a do ficcionista Dalton Trevisan, autor da novela “Sonata ao luar” e diretor de uma das mais simpáticas publicações literárias brasileiras – a revista “Joaquim” de Curitiba.¹⁸¹

Saindo um pouco dos debates locais, no segundo ano de publicações, a revista *Joaquim* participa das discussões em relação aos novos movimentos literários e artísticos, que foram instigados a partir da republicação do texto de Tristão de Athayde, em 24 de agosto de 1947 no *Suplemento Literário de Letras e Artes* do jornal *A manhã*, intitulado *O neo-modernismo*¹⁸². Em seguida, vários periódicos publicaram discussões de seus integrantes, geradas a partir do texto de Athayde. São alguns: *O post-modernismo*, segundo *José Paulo Paes*, e, também, o mesmo título escrito por Nelson Werneck Sodré na revista *Literatura*, além de *O neo-modernismo* escrito Péricles Eugênio da Silva Ramos, na *Revista Brasileira de Poesia*.

Em agosto de 1947, Tristão de Athayde no texto sobre *Neo-modernismo*, afirma que a geração modernista, na qual ele demarca a partir da vida literária de Mário de Andrade (1920-1945), levantou-se contra o reacionarismo acadêmico, representado pelo Parnasianismo, pelo Simbolismo e pela Revolução de 30, além da expansão católica com o surgimento do movimento carismático. Tais movimentos foram elencados pelo autor como de suma importância, no início do século

¹⁸¹ S/A. Pronunciamento dos novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde.

Letras & Artes, p. 13, domingo, 26 de outubro de 1947.

¹⁸² ATHAYDE, Tristão de. O neo-modernismo. In: *Suplemento Literário de Letras & Artes*, p.04, 28 de maio de 1947. O texto, segundo a direção do suplemento, foi publicado originalmente em julho de 1947, na revista da Faculdade Nacional de Direito *A Época*.

XX, para o Brasil e para o movimento modernista. Além disso, ele afirma que esses movimentos “não foram apenas sincrônicos, mas sintônicos e faziam parte de uma mesma onda da vida, que foi a expressão múltipla e ao mesmo tempo uniforme do espírito de uma nova geração”¹⁸³.

Figura 4 - Primeira página Suplemento Letras e artes e Revista Brasileira de Poesia.



Fonte: Acervo NELIC

Para demarcar o tempo de atuação do movimento modernista, o escritor delimita um marco desde o rompimento de Mário de Andrade com os parnasianos, até a sua morte em 1945. Avalia que com o fim do ciclo modernista, a nova geração de jovens escritores mantém laços com o movimento, devido à sua importância que oportuniza e permite a integração e o aperfeiçoamento dos jovens daquele momento.

Também afirma que o neo-modernismo é o prolongamento das conquistas de 22, por observar que os moços da nova geração não renegam os mestres, como Mário de Andrade e Vinicius de Moraes. No entanto, causa espanto ao escritor, por estarem em busca de definições, programas para ações e tudo isto sem revistas e sem manifestos.

¹⁸³ ATHAYDE, Tristão. Neo-Modernismo. In: **Suplemento de Letras & Artes**, p.04, agosto de 1947.

Tais questionamentos são passíveis de serem contestados, isso porque no ano de publicação deste artigo havia várias revistas literárias e culturais que reivindicavam mudanças culturais e literárias no país, dentre estas a revista *Joaquim (Paraná)*, a revista *Literatura (Rio de Janeiro)*, a *Revista Brasileira de Poesia (São Paulo)*, a revista *Magog (Rio de Janeiro)*, a revista *Edifício (Minas Gerais)* - revistas distribuídas não apenas no eixo São Paulo e Rio de Janeiro¹⁸⁴. Entre elas havia a preocupação em relação às novas discussões que estavam postas à mesa.

Ainda sobre o neo-modernismo, Athayde afirma que existiam algumas diferenças do neo-modernismo em relação ao modernismo de 22, como o interesse por culturas, como a russa e a americana, as quais estavam influenciando os escritores sobre espíritos totalitaristas, fascistas e comunistas. O autor reitera que “O Brasil em vez de mostrar-se como modelo para originalidades literárias, aparece como um gigante doente, vitimado pela Ditadura e do Reacionarismo”¹⁸⁵, isso porque o movimento se preocupa mais em questões sociais e políticas.

Além disso, afirma que a conquista mais cara ao Modernismo foi a desvinculação do reacionarismo no estilo que deu a liberdade poética aos poetas. O autor finaliza que há pequenos grupos que defendem a volta do que ele chama de reacionarismo, e que não há um grupo homogêneo e definido como na época dos modernistas. Decorridos alguns meses, na revista paranaense, há a publicação do artigo, agora escrito por José Paulo Paes, retornando a discussão sobre o tema.

Há no discurso de Athayde dois pontos que facilmente podem ser associados aos jovens da Revista *Joaquim*. O desejo de universalização das artes e a influência da cultura russa e americana, que eram leituras indicadas e constantes na revista estudada. O primeiro ponto se deve ao desejo de universalização, o qual pode ser averiguado dentro dos princípios norteadores do manifesto e em alguns textos teóricos e ficcionais. Isso porque, segundo afirma Dalton Trevisan, os moços daquela geração querem transpor os limites da rua XV, por isso, se interessam pelo homem moderno, pelo homem do mundo. O outro ponto são as constantes traduções e discussões teóricas da revista *Joaquim*

¹⁸⁴ Interessante observar que há o esquecimento ou apagamento, por parte do autor, não somente da revista *Joaquim*, mas da revista *Literatura*, *Revista Brasileira de Poesia*, *Magog*, *Edifício*, que circulavam naquele momento e reivindicavam mudanças culturais e literárias no país.

¹⁸⁵ ATHAYDE, Tristão. Neo-Modernismo. In: **Suplemento de Letras & Artes**, p.04, agosto de 1947.

sobre escritores influenciados pela corrente existencialista, tema que não causava boa impressão aos teóricos vinculados ao catolicismo.

Como era de esperar que houvesse reação dos integrantes da revista *Joaquim*, na edição número 18 da revista, é publicado o ensaio *Post-modernismo*¹⁸⁶, escrito por José Paulo Paes. Nele, o autor salienta que há a inexistência de projeto de algo que uma sua geração, se comparada aos projetos modernistas, e que, portanto, era mais fácil se unirem, naquele momento, por diferenças do que por semelhanças. Essa falta de semelhanças era uma das características que causava espanto a Tristão de Athayde, pois ainda queria ver movimentos que tivessem um propósito uno.

Figura 5 - O Neo-Modernismo e Joaquim.



Fonte: Acervo digital NELIC.

A discussão, como salientado acima, estendeu-se por inúmeros periódicos. Entretanto, à medida que a revista *Joaquim* se inseria no meio intelectual nacional, o tom de tranquilidade de Athayde não foi sustentado pelo colega Gustavo Corção e no ensaio *Diálogos* da revista *A Ordem*¹⁸⁷, pois ele dá combustível e atenção às discussões e às

¹⁸⁶ PAES, José Paulo. Post-Modernismo. In: **Joaquim**, ano II, n.18, p. 05, maio de 1948.

¹⁸⁷ CORÇÃO, Gustavo. Diálogos. In: **A Ordem**, vol.36, n.06, p. 04, junho de 1947.

polêmicas dos jovens, episódio que dará ainda mais evidência para aqueles que procuravam um lugar no meio intelectual.

No ensaio intitulado *Diálogo*¹⁸⁸, Corção afirma que a revista *Joaquim* tem o intuito de disseminar o que o autor chama de “ameaça existencialista no Brasil”¹⁸⁹. Isso porque os então jovens escritores de Curitiba estavam “impregnadas de invencionismo¹⁹⁰ e existencialismo”¹⁹¹ e, por isso, achava pesado importar sentimentos que partem da Europa aos moços daqui. E prossegue:

A recente leitura forçada [que fiz] dos discursos do seu Plínio Salgado e dos aforismos do sr. Mário Ramos, e guardava ainda na boca o ranço de algumas páginas do “álbum de família”, quando me desdobraram no chão uma toalha servida com cardápio existencialista¹⁹².

Além disso, o autor afirma que o existencialismo é uma ameaça ao mundo, porque sem a tradição de deus, não há tradição. Por isso não concorda com o termo revolucionário estipulado aos novos, porque aqueles que cortam as tradições deviam ser reacionários e não revolucionários, pois eles “quebram” com o fluxo da cultura, ameaçam o desenrolar da tradição.

Sua visão sobre os moços está carregada de negatividade, de forma a acreditar que toda a mudança causada em nome da modernidade pode ser uma “loucura” à tradição, com consequências desastrosas à sociedade. Ele afirma, portanto, que o jovem deve se ater ao passado e não ao futuro, para que haja uma evolução das artes,

Tudo isso prova que o homem é um debruçado. Ao contrário do que se diz sobre a irresistível atração do futuro, a maior atração é a do passado,

¹⁸⁸ O título causa estranheza, pois a partir do momento que o escritor Corção ataca a os integrantes da revista *Joaquim*, não abre a possibilidade para diálogo.

¹⁸⁹ CORÇÃO, Gustavo. Diálogos. In: **A Ordem**, vol.36, n.06, p. 04, junho de 1947.

¹⁹⁰ O termo invencionismo que Corção cita no texto se refere ao manifesto do movimento Invencionista, publicado em 1944 em Buenos Aires, que contava com a participação de vários autores da América-Latina como Raul Lozza, Thomas Maldonado, Murilo Mendes entre os participantes. O movimento, conhecido como Arte Concreto Invencion em 1944.

¹⁹¹ CORÇÃO, 1947, P.04.

¹⁹² CORÇÃO, 1947, p. 04.

não somente pelo fato de ser um passado, mas pelo sentido que imprime ao presente e pela porta que abre ao futuro. O desmemoriado, como o caso acontecido há alguns fica-lhe entupida a porta do futuro; faltando-lhe a liberdade do recuo, ficam seus gestos travados como os de espadachim contra a parede. A vida tem dois lados, e por mais que invoque o seu nome com todos os derivados, o reacionário é inimigo da vida.¹⁹³

A acusação que Corção dirige a revista *Joaquim*, possivelmente se deve a grande adesão, ou mesmo discussão, entre os moços sobre a corrente filosófica existencialista, temor dos católicos e protestantes. O existencialismo, lido principalmente via Sartre, coloca em xeque a soberania da doutrina cristã diante do pensamento e do comportamento humano, pois o existencialismo se adapta mais ao pensamento do pós-guerra do que qualquer outra corrente filosófica, discutindo a independência humana em relação ao comportamento e aos valores. Esse ponto é salientado inúmeras vezes no texto de Corção.

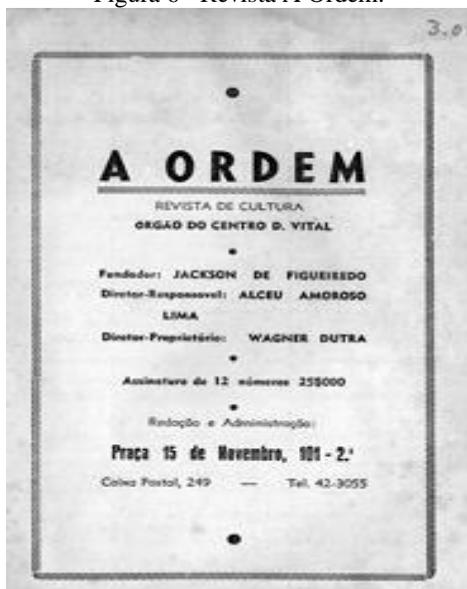
Outro fato que pode ser considerável resposta para tal repúdio do escritor católico à revista dos novos, se deva ao seu ortodoxíssimo católico que, segundo Oliveira¹⁹⁴, também era perceptível nas posições tomadas pela revista. Episódio interessante de ser observado, porque presume o motivo pelo qual a revista paranaense era ataca por Corção: se dá porque na revista *A Ordem* “reúne-se uma intelectualidade muito peculiar que toma para si a atribuição de exercer uma militância anti-individualista, antiliberal, antipositivista e anticomunista”¹⁹⁵, isto é, todas as características que o autor acusa ter a revista *Joaquim*.

¹⁹³ CORÇÃO, 1947, P. 25.

¹⁹⁴ OLIVEIRA, Leonardo D’avila de. **ORDENAR O ESPIRITUAL: LETRAS E PERIODISMO CATÓLICO NO BRASIL (1928-1945)**. 2015. 642 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Leonardo D’avila de. A vida espiritual: 1928-1932. In: **ORDENAR O ESPIRITUAL: LETRAS E PERIODISMO CATÓLICO NO BRASIL (1928-1945)**. 2015. 642 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015, p. 103.

Figura 6 - Revista A Ordem.



Fonte: Biblioteca Nacional Católica

Não demorou muito para que sásse a réplica dos moços da revista *Joaquim*. Ela ficou aos cuidados de Waltensir Dutra, o qual afirma ser reacionário Corção, pois com apenas a leitura de um exemplar da revista (nº09) tirou conclusões do grupo, acusando-os de serem existencialistas e invencionistas¹⁹⁶. O escritor da *Joaquim* esclarece que apenas colocar os textos não significa que eles defendam os movimentos, e que Corção usa dos textos publicados na revista para atacar aos jovens que não buscam na religião respostas para os problemas mundiais, pois nada mais ameaçador aos tradicionais religiosos do que a individualidade do pensamento humano.

Embora Waltensir Dutra tenha afirmado que a questão sobre o existencialismo se restringia a apenas um número da revista, quando se verifica na indexação os nomes de escritores mais citados na revista, temos o nome de Sartre, filósofo mais importante da corrente existencialista daquele tempo.

Mas as influências não se restringem apenas à filosofia, pois Rainer Maria Rilke e André Gide têm lugares de destaque nas páginas

¹⁹⁶ O fato se deve pela publicação da tradução do texto “Linguagem e Linguagem” de Jean P. Sartre e o Manifesto Invencionista latino-americano.

da revista, sejam por traduções, como na número 16, dedicado a Gide, em virtude da então recente premiação do Nobel de Literatura, como as traduções dos poemas *Elegias de Duino*, por Dora Ferreira da Silva. De algum modo estes escritores estavam ligados a corrente existencialista.

4.3 NÃO SEI PARA ONDE VOU, SÓ SEI QUE NÃO VOU POR AI..

Figura 7 - Pronunciamento dos novos.



Fonte: Suplemento Literário de Letras & Artes

Quanto Tristão de Athayde escreveu seu texto, em pouco tempo, foram chamados os jovens intelectuais (Dalton Trevisan e Autran Dourado), envolvidos na discussão para darem as suas opiniões sobre o neo-modernismo, no *Suplemento de Letras e Artes* do jornal *A manhã*. O

suplemento dá “voz” aos novos, para que exibissem suas opiniões sob o título de *Pronunciamento dos novos em relação ao depoimento de Tristão de Athayde*¹⁹⁷. No entanto, a enquete não foi realizada somente para Trevisan, mas também contou com a colaboração de Waldomiro Autran Dourado, que na época era membro e redator da revista *Edifício*. A revista surgiu em Belo Horizonte, em 1946 e contou apenas com quatro números, de janeiro a junho do mesmo ano. Ela foi idealizada por estudantes que na época estavam interessados pelo regime comunista e empolgados com a “liberdade”, após a saída de Getúlio Vargas do poder. Dentre seus participantes, a maioria filiada ao partido comunista, tem-se Autran Dourado, Edmur Fonseca, Jacques do Prado Brandão. Os participantes do periódico, assim como *Magog*¹⁹⁸, mantinham um diálogo constante com a revista *Joaquim*

Na opinião de Autran Dourado, os moços não deviam ser as “viúvas”¹⁹⁹ de Mário de Andrade e deviam, sim, ter outros rumos que não os modernistas de 22. No entanto, crê que seja cedo para definições e afirma: “Para que tanta pressa em nos definir, em nos rotular, se surgimos agora e ninguém sabe se faremos alguma coisa ou deixaremos de o fazer?”²⁰⁰ Em seguida, salienta que Athayde traz muitos esquemas e isso traz sérios problemas à literatura, porque ela não pode ser medida por acontecimentos estanques. Também pondera que neo-modernistas são aqueles que mesmo depois da morte de Mário continuaram vivendo em um círculo, um ciclo que vive da sombra do mestre. Assim, afirma que não são contra o movimento modernista, mas também não podem dizer que são neo-modernistas.

Já Dalton Trevisan aproveita do espaço cedido para responder Corção, a quem diz ser perigoso e generalizador classificar a revista *Joaquim* como existencialista, por apresentar textos e leituras de intelectuais sobre o tema. A indignação se deve a um artigo publicado na revista *A Ordem*.

No entanto, tendo uma posição mais debochada e irônica, Trevisan diz não ser capaz de opinar sobre o assunto neo-modernismo,

¹⁹⁷ **Suplemento de Letras e artes**, p. 13, 26 de out. de 1947.

¹⁹⁸ Revista de jovens que circulava no Rio de Janeiro no mesmo período que a *Joaquim* e a *Edifício*.

¹⁹⁹ DOURADO, Waldomiro Autran. Pronunciamento dos novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. In: **Suplemento Literário de Letras e Artes**, p.13, 26 de outubro de 1947.

²⁰⁰ DOURADO, Waldomiro Autran. Pronunciamento dos novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. In: **Suplemento Literário de Letras e Artes**, p.13, 26 de outubro de 1947.

por ser um provinciano²⁰¹, mas nas linhas abaixo, o que se vê é o posicionamento do escritor, no qual afirma que Tristão tem muitas generalizações em suas afirmações, ou seja, delimita as características do movimento modernista como sendo homogêneas e simultâneas, e que se tratando de literatura não é possível tal afirmação.

Por fim, declara não se considerar herdeiro deste neo-modernismo, do qual o crítico afirma pertencer os novos escritores, ressaltando um importante ponto de discussão e análise: a declaração de um mestre é uma questão secundária, pois as preocupações dos moços são de pequena importância para o que ele chama de ação e definição. A nova geração ainda está à procura de um caminho que ainda não tem nome nem direção, exceto o desejo de não repetir o regionalismo exacerbado de alguns modernistas.

A discussão, até então restrita a poucos periódicos, começa a ganhar força com os também jovens, da *Revista Brasileira de Poesia*. No artigo *O Neo modernismo*, Péricles Eugênio da Silva Ramos relata aos leitores o texto escrito por Tristão de Athayde, e afirma que são interessantes suas ponderações sobre o fim do movimento, mas delimitar o modernismo com a vida literária de Mário é não reconhecer suas últimas obras como *Empalhador de Passarinhos*, obra em que Mário relembra que só o lirismo não faz um poema e isso, sim, será o desafio enfrentado pelos moços: unir o lirismo com os ritmos pessoais.

Com tantas discussões fomentadas em torno do tema, é possível perceber pontos que se fundem nos depoimentos dos jovens escritores, como a consciência de que naquele momento havia mudanças, mas estas mudanças não vinham mais a partir de ações e definições e, também, não poderia Tristão de Athayde delimitar o movimento modernista a partir da vida de Mário de Andrade, porque tal definição cria laços com o escritor. Por isso, a justificativa de Autran Dourado, de não querer ser o viúvo de Mário.

Simone Dias²⁰², em sua tese, discorre sobre outro texto que, em 1936, Tristão de Athayde havia escrito. Segundo a autora, ele encontra-

²⁰¹ Embora se saiba que a escrita de Dalton Trevisan sempre teve um tom irônico, é interessante observar como ele se classifica como provinciano, sendo que o que a revista propunha era uma abrangência maior de discussões.

²⁰² DIAS, Simone Regina. Nós em torno do pós: notas sobre o que foi esquecido. In: **Espectros de uma época: o debate pós-moderno no periodismo brasileiro dos anos 80**. 2005. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

se na revista *Lanterna Verde* e tem como título *Síntese*. Nele, o escritor católico considera o fim do modernismo a partir do momento em que o movimento passa do nacionalismo para questões políticas. Essa transição seria marcada pelo fim dos grupos e afirmação de ações individuais que não necessitariam de princípios comuns, o que, de uma maneira sutil e simples, Athayde, segundo Dias, acaba afirmando é o fim das vanguardas. No entanto, o que seria o post-modernismo para o autor? Segundo Dias, seria os movimentos que viessem depois da Semana de 22.

Quando os textos foram colocados em uma ordem cronológica, evidenciou-se como no momento se predominava um sentimento de crise e de incertezas. No entanto, por não serem mais movimentos vanguardistas, os novos não se achavam em condições de destruir as conquistas Modernistas, pois para eles, como afirma Autran Dourado, o interesse era outro e se a porta estava aberta, por que insistir em ficar nela?

Irreverência, tendências sociais e políticas na arte e na literatura fizeram a notoriedade da revista estudada, pois, ao que parece, ser moderno para os integrantes da revista representava ter liberdade para que os poetas e escritores capturassem tudo o que tratasse do homem atual, o homem do mundo.

4.4 JOAQUIM E AS ILUSTRAÇÕES

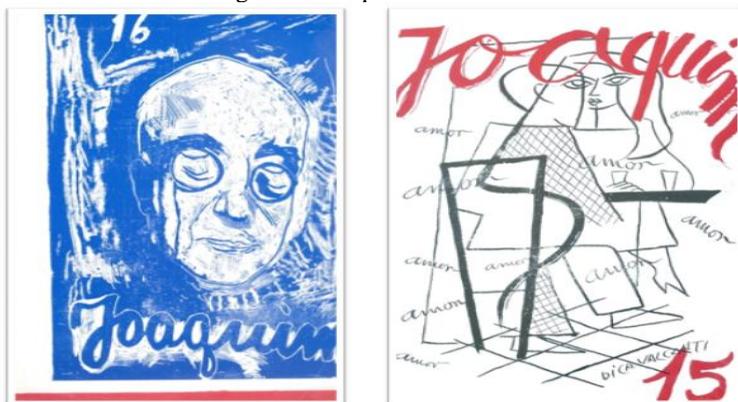
É interessante como a revista *Joaquim* dá destaque às ilustrações. Nas capas, pode-se observar que elas ocupam a página inteira, dividindo espaço apenas com o nome da revista, ora *Joaquim* com maiúscula, ora com minúscula, isto é, a cada número havia alguma modificação ou novidade em relação ao seu desenho. E esse “mimo” ao leitor foi de responsabilidade dos ilustradores da revista.

Este destaque dado às ilustrações da revista não passa despercebido pela crítica, Q. Campofiorito, crítico de arte, publica no periódico o texto *Os ilustradores de Joaquim*²⁰³ e parabeniza por se dedicarem em todos os números as ilustrações que não servem apenas de adereço aos textos e as capas, mas trazem a sensibilidade do artista. Segundo o crítico, é interessante o processo explorado pela revista, devido ao uso de “clichês gravados diretamente sobre o zinco”. Embora pondere que o processo não seja novo, afirma que os ilustradores dão à

²⁰³ CAMPOFIORITO, Q. Os Ilustradores de Joaquim. In: **Joaquim**, ano II, n.10, p. 10, maio de 1947.

revista “aspecto gráfico realmente artístico, à semelhança das publicações que oferecem aos seus leitores estampagens originais de clichês diretamente executados pelo artista”²⁰⁴. Assim, o periódico não poderia ser reconhecido por uma capa única que representava as marcas do grupo, faziam com que a cada número se tivesse uma joia, devido ao processo pelo qual o artista submetia a confecção das ilustrações, tornando o trabalho único para a revista e para o leitor.

Figura 8 - Joaquim nº16 e nº15.



Fonte: Revista Joaquim.

Figura 9 - Joaquim nº17 e nº13.



Fonte: Revista Joaquim.

²⁰⁴ CAMPOFIORITO. Q. Os Ilustradores de Joaquim. In: **Joaquim**, ano II, n.10, p. 10, maio de 1947.

A gravura foi muito utilizada pelos ilustradores da revista paranaense, cujos expoentes eram Poty e Guido Viaro. Este tinha como temáticas em suas gravuras o que Campofiorito chamou de “comunhão do destino do homem simples, do homem que sofre, do homem para quem a vida é uma luta, do homem comum”²⁰⁵. Fato curioso a ser observado, pois em vez de trabalhar temáticas paranistas, o pintor e gravurista estava preocupado em trabalhar a temática do homem comum, um joaquim do Brasil. Também havia nomes como o de Renina Katz²⁰⁶, que Poty conheceu quando foi morar no Rio de Janeiro. Possivelmente, quando voltou para Curitiba, Poty intermediou o contato entre Kartz e Trevisan. Dessa forma, a pintora começa a participar ativamente na montagem dos números da revista, a partir da edição número 12, tendo também a função de redatora. A desenhista tem algumas publicações como a ilustração ao conto *My Darling Katherine*, na edição do número 14, que pode ser associado às composições mais variadas nas capas, tanto por cores como por estilos.

Percebe-se que a revista dava ênfase às artes plásticas, com publicações de críticos renomados de arte como Sérgio Milliet, Mario Pedrosa, Q. Campofiorito e Guido Viaro. Eles tiveram um olhar diferenciado e crítico sobre a arte, dedicando-se aos estudos e discussões constantes e que representavam o pensamento sobre as artes do grupo de intelectuais que participavam da revista.

Já em relação à crítica de arte, os redatores da revista dão sempre um espaço especial. Na primeira edição do periódico, há uma “amostra” ao leitor do que viria a ser constante nas suas páginas: mostrar ao leitor como a crítica local valorizava um círculo de amizades e gostos, e não a obra em si.

Na página 05 da primeira edição da revista, há a reprodução de um texto João Chorosnicki, crítico do Jornal o *Diário da tarde*, de Curitiba, que anuncia a exposição do pintor italiano Silvio Nigri²⁰⁷ e em

²⁰⁵ CAMPOFIORITO, Q. Os Ilustradores de Joaquim. In: **Joaquim**, ano II, n.10, p. 10, maio de 1947.

²⁰⁶ Renina Katz nasceu no Rio de Janeiro em 1925, cursou a Escola Nacional de Belas Artes e Q. Campofiorito é um de seus professores, após licencia-se em desenho pela Universidade do Brasil e faz o curso de gravura em zinco. Tornou-se uma artista de renome. Durante muito tempo lecionou na Universidade de São Paulo.

²⁰⁷ Silvio Nigri foi um pintor italiano que nasceu em Florença, na Itália. Frequentou a Academia de Belas Artes e foi aluno dos pintores Chini e Arcangeli.

sua tentativa de convencer o público a comparecer na exposição do autor, escreve:

Nigri é um ótimo desenhista, e tem uma coleção de obras creadas por um grande talento, *que de um modo original reproduz o trabalho do criador*. [...] Suas águas (oh!), neves (oh!), conjunto de barcos a vela (oh!), encantam sobremaneira. Quasi tôdas as telas de Silvio Nigri agradam-me. Espero que isso não dê motivo a uma alegria excessiva por parte do famoso artista (sic). [...] A quem contempla as obras de Nigri é dado gozar uma espécie de prazer platônico, que exclue qualquer pose.²⁰⁸

O artigo do jornal *Diário da tarde* sofreu intervenções por parte da direção, assim, todos os sublinhados e exclamações foram colocados com o intuito de ridicularizar o “crítico” de arte que se baseia em afirmações vagas e sem respaldo técnico para a apreciação da obra do pintor italiano. Tendo como referências críticos consagrados no meio artístico, como interlocutores da revista, os diretores não poderiam ter respaldo maior para apresentar críticas, como a de Campofiorito às exposições e apreciações locais.

O que inicialmente chama a atenção na crítica de Chorosnicki são as afirmações sobre a obra de Nigri “que de um modo original reproduz o trabalho do criador”²⁰⁹, descreve como aquele que não representa a arte moderna, pois a visão desse artista é mostrar o quanto havia uma crítica que não era séria e comprometida com o público leitor, elegendo aspectos superficiais e subjetivos na análise das obras. Há uma tensão entre o pensamento dos intelectuais que defendiam uma crítica de arte pautada na obra e os intelectuais locais numa crítica subjetiva e sem critérios de avaliação.

Ao lado do texto de Chorosnicki, a revista publica o texto de Q. Campofiorito; ao descrever a mesma exposição, o crítico afirma que o pintor italiano faz uma sub-arte que agride não só aqueles que vão às exposições para admirar, mas também a academia. Segundo o crítico, a arte de Nigri “na sedução da ignorância, e na informação de um aspecto

²⁰⁸ CHOROSNICKI, João. Exposição de Nigri. In: **Joaquim**. Ano I, n. 01, p. 05, abril de 1946.

²⁰⁹ CHOROSNICKI, João. Exposição de Nigri. In: **Joaquim**. Ano I, n. 01, p. 05, abril de 1946.

artístico inteiramente falso, a par de uma compostura profissional assás leviana. A crítica, realmente honesta, deve denunciar o baixo comércio de arte”.²¹⁰ O que o crítico Campofiorito quer denunciar é uma arte baseada em impressões subjetivas que não levam em conta os fatores estéticos da obra, mas sim as impressões do resenhista ou crítico de arte. No entanto, as duas críticas não deixam de serem interpretações de juízo sobre o pintor, embora o destaque negativo dado pelo crítico de arte demonstra alguns dos valores defendidos pelos integrantes da revista *Joaquim*.

4.5 EMILIANO PERNETA, A FIGURA DO ATRASO!

Nossa geração não quer mais nutrir-se de equívocos que a afastem da rua dos homens.”²¹¹

Baudelaire²¹² atribui ao homem moderno a função de ser um “homem do mundo”, o que difere do artista tradicional. Ele se interessa (o homem do mundo) por tudo ao seu redor e, além de observar, quer compreender tudo o que vê. Já o artista tradicional, segundo o poeta, enxerga pouco, porque se restringe a um pequeno círculo, eles “são, deve-se convir, uns brutos muito hábeis, simples artesãos, inteligências provincianas, mentalidades de cidade pequena. Sua conversa, forçosamente limitada a um círculo muito restrito, torna-se rapidamente insuportável para o *homem do mundo*, para o cidadão espiritual do universo”²¹³.

Baudelaire descreve o cenário em que se encontrava a arte e a literatura paranaense em relação aos poetas que se restringem a um pequeno círculo e de mentalidades pequenas dos paranistas. No exemplar número 02 da revista, há o artigo de ataque ao “príncipe dos poetas paranaenses”, *Emiliano, poeta medíocre*. O texto escrito por Dalton Trevisan se inicia com a citação de Jean Cocteau - “Não cabe aos

²¹⁰CAMPOFIORITO, Quino. A exposição de Nigri. In: **Joaquim**, ano I, nº 01, p. 07, abr. de 1946.

²¹¹TREVISAN, Dalton. Emiliano, poeta medíocre. Op. cit., p. 13-14.

²¹²BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

²¹³BAUDELAIRE, Charles, op. cit., p. 855.

moços comprar valores já garantidos”²¹⁴ - como epígrafe. Assim, não cabe aos moços da revista *Joaquim* continuar com a “adoração ao passado” que se fazia a Emiliano²¹⁵. A escolha de Emiliano Pernetá não se dá ao acaso, mas como maneira de mostrar aos intelectuais locais que ainda tinham o poeta como o único e o melhor entre eles. Mas o culto não era só visto em reuniões no café da rua XV (conhecido como Senadinho), passou a ser visto como o símbolo da intelectualidade na cidade. Já que em 20 de agosto de 191, em uma cerimônia aberta ao público, foi realizada a coroação de Emiliano Pernetá na *Ilha da Ilusão* (em alusão ao seu livro) que foi criada, no parque *Passeio Público* em Curitiba, especialmente para o poeta, coroado naquele dia o príncipe dos poetas paranaenses.

Emiliano Pernetá foi vítima da província em vida e na morte. Em vida, a província não permitiu que ele fosse o grande poeta que podia ser, e, na morte, o cultua como sendo o poeta que não foi. Há no Paraná, por razões sentimentais, a mística de Emiliano, que não tem raízes na admiração dos moços; eles não a aceitam e a repudiam.

Emiliano fez poesia, como se fez poesia naquele tempo, afim de ser recitada nas sessões lítero-musicais dos colégios em festa no dia da árvore. E, precisamente, sua poesia, borrifada de água de flor, é uma POESIA DE DIA DA ÁRVORE. Versos bonitos, com sonoridade de sílabas de encher bochechas, mas por acaso poesia é mais do que isso? Se é, Emiliano não foi poeta.[..]

Os seus temas, sem nenhum sentido ecumênico, são artificiais como florinhas coloridas de papel [...] Sempre a casinha de chocolate, e cumpre que se digam tais coisas, afim de que os moços, em vez de trilhar seu caminho fechado, tomem as estradas alegradas de sol de um Baudelaire ou um Verlaine ou um Vinicius de Moraes. Me entendam bem os chauvinistas. Porque, em arte, não há prata de casa, é-se de Dostoiowski ou L. Romanowski, é-se Rimbaud ou, e pobre quem lê ”Cíume da morte” em vez de Dostoiowski, por causa que é um comunista russo e, o outro, nasceu em Mal.

²¹⁴ TREVISAN, Dalton. Emiliano, poeta medíocre. In: **Joaquim**, ano I, nº02, p. 16, jun. de 1946.

²¹⁵ Dados biográficos de Emiliano se encontram no apêndice.

Mallet [...] não se perca tempo, vamos aos valores supremos, a essas experiências decisivas de Rilke, Aragon, Drummond de Andrade. “Ilusão” é, porventura, o melhor livro de poesia escrito no Paraná, grato ao coração por um laço afetivo, mas nem por isso é livro que ultrapasse as fronteiras da rua XV, e, para nós, neste instante, são as fronteiras do mundo, e não as da rua XV, que procuramos atingir.²¹⁶

Trevisan afirma que Emiliano era idolatrado pelo seu carisma e não pela sua poesia, mas o motivo pelo qual o repudiam seria a produção baseada em uma simbologia local e com excessivo uso da forma, como uma “muleta” para seus poemas com temáticas, muitas vezes, infantis. Assim, o escritor afirma que:

Não é em vão que a nossa geração, com sua mentalidade formada entre o suor, o sangue e as lágrimas de duas guerras mundiais, sofrendo a sua inquietude tremenda, a provar experiências decisivas na própria carne, procedeu como um motivo de sobrevivência a subversão de todos os valores. Nossa geração não quer mais nutrir-se de equívocos que a afastem da rua dos homens²¹⁷.

Negar Emiliano Pernetta era mais do que negar a um simples poeta. Era negar uma tradição, era negar as raízes de uma literatura local e em seguida propor uma nova visão. Ou seja, o diferencial para o grupo estava na proposta que se baseava na transposição “dos limites da rua XV”, como afirmou Trevisan, de pensar que as conquistas da modernidade transformaram significativamente as atitudes e os costumes do homem moderno, e que a literatura, as artes e a cidade já não eram mais as mesmas. Os moços ansiavam por um diálogo sem fronteiras, sem temáticas pré-estabelecidas.

Como fator de curiosidade e até certo jogo de cena, ao mesmo tempo em que a revista publicava o texto “desmistificando” tanto o culto a Emiliano quanto a sua poesia “pequena”, uma reedição de suas poesias

²¹⁶ TREVISAN, Dalton. Emiliano, poeta medíocre. In: **Joaquim**, ano I, n. 02, p. 13-14, jun. 1946.

²¹⁷ TREVISAN, Dalton. Emiliano, poeta medíocre. In: **Joaquim**, ano I, n. 02, p. 13-14, jun. 1946.

foi lançada no mercado editorial local e ainda contava com o prefácio e a organização de Erasmo Pilotto, membro da revista até o nº05.

Os moços de 40 eram, segundo Temístocles Linhares²¹⁸, jovens pessimistas, carregavam o desconcerto do mundo e a angústia das guerras em seus escritos. Eram “precavidos”, por isso praticavam muito mais a crítica do que a criação, eles tinham uma opinião “ácida” em relação à produção literária e artística.

Dalton Trevisan, além de escrever o texto sobre o poeta Emiliano Perneta, escreve o conto que tem como título *Minha cidade*²¹⁹. A princípio, o título não dá ao leitor alguma relação intertextual, no entanto, já em suas primeiras frases, observa-se a semelhança na temática do exílio com o poema *Canção de exílio*, de Gonçalves Dias. O poema foi escrito por Gonçalves Dias (1843) em Coimbra, influenciado pelo romantismo, quando tivera contato com escritores como Alexandre Herculano e Almeida Garret. O poema expressa a solidão e a saudade que o eu-lírico sente no exílio de sua pátria, uma das primeiras manifestações em relação à Pátria Brasil, isto é, o poeta, assim como os escritores contemporâneos a ele, tentava dar uma “feição” nacional à literatura brasileira. Já no conto escrito por Trevisan, o exílio que o narrador sente é na própria cidade.

No conto, o narrador reclama de viver em uma cidade que não é aquela clamada por seus contemporâneos: “Curitiba, que não tem pinheiros, esta Curitiba eu canto. Curitiba, em que o céu não é azul, esta Curitiba eu canto. Não a Curitiba para turista ver, esta Curitiba eu canto”. Por isso, diferencia-se da paixão e da vontade de regressar à pátria de Gonçalves Dias, é um sentimento de desconforto diante de uma cidade que ele reconhece não ser mais aquela retratada nos versos de Emiliano Perneta ou de Valfrido Pilotto, que passou por mudanças e ainda mais, a cidade real com seus problemas e costumes. Continua:

Curitiba, não a da Academia Paranaense Letras, com seus trezentos milhões de imortais, mas a do bailes do “14” dizem onde Rimbaud vinha sambar incógnito e de capa preta [...] a Curitiba dos cafajestes, caftinas e fanchones, esta Curitiba eu canto. [...] Eu canto a outra, a do relógio da praça Osório, que indica fielmente a hora errada, -- dos

²¹⁸ LINHARES, Temístocles. **Diário de um Crítico I**. Curitiba: Brasil Diferente, 2001.

²¹⁹ TREVISAN, Dalton. *Minha Cidade*. In: **Joaquim**, ano I, n.06, p. 20, nov. de 1946.

sinos da igreja dos polacos, perto de minha casa, ao entardecer, das – das orgias sabatinas do “Operário”, onde bailam as pretas mais lindas do mundo, -- das procissões nos dias santos, como visões da Kunklux-Klan, em que as vozes das virgens se abrem entre a noite em rosas místicas, [...] Curitiba do registo policial do “Diário da Tarde”, onde só as donzelas em gesto treloucado ingerem formicidas por causa de amores, os maridos dão surras épicas em mulheres prevaricadora, viúvos que se enforcam de saudade nas bandeiras do banheiro. Curitiba de um ou dois sujeitos com ataques epilépticos nas ruas, - das Cargas da Guarda Cívica, a cavalo sabre desembainhado, nas noites vermelhas de agitação popular, - dos comícios do PCB na praça, qual cópia cinematográfica da Revolução Francesa, esta Curitiba eu canto.²²⁰

A sua cidade se transformou, assim como Baudelaire observou na sua Paris do século XIX. O poeta moderno busca poesia nos submundos, nos prostíbulos ou lugares à margem da sociedade, ou mesmo os lugares comuns e sem fantasia. Segundo Benjamin, Baudelaire acreditava que “Os poetas encontraram na rua o sujeira da sociedade e a partir dele fazem sua crítica heroica”²²¹. O poeta moderno é aquela figura que passeia na cidade, mas que ao mesmo tempo para e pega o sujeira e repara ao seu redor porque, o seu foco é aproximar o banal do poético.

Os integrantes da revista queriam mostrar aos leitores que a aura dos poetas já caíra há tempos “há mais de 40 anos”. Logo, o poeta e o artista não pintavam ou cantavam uma cidade imaginada, mas sim uma cidade real.

O narrador observa com mais astúcia o que os intelectuais locais não viam, viviam em uma cidade imaginária. Por isso afirma que não reconhece a cidade nos poemas, nas obras artísticas, pois a cidade de Emiliano:

²²⁰ TREVISAN, Dalton. *Minha Cidade*. In: Joaquim, ano I, n.06, p. 18, novembro de 1946.

²²¹ BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 15.

[...] de Emiliano Pernetá, onde o pinheiro é uma taça de luz²²²; de Alberto Oliveira, onde oh! o céu é azul; de Martins Fontes que é a cidade sorriso; ou de Moacyr de Las Palmas Chaves, com suas flores, com suas músicas e cristais. Essa Curitiba não é a minha, que eu canto. [...] Curitiba, não a das Lojas Americanas, Sloper e confeitaria Guairacá, que os turistas visitam para depois contar que conhecem a cidade.²²³

Dessa forma é possível observar a semelhança²²⁴ com que o narrador descreve a cidade, assim como no final do século XIX, Baudelaire tentou mostrar aos seus leitores. Ele não reconhece sua Paris bonita e perfeita, mas conhece muito bem a Paris dos prostíbulo, da noite e das subversões, do comércio e das transformações. E com isso, sente-se desconfortável, um exilado em sua cidade.

Baudelaire, quando andava por Paris via as transformações que sua cidade passava e se sentia um estrangeiro melancólico. Os integrantes da revista viam uma constante transformação, tanto na cidade que viviam quanto no mundo, mas uma transformação que os seus conterrâneos não percebiam: a cisão entre o individual e o coletivo. Talvez por isso os moços viam no movimento Paranista uma realidade que não condizia com o mundo, com as transformações de uma sociedade moderna.

²²² Referência ao poema mais famoso de Emiliano Pernetá: Pena do Talião.

²²³ TREVISAN, Dalton. Minha Cidade. In: Joaquim, ano I, n.06, p. 18, novembro de 1946.

²²⁴ A comparação deve-se aos locais que Baudelaire busca descrever em seus poemas. Locais banais ou medonhos a sociedade, assim como no texto o poeta tenta ressaltar. Não há a intenção de comparar Paris a Curitiba, pois são quase um século que separam os escritores e do desenvolvimento em relação aos europeus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, foi possível visualizar como se desenrolaram os fatos que culminaram no nascimento da revista *Joaquim*. Foi também possível perceber como havia um movimento, seja particular ou coletivo, de mudança. Meados de 45 foi um importante laboratório de revistas e jornais literários, como afirma Saches Neto (1998), de revoluções e indagações que enriqueceram ainda mais o diálogo entre os intelectuais no Brasil.

No entanto, não foi só no âmbito nacional que se pode observar a ambição dos moços da revista. Mesmo que sutilmente, começam a se relacionar com outras nacionalidades não exclusivamente que europeias. Nas páginas da *Joaquim*, pode-se observar que o desejo de ser universal se mostra por mostrar aos intelectuais locais que existem outros movimentos, outras literaturas, outros intercâmbios e que, principalmente, a América-Latina existia e dialogava com o Brasil, mesmo que alguns intelectuais brasileiros ainda persistissem em não olhar seus vizinhos.

No primeiro capítulo, foi possível visualizar como se desencadearam os acontecimentos para que revistas, como a *Joaquim*, tivessem campo de atuação e pudessem impactar seus leitores e o meio intelectual. Ou seja, o fim do Estado Novo e o fim da Segunda Guerra Mundial trouxeram sentimentos de liberdade e de angústia, que foram internalizados pelos jovens escritores e transformados em reivindicações e movimentos, isolados em sua maioria, mas que pretendiam ter uma aproximação maior da literatura brasileira com o mundo. E, não se pode esquecer que o preparo para as artes e para a literatura deu-se a partir da morte de Mário, que de alguma maneira serve como um marco, um ponto final para alguns, e uma continuação para outros, de seu legado que segue mesmo após a sua morte.

Embora o controle sobre a imprensa fosse ainda forte pelo governo estado-novista, a década de 40 teve o aparecimento de diversos periódicos literários, ligados ou não ao governo. A partir de meados da década de 40, há um número significativo de “pequenas revistas”²²⁵ que buscavam discutir o estado da literatura e das artes naquele momento, não vinculando-se a nenhuma instituição, em sua maioria. Eram produções independentes.

²²⁵ O termo “pequenas revistas” foi discutido no capítulo I e as referências sobre o tema encontram-se nas bibliografias.

Portanto, quando no segundo capítulo foi proposta a leitura da revista, a partir da leitura do manifesto (o documento que rege o pensamento do grupo), tem-se como uma possível leitura a liberdade de escolhas teóricas, de movimentos literários, de pensamentos que marcavam a ânsia de todos os moços da *Joaquim*. Aproveitar ao máximo o que a literatura e as artes lhes proporcionassem sem um apego às raízes e às tradições representadas pelo regionalismo paranaense, por isso repudiavam tudo que fosse artificial e forçado. Observa-se, também, que a proposta da revista só foi possível com uma maior abertura de forças sociais naquele momento, tanto no Paraná como no Brasil.

O desejo de modernidade é analisado no último capítulo, a partir do momento em que o grupo se declara “moderno e não modernista”, pois ser moderno, para eles, representou-se por meio da pluralidade e da universalização. Nesse sentido, a revista *Joaquim* deu o primeiro passo, o de instigar um terreno de incertezas num momento de transição e de rupturas com movimentos como o modernismo de 22.

Trabalhar com periódicos é trabalhar com linhas perigosas, contraditórias, com o limite de posições intelectuais e políticas. Mas, também, é trabalhar com uma fonte rica e inesgotável da literatura e das artes em movimento. É poder observar o desenrolar dos acontecimentos, compreender melhor a época e o pensamento dos intelectuais e da cultura vigente, por isso, a tarefa de findar um trabalho com revistas e jornais literários, em verdade, é encontrar mais perguntas do que respostas.

Inúmeras possibilidades de trabalho se abrem quando se estuda o arquivo. Ler a revista *Joaquim* é ler a independência e audácia de uma juventude que reverte o processo de surgimento de movimentos artísticos e literários; é ver como movimentos importantes surgiram a partir da concepção de uma arte global, sem que o único caminho fosse aquele guiado pelos europeus.

A *Joaquim* abre leituras para outros horizontes, que não se restringem ao âmbito nacional. Tais características eram ambicionadas pelo grupo que estava em torno da revista, tinham um interesse de cultura que visava à leitura da América Latina “produtora” de cultura, dos novos pensamentos. Logo, como a pesquisa em periódicos é uma porta aberta para inúmeras leituras, possíveis trabalhos podem ser pensados, e esta estreita relação com a América Latina soa como uma possível abertura, ou melhor, um novo caminho a ser trilhado e pesquisado.

REFERÊNCIAS

A Divulgação. Ano 01, n. 12, p. 01, nov./dez. de 1947.

A MANHÃ: Suplemento Dominical de Letras & Artes. Rio de Janeiro, 01 jan. 1941.

A ORDEM. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=367729&pasta=an0%20194&pesq=>. Acesso em 27 de maio de 2016.

ANDRADE, Mário de. A poesia de 1930. In: **Aspectos da literatura brasileira.** 5ª ed. São Paulo: Martins, 1974.

ANDRADE, Mário de. **Cartas de Mário a Álvaro Lins.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

_____. Poesia Pau-Brasil. In: Pau Brasil. São Paulo: O Globo, 2003.

ANGENOT, Marc. **La parole pamphlétaire : la typologie des discours modernes.** Payot : Paris, 1982.

AGUILAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira:** as vanguardas na encruzilhada modernista. São Paulo: Edusp, 2005.

ANTELO, Raul. As revistas literárias brasileiras. In: **Boletim de pesquisa NELIC.** Florianópolis, v. 01, n. 02, 1998, p. 03-11.

_____. O concretismo e seus valores empíricos In: SUSSEKIND, Flora & GUIMARÃES, Júlio C. (org.). **Sobre Augusto de Campos.** Rio de Janeiro: Sete Letras/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 61-61.

_____. **Literatura em revista.** São Paulo: Ática, 1984.

ANTONELLI, Diego. O jornal curitibano que flertou com Hitler. **Gazeta do Povo.** Curitiba, p. 01-05. 15 maio 2015. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/historia/o-jornal-curitibano-que-flertou-com-hitler-2iflb1aagou6o5o45ydnoj5y6>. Acesso em 25 de mar. de 2016.

_____. Os anos do Partido Nazista no Paraná. **Gazeta do Povo.** Curitiba, 03 jul. 2015. p. 01-06. Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/os-anos-do-partido-nazista-no-parana-9nzkpwek7x9y02khwnh66ecz>. Acesso em: 12/03/2016.

ATHAIDES, Luciana Agostinho Pereira. **A DOPS paranaense frente à Ação Integralista Brasileira durante o Estado Novo (1937-1945): do “atentado contra o regime” à “associação nazi-integralista”**. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

Arturo. Nº 01. Buenos Aires, 2014. Edição fac-similar.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 851- 881.

_____. **Pequenos poemas em prosa**. São Paulo: Hedra, 2009.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2ª ed. São Paulo: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOUDOUT, J. Tableaux general du XXe siècle. In: **Histoire de La littérature française: des origines a nos jours**. Paris: Hatier, s/d.

BORBA, José César. **Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BÜRGER. Peter. **Teoria da vanguarda**. Trad. José Pedro Antunes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa. **Continente Sul Sur**, Florianópolis, v. 01 n. 02, p.111-120, 1996.

_____. Por que ainda lemos revistas de poesia?: Poesia brasileira em suas revistas. Boletim de Pesquisa NELIC, Florianópolis, v. 13, n. 20, p.05-14, 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/13089/12169>.
 Acesso em 10 de dezembro de 2015.

_____. Sobre revistas, periódicos e qualis
 tais. **Travessia**, Florianópolis, v. 40, n. 01, p.21-36, 2003. Disponível
 em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/13089/12169>.
 Acesso em 10 de dezembro de 2015.

CARMO, Júlio Cesar Botega do. **Alfred Agache e Seu Plano Para Curitiba**: Técnica, Institucionalização e o Início do Discurso da Cidade Planejada. In: **Urbana**, v.04, n.04, mar. 2012.

CANDIDO, Antonio. **Terezinha etc**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARNACIALI, Juril. **De Plácido e Silva – o iluminado**. Curitiba: Oficina das Letras, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. 2ª ed. Trad. Cleonice Mourão; Consuelo Santiago; Eunice Galéry. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CAMPOS, Augusto de Campos; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. **Teoria da poesia concreta**. São Paulo: Ateliê, 2006.

CORÇÃO, Gustavo. Respondendo a uma provocação. **A Ordem: Revista de Cultura**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 06, p.04-34, dez. 1947. Mensal.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental: I - X**. Rio de Janeiro, RJ: O Cruzeiro, 1961.

_____. **As revoltas modernistas na Literatura**. São Paulo: Ediouro, s/d.

CULTURA POLÍTICA: Revista Mensal de Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro: S/e, v. 5, n. 51, 1941-1945. Mensal.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Alceu Amoroso Lima**. Recife: Massangana, 2010.

CLIMA. São Paulo: S/e, v. 4, 1941-1943.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, jan. 1945.

DIAS, Gonçalves. **Poesia Lírica e Indianista**. São Paulo: Ática, 2003.

DIAS, Simone Regina. **Espectros de uma época**: o debate pós-moderno no periodismo brasileiro dos anos 80. 2005. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DOSSE, François. Trad. De Álvaro Cabral. Os anos cinquenta: a época épica. In: **História do estruturalismo**, v. I O campo do signo 1944-1966. São Paulo: Ensaios, 1993.

Edifício. Ano 01, nº 01-04. 1946.

ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. In: **Ensaios**. Trad. de Ivan Junqueira. São Paulo: Art, 1989, p. 37-48.

FAUSTO, Boris. A política externa. In: **História do Brasil**. 10 ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

FOSTER, Hal. **O retorno do real**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FRANÇA, George Luiz. **Anhembi (1950-1962), adiante e ao revés: Paulo Duarte e a cristalização das forças do Modernismo**. Dissertação de mestrado em literatura brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GARCÍA, Maria. La revista Arturo y la conexión carioca: en torno de la participación de Maria Helena Vieira da Silva y Murilo Mendes en la vanguardia invencionista porteña. In: **Pós**: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 46, nov. 2012.

GUADALUPE, Fernandez P. **Memórias & Histórias da Indústria Gráfica do Paraná**. Curitiba: Sigiep/ Abigraf, 2007, p. 82-85.

GOMES, Antonio (Org.). **Boletim bimestral Prefeitura de Curitiba**. Curitiba: Secretaria da Prefeitura, 1943.

GIDE, André. **Journal** : 1942-1949. Paris: Gallimard, 1950

_____. **O Imoralista**. Trad. Norma Cristina Guimarães Braga. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

_____. **Retour de l' U.R.S.S.** Gallimard, 2009.

_____. **Retoques no meu de volta da U.R.S.S.** Trad. de Povina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Vecchi Editor, s/d.

HOUAISS, Antonio. Manifesto. In: HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE: Mensário paranista de arte e actualidades. Curitiba, Ano I-IV, 1927-1930.

IRELAND, G. W. **Gide**: autores e críticos. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1966.

JOAQUIM. Nº 1 - 21. Curitiba, abril de 1946 a dezembro de 1948. Edição fac-similar.

KELLER, Alfred J. **Michaelins**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

LAFLEUR, Héctor et al. La geración del 40 (1940-1950). In: **Las revistas literarias argentinas: 1893-1967**. Buenos Aires: El 8vo, 2006.

LINHARES, Temístocles Linhares. **Diário de um Crítico I-VI**. Curitiba: Coleção Brasil Diferente, 2001.

_____. **Relíquias de uma polêmica entre amigos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1989.

LIMA, Alceu Amoroso. **A realidade Americana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1955.

LITERATURA. Nº 01 – 06 – 07 – 10. Rio de Janeiro, set. de 1946 a outubro de 1948.

LOPES, Telê Porto A. **Mário de Andrade**: Ramais e Caminhos. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

LUCA, Tania de. **A revista do Brasil**: Um diagnóstico para a (N) ação. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

_____. **1º Congresso de escritores e o arquivo Astrojildo Pereira. Cadernos Cedem**, Assis, v. 01, n. 01, p.101-110, jan. 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/cedem/article/view/524>>. Acesso em: 21 set. 2015.

MANN, Klaus. **A vida de André Gide**. Trad. Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944.

MAIAKOVSKI, Vladimir. **Poemas**. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Ed. Tempo Brasileiro, 1967, p. 53.

Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: Revista **Histedbr**, Campinas, n. especial, p.188–204, ago. 2006.

MARTIRANI, Maria Célia. O inventor dos anjos maus. **O Rascunho**. Curitiba, p. 20-21. ago. 2012. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/o-inventor-de-anjos-maus/>>. Acesso em: 23 out. 2015.

MELO NETO, João Cabral de. A geração de 45. In: **Prosa e poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p. 741-752.

MENDONÇA, Maí Nascimento. Editora Guaíra. In: **Os franceses no Paraná**. Curitiba: Aliança Francesa, 2009, p. 161.

MILLIET, Sérgio. A marginalidade da Arte Moderna. In: **Pintura quase sempre**. Porto Alegre: Livraria do Globo: 1944, p. 101-155.

_____. **Diário Crítico II**. São Paulo: EDUSP, 1981.

_____. **Diário Crítico III**. São Paulo: EDUSP, 1981.

_____. **Diário Crítico IV**. São Paulo: EDUSP, 1981.

_____. **Diário Crítico V**. São Paulo: EDUSP, 1981.

MORSS, Susan Buck. **A Dialética do olhar**. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

OLIVEIRA, Cláudio Soares. **Joaquim (en) contra o Paranismo**. Curitiba: Travessa dos editores, 2011.

OLIVEIRA, Leonardo D'ávila de. **ORDENAR O ESPIRITUAL: LETRAS E PERIODISMO CATÓLICO NO BRASIL (1928-1945)**. 2015. 642 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PAES, José Paulo. Prefácio. In: RILKE, Rainer Maria. **Poemas**. Trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.13-53.

_____. **Armazém literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Cosac Naify: São Paulo, 2013.

PETRY, Fernando. **O cão e o frasco, o perfume e a cruz** – arquivo Rosa-Cruz revisitado. Dissertação de mestrado em literatura brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis maio de 2011.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PILOTTO, Erasmo. **Autobiografia**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

PILOTO, Valfrido. **Quando o Paraná se levantou como uma nação**. Curitiba: Editora Lítero- Técnica, 1982.

PONTES, Heloísa. **Destinos Mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo 1940-1968**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REBOUL, Oliver. Introdução à retórica. Trad. de Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.124.

RASCUNHO: o jornal de literatura do Brasil. Curitiba, abril 2000- ?.

Revista de Antropofagia. Manifesto Antropófago, ano I, nº01, mar. de 1929, p. 03. Edição fac-similar.

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo: S/e, v. 6, 1947-1953.

RILKE, Rainer M. **Cartas a um jovem poeta.** Trad. de Pedro Sússekind São Paulo: L&PM, 2006.

SANCHES NETO, Miguel. **A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan.** Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1998.

SAMWAYS, Marilda Binder. **Introdução à literatura paranaense.** Curitiba: Livros HDV, 1988.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino americano. In: **Uma Literatura nos trópicos.** Rio de Janeiro: Rocco1978, p. 02-27.

SUSSEKIND, Flora. “Rodapés, tratados e ensaios. A formação da crítica brasileira moderna”. In: **Papéis colados.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993, p. 13-33.

SCHNAIDERMAN, Boris. **A poética de Maiakovski.** São Paulo: Perspectiva, 1984.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos.** São Paulo: EDUSP, 1995.

TINGUÍ. Nº 01-21. Curitiba, março de 1940 a junho de 1941.

VIÉLE-GRIFFIN, Francis. **Joies.** Paris: Tresse et Stock, 1889.
Disponível em:

<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5430398j/f16.item.zoom>>. Acesso em: 21/02/2016.

WESTBROOK, Robert (org.). John Dewey. In: **Introdução à filosofia da educação.** Recife: Massangana, 2010, p. 87-107.

WHITTEMORE, Reed. **Pequenas revistas**. Trad. Anna Maria Martins.
São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

APÊNDICE A – BIOGRAFIA DOS ARTISTAS E ESCRITORES CITADOS NA REVISTA

Quadro 4 - Biografia dos artistas e escritores citados na revista.

Adayr Nascimento (Didi Fonseca)	(Morretes, 1915 – Curitiba, 1994). Escritora, principalmente de teatro foi responsável por profissionalizar o Teatro Guaíra. Além disso, participava do movimento Paranista.
Alberto de Oliveira.	(Rio de Janeiro, 1857 – Rio de Janeiro, 1937) Poeta parnasiano que frequentou, junto com Bilac, o curso de medicina, mas ambos desistiram. Segundo os críticos, era um dos participantes da tríade parnasiana, junto com Bilac e Raimundo Correia.
André Gide	(Paris, 1869 – Paris, 1951). Recebeu o Nobel de Literatura de 1947. Oriundo de uma família da alta burguesia foi o fundador da Editora <i>Gallimard</i> e da revista <i>Nouvelle Revue Française</i> . Escreveu livros como o <i>Imoralista</i> (1902), <i>Os frutos da terra</i> (1897), <i>Os Subterrâneos do vaticano</i> (1914), <i>Corydon</i> (1914), <i>Os Moedeiros Falsos</i> (1939).
Ângelo de Guarinello	(Pindamonhangaba 1876 – Curitiba 1962). Escritor que pertenceu a <i>Academia Paranaense de Letras</i> , também participava do movimento Paranista e era um dos principais alvos dos moços da <i>Joaquim</i> .
Bento Munhoz da Rocha	(Paranaguá, 1905 – Curitiba, 1978). Engenheiro, professor, político, escritor e sociólogo. Foi governador de 1951 a 1955 no Paraná, além de ocupar cargos de deputado estadual, federal e secretaria da agricultura. No período conhecido como a <i>Patrulha da Madrugada</i> escreveu com Temístocles Linhas.
Caio Machado	(Curitiba 1885 – Curitiba 1955) Foi deputado, jornalista, historiador e escritor.
Oscar Joseph de Plácido e Silva (De Plácido e Silva)	(Marechal Deodoro, 1892 – Curitiba, 1963). Escritor, advogado e professor responsável por criar e dirigir a editora Guaíra. Além de uma intensa vida intelectual atuou como professor de direito na Universidade Federal do Paraná.

<p>Dalton Trevisan</p>	<p>(Curitiba, 1925 -). Escritor brasileiro conhecido por trabalhar com contos extremamente concisos. Iniciou as atividades literárias com a revista <i>Tinguí</i> (Curitiba, 1940-1943), quando ainda participava do grêmio estudantil na Faculdade de Filosofia Letras e Artes do Paraná (posteriormente UFPR). No entanto, ganha notoriedade com a direção da revista <i>Joaquim</i>, (Curitiba, 1946-1948), na qual lança os primeiros livros <i>Sonata ao Luar e Sete Anos de Pastor</i>.</p>
<p>Domingos Nascimento</p>	<p>(Guaraqueçaba, 1863 – Curitiba, 1905). Jornalista e poeta fundou o jornal <i>Folha Nova</i>, que já em seu editorial demonstrava ter interesse a temas republicanos. Participou ativamente de revistas simbolistas no Paraná junto com Silveira Neto, Julio Pernetta e Emiliano Pernetta nas revistas <i>Pallium</i> e <i>Cenáculo</i>.</p>
<p>Dora Ferreira da Silva</p>	<p>(Conchas, 1918 – São Paulo, 2006). Poeta e tradutora principalmente de Rilke e Hölderlin, casou-se com o filósofo Vicente Ferreira da Silva e ao seu lado dirigiu a revista <i>Diálogo</i>. Posteriormente, foi responsável pela publicação da revista <i>Cavalo Azul</i>, na qual tinha Dalton Trevisan como correspondente e responsável no Paraná.</p>
<p>Emiliano Pernetta</p>	<p>(Curitiba, 1866 – Curitiba,1921). Poeta expoente do movimento simbolista paranaense. Teve grande fama em vida e, por isso, foi eleito o príncipe dos poetas paranaenses. Participou das duas revistas simbolistas publicadas no Paraná <i>Cenáculo</i> e <i>Pallium</i>, além de ser eleito, posteriormente a sua morte, o poeta dos Paranenses.</p>
<p>Erasmus Pilotto</p>	<p>(Rebouças, 1910 – Curitiba, 1992). Escritor e professor e paranaense conhecido por implantar o modelo Pestalozzi em Curitiba, além disso, era disseminador do movimento <i>Escola Nova</i> no estado. Também foi crítico e organizador de obras como a de Emiliano Pernetta, na qual faz o prefácio e organização.</p>

Euro Brandão	(Curitiba, 1924 – Curitiba, 2000). Engenheiro professor, filósofo, escritor e membro da Academia Paranaense de Letras.. Foi diretor do Centro de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Paraná (UFPR), presidente do Instituto de Engenharia do Paraná e reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná PUCPR de 1986 a 1998.
Gustavo Corção	(Rio de Janeiro, 1896 – Rio de Janeiro, 1978). Converteu-se ao catolicismo por influência de Alceu Amoroso Lima e foi redator-chefe da revista católica <i>A Ordem</i> . Além disso, era escritor e pensador católico.
João Chorosnicki	(Polônia, 1875 – Curitiba, 1954). Professor, poeta e jornalista que publicava resenhas sobre arte no jornal <i>O Dia</i> de Curitiba e participante do movimento Paranista.
José Paulo Paes	(Taqaritinga, 1926 – São Paulo, 1998). Foi poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta brasileiro. Estudou química industrial na cidade de Curitiba e durante muitos anos trabalhou em um laboratório farmacêutico, depois de deixar o ofício se dedicou integralmente à literatura.
John Dewey	(Burlington, 1859 - Nova York, 1952). Filósofo e educador norte americano considerado pela crítica o expoente máximo da escola progressiva norte-americana.
Käthe Kollwitz	(Konigsberg, 1867 –, Saxônia, 1945). Artista gráfica e escultora foi uma pintora muito citada pela revista por trabalhar com temas trágicos sociedade em guerra em forma de protesto social e, por isso, muitas de suas obras demonstravam um protesto com relação às condições de trabalho.
Leo Cobbe	(Curitiba ? – Curitiba ?). Professor de matemática na UFPR e escritor curitibano.

Martins Fontes	(Santos, 1884 – Santos, 1937), foi poeta, médico e tradutor influente entre os intelectuais paulistas.
Milton Carneiro	(Paranaguá, 1902 – Curitiba, 1975). Foi um poeta paranaense e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Artes, que mais tarde se tornaria a UFPR.
Nilo Previdi (Nilo Prividi)	(Curitiba, 1913 - Curitiba, 1982). Pintor, desenhista, gravurista. Estudou pintura com Guido Viaro (1880-1947), escultura com João Turin (1880-1949) e modelagem com Oswaldo Lopes (1910-1964). Autodidata em xilogravura cria em 1950 o <i>Centro de Gravura do Paraná</i> . Além disso, participava do grupo da revista <i>Joaquim</i> .
Otto Maria Carpeaux	(Viena, 1900 - Rio de Janeiro, 1978). Crítico literário nascido na Áustria, mas naturalizado no Brasil por volta da década de 40. Recomeçou sua vida no Paraná, mas só em São Paulo quando envia um artigo a Álvaro Lins consegue se inserir no meio intelectual, fato que não foi difícil de ser conquistado em virtude de sua formação literária e o seu políglotismo.
Péricles Eugênio da Silva Ramos	(Lorena, 1919 - São Paulo, 1992). Foi poeta, professor e um dos responsáveis pela <i>Revista Brasileira de Poesia</i> . Segundo Sérgio Milliet, fora uma das “promessas” da poesia de 46.
Paul Verlaine	(Metz, 1844, - Paris, 1896). No final do século XIX, os críticos incluíram Verlaine entre os chamados "poetas malditos", assim como Arthur Rimbaud. A expressão, aliás, é do próprio Verlaine eleito em 1894 o "Príncipe dos Poetas".

<p>Potyguara Lazarotto (Poty)</p>	<p>(Curitiba, 1929 – Curitiba, 1998). Desenhista, muralista, ceramista e gravurista curitibano. Manteve durante toda sua vida uma estreita relação de amizade com Trevisan, além de ser o desenhista oficial dos livros do escritor. As obras de Poty podem ser vistas em diversos lugares em Curitiba devido a sua popularidade. Ganhou notoriedade no meio artístico depois que voltara de Paris, após um curso de pintura e quando participara da revista <i>Joaquim</i>.</p>
<p>Quirino Campofiorito</p>	<p>(Belém, 1902 - Rio de Janeiro, 1993). Foi professor, crítico de arte, desenhista, ilustrador e escritor. Era participante frequente da revista <i>Joaquim</i>, também, foi responsável pela revista <i>Belas Artes</i> fechada pela DIP em 1940.</p>
<p>Renina Katz</p>	<p>(Rio de Janeiro, 1925 -). Gravurista, desenhista, ilustradora e professora. Coursou a Faculdade de Belas Artes no Rio e teve Quirino Campofiorito como seu professor. Depois de concluir o curso, conhece Poty e por incentivo dele inicia o curso de gravura em metal na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU/USP.</p>
<p>Raul Lozza</p>	<p>(Buenos Aires, 1911 – Buenos Aires, 2008). Foi poeta e destacado artista plástico argentino, participou ativamente do movimento de arte concreta argentina na década de 40, sendo um dos responsáveis por publicar a revista <i>Arte Concreta Invencion</i>. Além desta revista, o autor participou, anteriormente, da revista <i>Arturo</i>.</p>

Rainer Maria Rilke	(Praga, 1875 – Montreux, 1926). Foi famoso poeta de língua alemã do século XX. Escreveu também poemas em francês, influenciado pela corrente filosófica existencialista. Tinha fortes ligações com André Gide (a quem mantinha correspondências) e Rodin (que trabalhara como secretário no atelier).
Romário Martins	(Curitiba, 1874 – Curitiba, 1948). Historiador, deputado e poeta foi responsável por criar e manter o movimento paranista no estado. Em 1902 foi nomeado diretor do museu paranaense, cargo que ocupou durante 25 anos.
Sérgio Milliet da Costa e Silva (Sérgio Milliet)	(São Paulo, 1898 – São Paulo, 1966). Foi escritor, pintor, poeta, ensaísta, crítico de arte e de literatura, sociólogo e tradutor brasileiro. Foi também diretor de biblioteca e nas décadas de 40 e 50 participou ativamente de vários periódicos.
Temístocles Linhares	(Curitiba, 1905 - Montevidéu, 1993). Foi professor de literatura hispano-americana na UFPR e escrevia constantemente a jornais como o <i>Correio da Manhã</i> e <i>O Estado De São Paulo</i> . Foi integrante da revista <i>Joaquim</i> até seu fim.
Tristão de Athayde.	(Rio de Janeiro, 1893 - Rio de Janeiro, 1983) Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima foi poeta, ensaísta, crítico, líder católico e professor que ajudou a fundar a Pontifícia Universidade Católica (PUC), além de contribuir para a revista católica <i>A ordem</i> , a revista <i>Época</i> , o <i>Suplemento de Letras e Artes</i> ..
Valfrido Pilotto	(Mallet, 1903 – Matinhos, 2006). Foi poeta, advogado, jornalista, historiador e o primeiro a ocupar uma cadeira na <i>Academia de Letras Paranaense</i> . Além disso, fora delegado da DOPS e primo de Erasmo Pilotto. Por ser considerado líder do movimento Paranista (ao lado de Romário Martins) era constante alvo dos escritores da revista <i>Joaquim</i> .
Francis Vièle - Griffin	(Norfolk, 1864 – Paris, 1937). Foi um dos teóricos e praticantes do verso Livre na França. Além disso, tinha contato próximo com Mallarmé.

<p>Vladimir Vladimirovitch Maiakovski</p>	<p>(Georgia, 1893 - Moscou, 1930). Foi um poeta, dramaturgo e teórico russo. Participou ativamente da revolução russa e, por isso, ficou conhecido como o poeta da revolução. Fundou, junto com Khlebickov Kamiênski, o movimento cubo-futurista.</p>
<p>Waldomiro F. Autran Dourado</p>	<p>(Minas Gerais, 1926 - Rio de Janeiro, 2012). Atuou como jornalista, advogado e escritor. Foi diretor da revista <i>Edifício</i>, contemporânea a <i>Joaquim</i> em 1946.</p>
<p>Wilson Martins</p>	<p>(São Paulo, 1921 – Curitiba, 2010). Foi um advogado, professor, escritor, jornalista, historiador e crítico literário brasileiro, também, participou constantemente como crítico na Revista <i>Joaquim</i>. Dentre suas obras mais conhecidas estão: <i>História da inteligência brasileira (1976)</i>, <i>Um Brasil diferente (1955)</i>, <i>A crítica literária no Brasil (1952)</i>.</p>

Fonte: O autor, 2017.

ANEXO A – METODOLOGIA DE CATALOGAÇÃO DOS TEXTOS ²²⁶

Os campos preenchidos na planilha do banco de dados são os seguintes:

Ordem de exibição: Ordem dos artigos catalogados.

Idioma: Campo que pode ser preenchido com as siglas apresentadas na base: **POR** - português, **ITA** - italiano, **ESP** - espanhol, **FRA** - francês, **ALE**- alemão, **RUS** - russo, **ING** - inglês, **GRE** – grego, **CAT** – catalão, de acordo com a língua do artigo indexado. Há duas entradas para este campo, visto que determinados textos são acompanhados da tradução.

Entidade coletiva: Campo preenchido com o nome da revista quando o texto está sob sua responsabilidade. Ou seja, não aparece autor colaborador. É o caso de muitas apresentações ou editoriais. Pode aparecer também como o entrevistador (no caso em que os créditos são atribuídos ao nome do periódico).

Título do artigo: Título do artigo que está sendo catalogado (com letra maiúscula somente na primeira palavra). Em caso de vários títulos agrupados por um, prepondera o título geral. Nos casos em que o título geral não figura, indexar os títulos separados por barra /.

Quando um poema não apresentar título, deve-se inserir o primeiro verso, entre aspas e com reticências no fim. Ex: “não penses enquanto passa (...)”.

No caso da mesma ocorrência num texto em prosa, a mesma solução é empregada, reproduzindo-se as quatro primeiras palavras.

Subtítulo do artigo: Além dos subtítulos, este campo é usado para colocar as informações bibliográficas das resenhas indexadas. Estes últimos dados devem vir entre parênteses (), e o título da obra deve aparecer entre aspas, visto que não é possível utilizar nem o negrito nem o itálico.

Páginas: Número das páginas que o artigo ocupa; Ex: p.11-13. (sem espaço entre "p." e número)

²²⁶ Fonte: Arquivo NELIC-UFSC.

Vocabulário controlado: É preenchido com o tipo de artigo catalogado, a partir de um elenco pré-estabelecido (ver o item 2).

Nome pessoal como assunto: Campo preenchido somente quando o texto se refere a um(a) determinado(a) autor(a). O nome indexado neste campo também deve figurar como autor citado, visando facilitar as pesquisas. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/charge, HQ, charge.

Autores colaboradores: Autor(es) responsável(veis) pelo artigo. No caso das entrevistas, o nome do entrevistado e do(s) entrevistador(es) devem constar.

Palavras-chave: Para cada texto indexado, são retiradas no máximo seis palavras-chaves (retiradas da listagem do banco de dados) (Ex.: literatura, cultura, Brasil, sociologia) Este campo não é preenchido quando se trata de ficção, poema, capa, HQ/charge, HQ, charge.

Resumo: Pequeno resumo ou descrição dos textos catalogados. Caso se mencione algum nome de obra, também utilizar as aspas. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/charge, HQ, charge.

Obs.: Utilizar os colchetes [] para informações complementares ao resumo.

Autores citados: Campo reservado aos autores que são citados nos artigos. Consta sempre o último sobrenome do autor. Ex: ASSIS, Machado de.

Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/charge, HQ, charge.

Tradutor: Nome do tradutor, em caso de ocorrência. Caso o texto seja traduzido, mas o nome do tradutor não figure no texto, consta sem crédito, com vistas a evitar distorções na pesquisa.

Iconografia: Campo contendo as seguintes possibilidades: Cartografia, Fac-símile, Foto, Fotograma, Gráfico/Tabela, HQ/Charge, Ilustração, Publicidade e Reprodução. Paralelamente a este campo figura outro, aberto, para informações mais pormenorizadas que deverão seguir o seguinte padrão: coloca-se o título entre aspas (se houver, em caso negativo utiliza-se “s/título”), créditos (se houver, em caso negativo

utiliza-se “s/crédito”), data (se houver, em caso negativo utiliza-se “s/d”). No caso de fotos, primeiro coloca-se o nome do fotografado, depois o crédito e, em seguida a data. Ex: Albert Einstein, por Lotte Jacobi, 1938. Em se tratando de cenas de filmes, indexa-se da seguinte forma: título do filme (entre aspas), nome do diretor, data. Ex: "Napoleon", de Abel Gance, 1927. SUGESTÃO: em qualquer um dos tipos de iconografia, utilizar os colchetes [] para informações complementares.

Observações:

1. Dados bibliográficos (Autor colaborador, Título, Subtítulo):

1.1. Caso o texto não venha assinado, convencionou-se atribuir a autoria ao periódico.

1.2. Na indexação do nome do autor, utiliza-se a listagem de autores disponível da Base de dados, inviabilizando que o pesquisador seja fiel às assinaturas dos textos nos periódicos. Por este motivo, o item 5.2. se constitui como uma opção para esclarecimentos a propósito destas.

1.3. Nas entrevistas, os nomes do(s) entrevistador(es) e do entrevistado(a) constarão como autores do texto.

1.4. No caso das resenhas, o subtítulo é preenchido com os dados da obra resenhada entre parênteses.

1.5. No caso da publicação de vários poemas de um mesmo autor, seguem-se os seguintes critérios: se houver um título que os agrupe, mantém-se o mesmo neste campo e citam-se os títulos no resumo; caso apresentem-se somente os títulos dos poemas, estes devem entrar separados por uma barra (/), obedecendo à pontuação dos mesmos.

1.6. Quando um poema não apresentar título, opta-se por inserir neste campo o primeiro verso, entre aspas e com reticências no fim. Ex: “não penses enquanto passa (...)”.

No caso da mesma ocorrência num texto em prosa, a mesma solução é empregada, reproduzindo-se as quatro ou cinco primeiras palavras. Cabe aqui uma ressalva: optou-se por excetuar dessa regra as resenhas sem título, visto que o subtítulo sempre estará preenchido.

2. O campo Vocabulário controlado é preenchido com a “tipologia” dos textos. Este item merece uma explanação mais detalhada, visto que demandou um aprofundamento teórico de conceitos que discriminam determinados tipos de textos. É importante salientar que a escolha desses termos foi pautada num estudo da diversidade de textos e rubricas dos periódicos, e procurou-se eleger algumas tipologias que dessem conta da volumosa variedade classificatória que constava nas revistas. No intuito de possibilitar o cruzamento dos dados, optou-se pela adoção de um mesmo princípio de classificação para os artigos de

todos os periódicos, ainda que seja possível, durante o processo, a revisão e a inserção de alguma “nova” tipologia, caso o nosso arbitrário princípio não dê conta de algum artigo. Atualmente, este campo oferece as seguintes possibilidades: Apresentação (de textos, da revista ou de autores), Poema, Resenha, Reportagem (noticiário sobre determinado assunto), Cartas do leitor, Correspondência (publicação de carta de valor documental), Depoimento (textos que dão testemunho), Entrevista, Ficção (contos, fragmentos de romance, novelas, peças teatrais ou crônicas), Editorial (texto que exprime a opinião do órgão), Informe (breves informações, notas), HQ/Charge (histórias em quadrinhos ou charges) e Ensaio. Acrescenta-se, ainda, nos casos em que se trata de resenha ou ensaio, um segundo termo que especifica a disciplina abordada no artigo. No momento, constam no banco de dados as seguintes alternativas: Antropologia, Bibliologia, Ciência, Comunicação, Cultura, Economia, Educação, Esporte, Filosofia, História, Linguística, Literatura, Política, Psicologia, Psicanálise, Sociologia.

2.1. A partir do dia 14/11/2001, a lista de itens do campo Vocabulário controlado passa a contar com as opções HQ e charge separadamente, visando contemplar as especificidades de cada tipologia.

3. No campo Palavras-chave, preenchido quando se trata de ensaio, resenha, entrevista, correspondência, reportagem ou apresentação, o pesquisador elenca as palavras-chave do texto, visando possibilitar futuras pesquisas a partir de um determinado termo.

4. O Nome pessoal como assunto deve ser preenchido nos casos em que o texto trate especificamente de um(a) determinado(a) autor(a).

5. É feito um resumo do texto, sempre que se trate de outro gênero, que não o poema, a ficção, o HQ ou a charge.

O campo Resumo também deve ser utilizado para as notas de publicação, notas explicativas, local e data, que porventura constem nos textos. Tais indicações devem aparecer depois dos resumos, entre colchetes.

5.2. Este campo também serve para adicionar informações que indiquem assinaturas dos textos que não correspondam ao nome do(a) autor(a) indexado no primeiro campo. Este e qualquer outro dado complementar que o pesquisador desejar inserir, deverá vir entre colchetes []. Ex: [O autor do texto assinou como JW.] No caso, trata-se de um texto de Jorge Wanderley.

Indica-se, da mesma forma, os textos e poemas cuja publicação for bilíngüe: [Publicação bilíngüe.]

5.3. Os títulos de obras artísticas (livros, filmes, peças de teatro, telas, esculturas, etc) virão entre aspas, devido à impossibilidade de se empregar o itálico na base de dados. O mesmo acontece no caso de títulos de artigos citados no resumo e títulos de obras resenhadas.

6. No campo Autores citados, utiliza-se a listagem de autores da Base de dados, que está em processo de constante revisão. Convencionou-se que este campo é preenchido quando houver ocorrências de citação a um(a) autor(a), salvo em poemas, ficções, HQ, Charge. No caso de dedicatórias, não se considera o(a) autor(a) citado(a).

ANEXO B – ÍNDICE GERAL DE INDEXAÇÃO REVISTA JOAQUIM

Índice Geral *21-ago-15*

*

POTY, . Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.01.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Ilustração: A ilustração da capa pertence ao pintor Poty Lazarroto s/d e s/n

*

Joaquim. Manifesto para não ser lido. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.02-03.

Vocabulário controlado: EDITORIAL - Literatura

Palavras-Chave: Ideologia; Manifesto; Modernidade

Notas de resumo:

O manifesto é composto de vários recortes de textos dos seguintes autores: Rainer Maria Rilke, John Dewey, André Gide, Vladimir Maiakovski, Sérgio Milliet, Otto Maria Carpeaux e Paul Verlaine.

Autores Citados: CARPEAUX, Otto Maria; DEWEY, John; GIDE, André; MAIAKÓVSKI, Vladimir; MILLIET, Sérgio; RILKE, Rainer Maria; VERLAINE, Paul;

Iconografias:

Publicidade: Confeitaria Tinguí; Mate Leão.

*

ANDRADE, Mário de. Julgamento da música brasileira. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.04.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Música popular

Notas de resumo:

Trata-se de uma "entrevista" feita a partir de recortes de citações de Mário de Andrade, retiradas de seus diversos textos dos quais discutem a música brasileira contemporânea. Citações essas que defendem a ideia de um estudo sério em relação à música brasileira, pois segundo o intelectual, o brasileiro já possui uma força inata, basta que haja esforços para aperfeiçoá-la.

Autores Citados: BACH, Johann Sebastian; BEETHOVEN, Ludwig van; DEBUSSY, Claude Achille; PUCCINI, Giacomo; RAVEL, Maurice; STRAUSS, Richard; WAGNER, Richard; ZANDONAI;

Iconografias:

*

. Crônicas Paralelas. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.05-06.

Vocabulário controlado: RESENHA

Palavras-Chave: Artes plásticas; Brasil; Crítica

Notas de resumo:

[Na página o leitor tem a oportunidade de ler as duas resenhas dos críticos em relação a obra do pintor Silvio Nigri].

A intenção dos editores da revista é mostrar o pensamento reacionário (de João Chorosnicki) e o pensamento contemporâneo do crítico Q. Campofiorito. Na resenha de J. Chorosnicki.

Iconografias:

Publicidade: Chapelaria Central e Maison Blanche; Instituto de Música do Paraná Menssing e Colégio Iguazu; Papelaria Requião, Livraria Aurora, Livraria Brasil; Alfaiataria Fontoura, Alfaiataria Moura e Alfaiataria Americana.

*

PILOTTO, Erasmo. Poty e a Prata de casa. Entrevista por Erasmo Pilotto. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.07-08.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Artes plásticas; Contemporâneo; Paraná

Notas de resumo: Nessa entrevista Poty vai descrever sua experiência enquanto aluno e turista de Paris. Dentre os temas abordados, o pintor descreve que naquela cidade os artistas produziam uma arte modernista (por falta de nome), com temáticas comunistas ou de uma "revolta brotando na obra", como ele próprio relata. Além disso, ressalta o atraso cultural que o país se encontra e, principalmente, o Paraná. Ele reclama de uma arte presa ao conservadorismo, a adoração e repetição, sem contar a falta de críticas e revistas especializadas em arte e literatura.

Autores Citados: BRAQUE, Georges; GUIGNARD, Alberto da Veiga; KOLLWITZ, Kathe; MATISSE, Henri; NIEMEYER, Oscar; PICASSO, Pablo; PORTINARI, Candido; UTRILLO, Maurice;

Iconografias:

Ilustração: Poty Por ele mesmo de Poty Lazzaroto, S/d.

*

ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Oswald de; FRANK, Waldo; MILLIET, Sérgio; ROOSEVELT, Franklin.

História contemporânea. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.08-09.

Vocabulário controlado: VARIEDADES

Palavras-Chave: Contemporâneo; História; Informes; Literatura; Política

Notas de resumo:

[A coluna [História Contemporânea] traz assuntos variados sobre o que acontecia no Brasil e no mundo: como os autores teorizavam a literatura,

a arte e a história contemporânea]. Há fragmentos de Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Franklin Roosevelt e Leonardo Estarico sobre arte, literatura e política.

Autores Citados: COCTEAU, Jean; COPEAU, Jacques; IBSEN, Henrik; SATIE, Erik;

*

Joaquim. Apontamentos para uma entrevista sobre teatro. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.09.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Contemporâneo; Crítica; Teatro

Notas de resumo:

A coluna faz um "copirraite" pedindo ao "leitor" apontamentos sobre o teatro no Brasil. Dentre as perguntas que são lançadas, aos possíveis colaboradores têm-se: como o teatro encara a ideia do novo? Como os escritores brasileiros tem se portado em relação ao conservadorismo deste?

Autores Citados: ANDRADE FILHO, Oswald de; FERREIRA, Procópio;

*

MORAES, Vinícius de. Desespero da Piedade. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.10-11.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Euro Brandão, ilustração, s/d, s/n.

*

TREVISAN, Dalton. Eucaris a dos olhos doces. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.12-13.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Poty Lazzaroto, ilustração s/d, s/n.

*

. Arrabalde. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.13.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

PILOTTO, Erasmo. Tolstoi. Joaquim, n°.01, abr. 1946, p.14-15.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Crítica; Ensaio; Literatura

Notas de resumo:

Erasmo Pilotto apropria-se de dois autores: Conde Keyserling e F. Dostoievski, para provar que Tolstoi é um é um escritor perigoso, mas outro sentido: de um autor ímpar. [O ensaio foi dividido em duas partes,

na edição nº 02 há a continuação].

Iconografias:

Foto: Foto de Erasmo Pilotto, s/d, s/n, s/a.

Publicidade: Chapelaria Constantino, Joalheria Rocha, Dr. Oswaldo Faria da Costa [cirurgião dentista], Casa Nickel LTDA. [artigos e equipamentos para gabinetes dentários], Irmãos Thá, Organizações ZIP, Irmãos Paciornik, Livraria Universitária, Impressos Tipografia.

*

MURICY, José Cândido de Andrade; TAHAN, Malba. Música de fundo. Joaquim, nº.01, abr. 1946, p.17.

Vocabulário controlado: DEBATE

Palavras-Chave: Crítica; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

[Coluna música de fundo] A coluna é composta por comentários da obra, naquela época, recém-lançada "Sonata ao Luar" de Dalton Trevisan. Os comentários, em sua maioria, atêm-se ao desconforto que a obra do recente escritor traz ao leitor e o espanto de uma literatura "diferente" da literatura Paranista.

Autores Citados: CORREIA, Leôncio;

Iconografias:

Ilustração: Guido Viáro, ilustração do livro de Dalton Trevisan "Sonata ao Luar".

*

. O anarco-sindicalista. Joaquim, nº.01, abr. 1946, p.18.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: E. Blasi, ilustrador do conto "Anarco -sindicalista". s/d, s/n.

Publicidade: Cassino Ahú, Porcelanas Trevisan.

*

Joaquim. Oh! As idéias da província.... Joaquim, nº.01, abr. 1946, p.05-06/09.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Crítica; Cultura; Literatura

Notas de resumo:

[Coluna Oh! As idéias da província]. Há três fragmentos de comentários sobre obras lançadas no Paraná como o livro Dentinho de Ouro e Pálido Verde, ou a saudação ao escritor Valfrido Pilotto, um dos representantes do Movimento Paranista na cidade de Curitiba.

Autores Citados: PILOTTO, Valfrido;

*

POTY, . Joaquim, nº.02, jun. 1946, p.01.

Vocabulário controlado: CAPA

*

ANDRADE, Carlos Drummond de. Caso do Vestido. Joaquim, n°.02, jun. 1946, p.02-03.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Publicidade: Joalheria Rocha.

Publicidade: R.A. Marinho & CIA. LTD./ Distribuidor farmacêutico.

Ilustração: Euro Brandão, ilustrador, s/d, s/n.

*

SAMPAIO, Newton. Irmandade. Joaquim, n°.02, jun. 1946, p.04.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: E. Blasi Jor., ilustrador, s/d, s/d.

*

VIARO, Guido Pellegrino. Gatti Rabbiosi. Entrevista com Guido Viaro. Joaquim, n°.02, jun. 1946, p.05.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Artes plásticas; Crítica; Paraná

Notas de resumo:

Na entrevista Guido Viáro ressalta que todo artista é egoísta, mas a grande obra sai do individualismo. Entretanto, para que uma obra se eternize ela tem que ser grande e universal. Além disso, reitera que falta uma arte brasileira, não a cópia do que já foi dito e experimentado por outras culturas. Ele acredita que a "gurizada" do Paraná irá conseguir transmitir esta arte e cita Poty como um grande representante.

Autores Citados: ANDREIEV, Leonid; CARPEAUX, Otto Maria; DICKENS, Charles; GIOTTO; POTY;

*

MARTINS, Wilson. Manuel Bandeira. Joaquim, n°.02, jun. 1946, p.06-07.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Brasil; Ensaio; Poesia

Notas de resumo:

Wilson Martins, crítico literário, escreve sobre o percurso de Manuel Bandeira como escritor. Segundo ele, o poeta consegue ser ele mesmo - ser moderno - sem se fixar a uma única filiação literária, mesmo que ele tenha passado por vários movimentos.

Autores Citados: BANDEIRA, Manuel; PIERROT, Jean;

Iconografias:

Publicidade: São 12 publicidades intituladas: Indicador profissional de

médicos.

Publicidade: Livraria Universitária.

*

ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; LIMA, Alceu Amoroso; LINS, Álvaro; RILKE, Rainer Maria.

História contemporânea. Joaquim, n°.02, jun. 1946, p.08-09.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: História; Informes; Literatura; Política.

Notas de resumo:

[Coluna História contemporânea] Na edição 02 a coluna traz recorte dos autores: Mário de Andrade, Harry Salpeter, Álvaro Lins, Rilke e Maggie Guiral.

Autores Citados: BAUDELAIRE, Charles; BREMOND, Henri; POE, Edgar Allan; POMPÉIA, Raul; ROLLAND, Romain; VALÉRY, Paul;

Iconografias:

Publicidade: Colégio Iguazu e Livraria Europa.

Publicidade: Camisaria Pinheiro.

Publicidade: Dr. Di Pino e Dr. Arides Pinho.

Publicidade: Chapelaria Central.

Reprodução: Pão, de Khäte Kollwitz.

*

TREVISAN, Dalton. Notícia de Jornal. Joaquim, n°.02, jun. 1946, p.10-11-12.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: ilustração de Guido Viáro, s/d, s/n.

*

Louis Aragon. ARAGON, Louis. La valse des vingt ans. Joaquim, n°.02, jun. 1946, p.12-13.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Publicidade: Advogados: Dr. J. Ribeiro de Macedo Filho e Dr. Manoel de Oliveira Francisco Sobrinho.

Publicidade: Instituto Forlanini (serviço especializado nas doenças do aparelho respiratório), Clínica dentária de adultos e crianças Dr. Ary Miranda.

Publicidade: Móveis Cimo.

Publicidade: Relojoaria Raeder.

Publicidade: Livrarias Ghignone e Papelaria Normalista.

*

PILOTTO, Erasmo. Tolstoi (parte 2). Joaquim, n°.02, jun. 1946, p.15.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Crítica; Escritor; Literatura

Notas de resumo:

O texto é a continuação do ensaio de Erasmo Pilotto da Joaquim nº 01 e continua com o mesmo título.

Iconografias:

Publicidade: Foto Brasil, Dr. Bernardo Leinig (doenças de senhoras), Cirurgião dentista Dr. Riggoti Alice, Pedro Lapalu Deffés, Molduras, Chapelaria Constantino, Impressos Tipografia, Irmãos Paciornick (venda de lotes), Irmão Thá (venda, aluguel e construção de imóveis) e Casa Nickel LTDA. João Haupt & Cia.

*

TREVISAN, Dalton. Emiliano, poeta medíocre. Joaquim, nº.02, jun. 1946, p.16-17.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Crítica; Paraná; Poesia; Simbolismo

Notas de resumo:

O ensaio, escrito por Dalton Trevisan, analisa alguns aspectos da obra de Emiliano Pernetá para mostrar aos leitores o motivo pelo qual acredita que ele não foi um bom escritor e os escritos do poeta não cabiam ao cenário do Paraná de 46.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ARAGON, Louis; BASTIDE, Roger; BILAC, Olavo; CANDIDO, Antonio; CARVALHO, Ronald de; FLAUBERT, Gustave; COCTEAU, Jean; GAUTIER, Jean-Jacques; LEÃO, Ermelino A. de; LINS, Álvaro; MILLIET, Sérgio; MENEZES, Emílio de; PERNETA, Emiliano; PILOTTO, Erasmo; MORAES, Vinícius de; RIMBAUD, Arthur; RILKE, Rainer Maria; MURICY, José Cândido de Andrade; SILVEIRA, Tasso da; SOUZA, Cruz e; VERLAINE, Paul; VITOR, Nestor;

Iconografias:

Publicidade: Alfaiataria Americana.

*

PROUST, Marcel. A procura do tempo perdido, de Marcel Proust, começa assim: Lição de Berlitz de composição para romance.

Joaquim, nº.02, jun. 1946, p.17.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

*

ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta de Drummond a revista Joaquim. Joaquim, nº.02, jun. 1946, p.17-18.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Crítica; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

Carta de Drummond destinada a Revista Joaquim, na qual o poeta mineiro ressalta a importância dos novos no cenário intelectual para que a literatura, segundo ele, tenha mais vitalidade.

Iconografias:

Publicidade: Força e Luz do Paraná.

Publicidade: Fábrica de louça, refratário e vidro João Evaristo Trevisan. POTY. Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.01.

Vocabulário controlado: CAPA

*

VIARO, Guido Pellegrino. Leo Cobbe. Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.02-03.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Biografia; Crítica; Ensaio; Paraná

Notas de resumo:

O texto traz uma pequena biografia do "conturbado" e famoso professor de matemática Leo Cobbe, na cidade de Curitiba. Segundo descrição no texto, ele foi autodidata e tentava aplicar ideias matemáticas na música.

Autores Citados: GORKI, Máximo; SCHUMANN, Robert; TWAIN, Mark;

Iconografias:

Publicidade: Joalheria Rocha.

Ilustração: Ilustração de Euro Brandão para o ensaio. S/n, s/d.

*

PILOTTO, Erasmo. Problemas contemporâneos da arte. Entrevista com Artur Nísio. Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.04-05.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Alemanha; Arte; Contemporâneo; Crítica

Notas de resumo:

Entrevista realizada por Erasmo Pilotto com o pintor brasileiro Artur Nísio. Dentre os temas abordados estão a nocividade do particularismo para a arte na Alemanha de Hitler; o artista/escritor pós-guerra que não consegue produzir sem ter uma consciência crítica e a compreensão de arte em seu tempo.

Autores Citados: BALZAC, Honoré de; CORINTH, Lovis; HITLER, Adolf; KANT, Immanuel; NOLDE, Emil; RIMBAUD, Arthur; RODIN, Auguste; VIARO, Guido Pellegrino;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Artur Nísio, nome Joaquim, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. Um Adágio. Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.06-07.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Conto do escritor Dalton Trevisan.

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Guido Viáro, s/n, s/d.

Publicidade: Indicador profissional de médicos: Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Carlos Moreira, Dr. Celso Ferreira, Dr. Jorge Karan, Dr. Bernardo Leinig., Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Ito Carias D'Oliveira, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Alcides V. Arco-Verde, Dr. Laertes Munhoz.

*

ANDRADE, Mário de. Macunaíma, de Mário de Andrade, começa assim: (2ª lição Berlitz de composição para romance).

Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.09.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

POTY, .Apontamentos a três por quatro sobre Augusto Rodrigues. Por Poty, correspondente de Joaquim no Rio. Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.10-11.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Pintura

Notas de resumo:

Trata-se de um ensaio, escrito por Poty Lazarotto (naquela época correspondente no Rio da Joaquim), sobre o pintor português e erradicado no Brasil, Augusto Rodrigues.

Autores Citados: CÉZANNE, Paul; DISNEY, Walt; DUMONT, Santos;

FRIEZZ, Othon; MACHADO, Aníbal;

PEREIRA, Astrogildo; WELLES, Orson;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração, O maquinista, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. Canto de sereia. Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.12-13-14.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Conto de Dalton Trevisan / Propagandas / Comentário de Guilherme Figueiredo sobre o recebimento da Joaquim na Associação Brasileira de Escritores.

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Poty, s/n, s/d.

Publicidade: Colégio Novo Ateneu, Móveis Cimo, Livraria Pátria, Laticínio Lopez&Deiss, Chapelaria Central, Dr. Arides Pinho, Companhia Força e Luz do Paraná.

*

JUNG, Carl-Gustav; LINS, Álvaro; ROUSSEAUX, André. História contemporânea. Jesus, Maria e José. Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.16-17.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Contemporâneo; Filosofia; História; Literatura

Notas de resumo:

Coluna destinada a apresentar a opinião de diversos críticos, estudiosos, etc. sobre literatura, cultura e política. Os fragmentos de textos escolhidos foram de Jung, Rousseau, Lins e Michel George Michel.

Autores Citados: ANGELO, Miguel; BRAQUE, Georges; DERAÏN; LEGER, Fernand; LOTHE, André; METZINGER; MONET, Claude; PICASSO, Pablo; RENOIR, Pierre-Auguste; ROUAULT, Georges; SARTRE, Jean-Paul; SIMON, Michel; STRINDBERG, Johan August;

Iconografias:

Publicidade: Livraria Universitária, Foto Brasil, Relojoaria Raeder, Artefatos de borracha Tarobá, Magazine, Casa Joia calçados, Livraria Aurora.

Ilustração: Ilustração para a coluna de Guido Viaro, nome Joaquim, s/d.

*

PILOTTO, Erasmo. A filosofia e a arte. Joaquim, n°.03, jul. 1946, p.17-18-19.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Cultura; Ensaio; Filosofia

Notas de resumo:

Na coluna "Filosofia e Arte", Erasmo Pilotto discute a obra de Sartre e Schopenhauer na cultura e na literatura. /

Publicidade. / [Carta da representante do jornal, Folha da Manhã de São Paulo, Helena Silveira parabenizando a revista].

Autores Citados: HEGEL; SARTRE, Jean-Paul; SCHOPENHAUER, Arthur;

Iconografias:

Publicidade: Cerâmicas João Evaristo Trevisan, Irmão Thá, Dr. Di Pino, Refrigeração Geral, Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, Confeccões Eduardo, Majestoso Hotel, Livro Sonata ao Luar de Dalton Trevisan.

*

Poty Lazarotto. . Joaquim, n°.04, set. 1946, p.01/02.

Vocabulário controlado: CAPA

Notas de resumo:

Capa de Poty Lazarotto sem nome. / Publicidade.

Iconografias:

Publicidade: Relojoaria Rocha.

*

Otto Maria Carpeaux. Um poeta brasileiro. Especial para a Joaquim.

Joaquim, n°.04, set. 1946, p.03.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Poesia

Notas de resumo:

Ensaio escrito pelo crítico Carpeaux à Joaquim sobre o poeta que ele considera mais característico do Brasil: Juó Bananére e sua "língua macarrônica".

Autores Citados: ASSIS, Machado de; BANANÉRE, Juó; BILAC, Olavo; CÍCERO; DANTE; DIAS, Gonçalves; ÉLUARD, Paul; FOLENGO, Teófilo; LEOPARDI, Giacomo; PETRARCA, Francesco;

*

Joaquim. História contemporânea. Joaquim, n°.04, set. 1946, p.04.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Literatura; Movimento; Surrealismo

Notas de resumo:

Coluna destinada a apresentar a opinião de diversos críticos, estudiosos, etc. sobre literatura, cultura e política.

Autores Citados: BEGUIN, Albert; BRETON, André; FONSECA, Hermes da; NAVILLE, Pierre; PÉRET, Benjamin;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Q. Campofiorito, Grécia, 1941; Ilustração de Hilda Campofiorito, Rachadores de lenha, 1941.

*

Erasmus Pilotto. Filosofia e Arte. Joaquim, n°.04, set. 1946, p.05/06.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-Chave: Arte; Ensaio; Filosofia

Notas de resumo:

Na coluna "Filosofia e Arte", Erasmus Pilotto discute a obra de Sartre e Schopenhauer na cultura e na literatura.

Autores Citados: BASTIDE, Roger; D'ANNUNZIO, Gabrielle; ELIOT, T. S.; KIERKEGAARD, Soren; LINHARES, Temístocles; MILLIET, Sérgio; MORAES, Vinícius de; NIETZSCHE, Friedrich; SARTRE, Jean-Paul; SCHOPENHAUER, Arthur;

Iconografias:

Ilustração: Papelaria Normalista, Relojoaria Reader, Chapelaria Central, Molduras.

*

Dalton Trevisan. Bernardim, cantor de tangos. Joaquim, n°.04, set. 1946, p.07/08.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Conto de Dalton Trevisan. / Publicidade.

Iconografias:

Publicidade: Colégio Novo Ateneu., Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Carlos Moreira, Dr. Oswaldo Faria da Costa, Dr. Mathias P. Filho, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Jorge Karam, Dr. Orlrlando de Oliveira Mello, Dr. Carlos Heller, Dentista Dr. Arides Pinho.

*

Joaquim. Os Homens Ocos. Joaquim, n°.04, set. 1946, p.10/11.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Poemas Traduzidos de Thomas Elliot, Langston Hughes e Tristan Tzara, por Vinícius de Moraes e Sérgio Milliet.

Autores Citados: HUGHES, Langston; TZARA, Tristan;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Poty Lazaratto, S/n, s/d.

*

Temístocles Linhares. Salvação pela poesia. Joaquim, n°.04, set. 1946, p.12/13.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Crítica; Literatura; Poesia

Notas de resumo:

Trata-se de um artigo que discute como a poesia ajuda a "salvar" o homem, mesmo em momentos sombrios (lembrar que a revista é de 1946, pós-guerras). / Carta de Luis Martins aos diretores da revista, elogiando-os e os classifica de revista de "moços".

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; HEIDEGGER, Martin; LINS, Álvaro; TAVARES, Odorico;

Iconografias:

Publicidade: Confeitaria Tinguí.

*

Wilson Martins. Pelos Caminhos da Música. Joaquim, n°.04, set. 1946, p. 14/15.

Vocabulário controlado: RESENHA - Cultura

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Música

Notas de resumo:

Trata-se de uma resenha sobre o livro "Caminho de música" de Andrade Muricy, lançada em 1946, a qual o crítico Wilson Martins considera como uma obra clara e profunda sobre o assunto.

Autores Citados: ALMEIDA, Manuel Antônio de; ANDRADE, Mário de; BEETHOVEN, Ludwig van; MURICY, José

Cândido de Andrade; CHOPIN; DUMESNIL, René; ROUSSEAUX, André; FREYRE, Gilberto; GERSHWIN, George;

SCHUBERT, Franz; LISZT, Franz; VILLA-LOBOS, Heitor; WAGNER, Richard;

*

Joaquim. REBELO, Marques. Depoimento. Joaquim, n°.04, set. 1946, p. 15.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Contemporâneo; Literatura

Notas de resumo:

Trata-se de um recorte de texto, sem data e ano, de Marques Rebelo. Nele o autor discorre sobre o atual cenário literário brasileiro.

Iconografias:

Ilustração: Construções, Dr. Di Pino, Camisaria Pinheiro, Calcita Rio Branco.

*

Dalton Trevisan. Elegia ao amigo morto. Joaquim, n°.04, set. 1946, p. 16/17/18/19/.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Conto de Dalton Trevisan e carta de Otto Maria Carpeaux aos editores da revista Joaquim.

Iconografias:

Ilustração: Ilustração, s/n, s/d.

*

Joaquim. Do Ulisses, de James Joyce. (3ª Lição Berlitz de composição para o romance). Joaquim, n°.04, set. 1946, p.17/18/19/20.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Trecho de Ulisses de James Joyce, sem tradutor. / Publicidade. / Ilustração. / Carta dos escritores Álvaro Lins e Raul Lima para a Joaquim.

Iconografias:

Reprodução: Zincografura de João Turin, s/n, s/d.

Publicidade: Foto Rocinha, Drogaria Stellfeld, Pedro Lapalu Deffés, Irmãos Thá, Móveis Cimo, Camisaria Urca, Alfaiataria Guanabara, Cerâmicas Evaristo Trevisan.

Ilustração: Ilustração Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

Joaquim. Oh! Ideias da província. Joaquim, n°.04, set. 1946, p.08/15/17.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Informes; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

Coluna sem periodicidade "Oh! As ideias da província" composta de recortes de opinião dos principais jornais curitibanos, com o intuito de ridicularizar a crítica paranaense. [Nessa edição, o escritor Dalton Trevisan escreve uma nota para esclarecer ser o responsável pela coluna].

Autores Citados: MAGALHÃES, Paulo de; MARTINS, Romário;

*

POTY, Joaquim, n°.05, out. 1946, 01-02.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Relojoaria Rocha.

*

TREVISAN, Dalton. Elegia de amor. Joaquim, n°.05, out. 1946, 03/18.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Autores Citados: GOETHE, Johann Wolfgang von;

Iconografias:

Ilustração: Desenho de Guido Viáro, S/n, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. Um artista, um amigo dos artistas e um bom cidadão. Conversa com Arthur kaufmann. Joaquim, n°.05, out. 1946, 04.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Alemanha; Arte; Crítica

Notas de resumo:

Trata-se de um depoimento e biografia sobre a vinda do pintor Arthur Kaufmann ao Brasil e as dificuldades enfrentadas na alfândega para poder retirar seus quadros e levar à mostra..

Autores Citados: BRAGA, Rubem; BRAQUE, Georges; CHAGALL, Marc; DIX, Otto; ERNST, Max; GRIS, Juan; GROSZ, Georg; MANN, Thomas; PICASSO, Pablo;

Iconografias:

Publicidade: Colégio Novo Ateneu, Livrarias Ghignone.

Foto: Arthur Kaufmann.

Ilustração: Natureza Morta de Kaufmann, s/d.; Casas e postes telegráficos de Kaufmann, s/d.

*

VIARO, Guido Pellegrino. Bakun. Joaquim, n°.05, out. 1946, 05.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Ensaio; Paraná; Pintura

Notas de resumo:

Trata-se de uma pequena apresentação e análise da obra do pintor eslavo e radicado no Brasil, Miguel Bakun.

*

LORCA, Federico García. La casada Infiel. Joaquim, n°.05, out. 1946, 06.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de E. Blasi Jor., S/n, s/d.

Publicidade: Livraria Aurora, Relojoaria Raeder, drogaria Stellfeld e Assine Joaquim.

*

ELIOT, T. S.. História Contemporânea. Joaquim, n°.05, out. 1946, 07-08.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Criação; Crítica; Poesia

Notas de resumo:

[Coluna fixa "História contemporânea], Nessa edição há recortes de textos que discutem a criação literária, apropriam-se das palavras de T.S. Elliot para salientar a manchete da página - A poesia deve agradar? Agradar como? Com a boa poesia, A quem deve agradar? Às pessoas de bem que apreciam a poesia.

Autores Citados: BERLITZ, Charles; BRAQUE, Georges; CHAGALL, Marc; DANTE; DERAINE; DUFY, Raoul; GLEIZES, Albert; GRIS, Juan; GROSZ, Georg; LEGER, Fernand; JOYCE, James; MATISSE, Henri; NOLDE, Emil; PORTINARI, Candido; SEGALL, Lasar; SUBIRAT; UTRILLO, Maurice; VLAMINCK;

Iconografias:

Ilustração: Mural de Candido Portinari, s/d.

Publicidade: Indicador profissional de médicos: Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Carlos Moreira, Dr. Gorge Karam, Dr. Bernardo Leinig, Dr. João Vieira de Alencar, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Orlando de Oliveira Mello. Advogados: Alcides V. Arco-

Verde, Dr. Faustino Fávoro, Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, Dr. Artur Ferreira dos Santos.

*

MARTINS, Wilson. Idéias de um crítico de literatura. Joaquim, n°.05, out. 1946, 09.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Crítica; Idealização; Literatura

Notas de resumo:

Trata-se de um ensaio escrito pelo crítico Wilson Martins. Nele o autor discute qual seria a função de um crítico de literatura na sua época, para isso utiliza como referência um artigo escrito por Álvaro Lins, publicado no Jornal de Crítica.

Autores Citados: ANDRADE, Mário de; BOILEAU, Nicolas; LIMA, Alceu Amoroso; LINS, Álvaro;

*

Joaquim. Artigo do Suplemento de "A manhã". Joaquim, n°.05, out. 1946, 09.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO

Palavras-Chave: Crítica; Jornalismo; Literatura

Notas de resumo:

Trata-se de uma nota enviada pelo Suplemento de Letras e Artes do jornal "A manhã", que elogia o trabalho da revista Joaquim.

*

Vinicius de Moraes. MORAES, Vinícius de. Balada dos mortos dos campos de concentração. Joaquim, n°.05, out. 1946, 10-11-12.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Publicidade: Refrigeração Baduy LTDA., Irmãos Thá, Móveis Cimo, Fábrica de tintas Paraná LTDA., Alfaiate Moura.

*

TREVISAN, Dalton. Veneza, oh Veneza.... Joaquim, n°.05, out. 1946, 13.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

TREVISAN, Dalton. Serenata ao longe. Joaquim, n°.05, out. 1946, 13-14.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

TREVISAN, Dalton. Novenas de maio. Joaquim, n°.05, out. 1946, 14.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Molduras Paulo Ernesto Riedel.

Ilustração: Ilustração de E. Blasi Jor., s/n, s/d.

*

Joaquim. Registro de livros. Joaquim, n°.05, out. 1946, 15.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Livros

Notas de resumo:

Trata-se de uma coluna casual, de recortes sobre a recepção da Joaquim e de seus participantes perante a intelectualidade brasileira, além da sugestão de leitura de livros e resenha.

Autores Citados: BRAGA, Edgard; LINS, Álvaro; MARTINS, Wilson;

Iconografias:

Publicidade: Livraria Pátria, Bar Americano, calçados Maria Antonieta, Livraria Brasil, Clínica noturna venéreo-sexológica Dr. Orlrlando Marchesini, Construções Silas Pioli e Normando Guimarães.

*

O'NEILL, Eugène. Boud east for cardiff. Joaquim, n°.05, out. 1946, 16-17.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Tradução da peça de ato 01 de Eugene O'Neill de seu livro "Sete dramas sobre o mar".

Iconografias:

Magazine, Bar Triangulo.

*

. Metade. Joaquim, n°.05, out. 1946, 18.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Autores Citados: VIARO, Guido Pellegrino;

*

Joaquim. Exposição de Pintura. de Guido Viaro. Joaquim, n°.05, out. 1946, 18-19-20.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Eventos; Paraná; Pintura

Notas de resumo:

Chamada para a exposição do pintor Guido Viaro no Salão Municipal de 15 a 30 de outubro de 1946.

Iconografias:

Reprodução: Do quadro "A gravidez" de Guido Viaro, s/d.

Publicidade: Casa Modelo, Caixa Econômica Federal, Livraria Universitária e Fábricas Evaristo Trevisan.

*

POTY, . . Joaquim, n°.06, nov. 1946, p.01-02.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Louvre Rei das sedas e dos preços.

*

LORCA, Federico García. Romance Sonâmbulo. Do "Romacero Gitano". Joaquim, n°.06, nov. 1946, p.01-02.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: E. Blasi Jor. s/n, s/d.

*

LINHARES, Temístocles. Raízes do Simbolismo no Paraná. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 05-06.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Literatura; Paraná; Simbolismo

Notas de resumo:

Nesse ensaio, Temístocles Linhares discute a singularidade que o movimento simbolista teve no Paraná, pois diferente de outros lugares do Brasil, neste fixou raízes.

Autores Citados: BASTIDE, Roger; GOURMONT, Remy de; LIMA, Alceu Amoroso; MALLARMÉ, Stéphane; PERNETA, Júlio; SAFO; VERLAINE, Paul;

Iconografias:

Publicidade: Dr. Di Pino, Camisaria Pinheiro, Relojoaria Raeder, Alfaiataria Americana

*

Joaquim. Poty. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 06.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: França; Pintura; Viagem

Notas de resumo:

Nota sobre a viagem de Poty a Paris, além disso, a revista salienta que ele seria o correspondente especial do periódico na Europa.

Autores Citados: POTY, ;

Iconografias:

Ilustração: Poty por ele mesmo, s/d.

*

. I Agora?. Dialeto negro da região de Campinas. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 07.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: E. Blasi JOR. Ilstrou, s/n, s/d.

*

Joaquim. Oh! As idéias da província. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 07/09.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Crítica; Intelectual; Paraná

Notas de resumo:

Trata-se da coluna "Oh! As idéias da província" constituída de recortes de críticas de jornais sobre arte e literatura em tom de ironia.

Autores Citados: PASTORINO, C. Torres; TEIXEIRA, Oswald;

*

TREVISAN, Dalton. Nicanor, o herói. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 08.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Gianfranco Bonfanti, s/n, s/d.

*

PELLEGRINO, Hélio. Fala do Maquis. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 09.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo:

Obs.: pequena nota sobre a biografia do pintor Gianfranco Bonfanti e uma reprodução de seu quadro na mesma página.

Iconografias:

Ilustração: Interior n° 02 de Bonfanti, s/d.

*

Joaquim. Registro de livros. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 09.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Informes; Literatura

Notas de resumo:

[Coluna registro de livros] Nesta coluna há uma resenha sobre o livro de Pedro, "Almas Penadas", enviado para a remessa de livros da revista Joaquim.

*

ANDRADE, Mário de. Poemas da negra. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 10/16.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

Joaquim. Os novos de Milão. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 11-12.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Artes plásticas; Informes; Itália

Notas de resumo:

Nota sobre a vinda de uma exposição italiana ao Brasil e uma breve exposição dos pintores italianos.

Autores Citados: BIROLI; CAMPIGLI, Massimo; CARRÁ; POZZI, E.; CHIRICO, Giorgio de; GOGH, Vincent Van; SIRONI; ROUSSEAU, Jean-Jacques; SEVERINI, Gino; TOSI; UTRILLO, Miguel; VACCARINI, Bassano;

Iconografias:

Ilustração: Aliigi Sassu "café", s/d. "o Beberão" de Giuseppe Migneco

Publicidade: Indicadores médicos: Antenor S. Pupo, Dr. Carlos Moreira, Dr. Jorge Karam, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Orlando de Oliveira Mello, dr. Ito carias d'Oliveira, Dr. Mathias Piechnik Filho, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Oswaldo Faria da Costa. Advogados: Dr Lartes Munhoz, Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho e Dr. Ary Miranda.

*

Mário G. de Mello Leitão. Falando de emotividade. Joaquim, n.º.06, nov. 1946, p. 13.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

Joaquim. Poty seguiu para a França. Joaquim, n.º.06, nov. 1946, p. 13.

Vocabulário controlado: REPORTAGEM

Palavras-Chave: Europa; Pintura; Viagem

Notas de resumo:

Pequena nota retirada do jornal Democracia em 20/10/1946 com a biografia de Poty, na qual anuncia sua viagem a Paris financiada pelo governo francês.

Autores Citados: POTY, ;

Iconografias:

Ilustração: Pinóchio de Poty, s/d. Retrato de Moça, s/d.

Publicidade: Colégio Novo Ateneu.

*

RACINE, Jean. Prefácio de Berenice. Joaquim, n.º.06, nov. 1946, p. 14.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

VIARO, Guido Pellegrino. O Cabra. Joaquim, n.º.06, nov. 1946, p. 14.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

NIEMEYER, Oscar. Formação e evolução da arquitetura no Brasil. Joaquim, n.º.06, nov. 1946, p. 15-16-17.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Arquitetura

Palavras-Chave: Arquitetura; Brasil; Crítica

Notas de resumo:

Trata-se de um ensaio escrito por Niemeyer que relata como surgiu e como foi a evolução da arquitetura no Brasil, desde a sua Formação, com a vinda dos portugueses, até a conquista do Modernismo.

Autores Citados: CORBUSIER, Roland; COSTA, Lúcio; KUBITSCHKEK, Juscelino; VITAL, João Carlos; WARCHAVCHIK, Gregori;

Iconografias:

Publicidade: Casa Modelo, Drogeria Stellfeld, Móveis Cimo, Lisobarba, Maison Blanche

Ilustração: "Moça" de Percy Deane.

*

TREVISAN, Dalton. Minha cidade. Joaquim, n°.06, nov. 1946, p. 18-19-20.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Joalheria Rocha e Fábricas Evaristo Trevisan.

*

POTY, . Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 01.

Vocabulário controlado: CAPA

*

Gianfranco Bonfanti. De como não ensinar pintura. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 03.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Brasil; Ensino; Pintura

Notas de resumo:

O ensaio aborda a dificuldade que tanto alunos, quanto escolas de arte têm: dificuldade de formar um bom pintor pelo fato de que o aluno apenas reproduz bons quadros, mas não tem um estilo próprio.

Autores Citados: ROSA, Santa;

Iconografias:

Ilustração: Gianfranco Bonfanti, s/n, s/d.

, Confecções de Luxo para homens Eduardo.

*

Joaquim. História Contemporânea. Trad. MAAR, Wolfgang Leo. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 04.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Alemanha; Guerra; Justiça

Notas de resumo:

[Coluna História contemporânea] A coluna se difere das demais

publicações, pois há só o recorte de uma carta que narra o julgamento e execução de Joachin von Rubbentrop e Wilhem von Keitel, carrascos do nazismo alemão.

Iconografias:

Ilustração: Poty, s/n, s/d.

*

WILHEIM, Jorge. Nêgo batucando. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 05/06.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Bar Americano, Restaurante Elite, Confeitaria Tinguí, Loja Brazil e Livrarias Ghignone.

*

TREVISAN, Dalton. Ponto de Crochê. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 07-08.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: E. Blasi Jor., s/n, s/d.

*

GIDE, André. Moedeiros falsos. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 08-09.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Bar Triângulo, Alfaiataria Americana, Colégio Novo Ateneu, Moveis Cimo, Companhia força e Luz do Paraná. Médicos: Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, dr. Bernardo Leinig, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Orlando De Oliveira Mello.

*

Joaquim. Viaro, hélas... E abaixo Andersen. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 10.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Contemporâneo; Paraná; Pintura

Notas de resumo:

O ensaio aborda a biografia de Guido Viaro e do "mito" paranaense da pintura Alfredo Andersen. Viaro representa o pensamento dos moços, pois propõe a ruptura com a pintura paranista a qual Andersen se inseria. Autores Citados: ALENCAR, José de; COCTEAU, Jean; VIARO, Guido Pellegrino;

Iconografias:

Ilustração: Viaro por Viaro, s/n, s/d.

*

RILKE, Rainer Maria. Fragmentos das elegias de Duíno. Trad. SILVA,

Dora Ferreira da. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 11.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Duas ilustrações de José Silveira d'Ávila, s/n, s/d.

Publicidade: Chapelaria Central, Drogaria Stelfeld, Magazine, Casa Moacir, Distribuidora Antisardina, Sorveteria Polar, Tarobá artigos para esporte e Camisaria Pinheiro.

*

G. Bonfanti. Expressionismo no Rio. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 13.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Arte; Informes; Rio de Janeiro

Notas de resumo:

Ensaio em que o crítico de arte procura evidenciar as características da obra do pintor Franz Weissmann e responder o motivo pelo qual o considera um bom pintor.

Autores Citados: FEININGER, Lyonel; KANDINSKY, Wassily; KLEE, Paul; PICASSO, Pablo; WEISSMANN, Franz;

Iconografias:

Ilustração: "Marinheiros" de Poty Lazarotto, s/d.

*

KERR, Yllen. "Não é o grande público o inimigo da Arte Moderna". Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 14.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Arte; Brasil; Modernidade

Notas de resumo:

Transcrição da entrevista de Di Cavalcanti a Ilen Kerr sobre a Arte Moderna brasileira. Na entrevista o pintor afirma estar em conflito por causa de uma elite acadêmica endinheirada.

Autores Citados: AMARAL, Tarsila do; CAMARGO, Iberê; CAVALCANTI, Di; CENDRARS, Blaise; COCTEAU, Jean; MARAN, René; MILLIET, Sérgio; PICASSO, Pablo; SATIE, Erik; SUPERVIÈLLE, Jules;

Iconografias:

Ilustração: "Mulheres na rua" Di Cavalcanti, s/d.

*

Adriano Robine. O sementeiro. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 15.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Frederico Garcia Lorca. Em setembro de 1946, décimo aniversário de sua morte. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 15.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

IVO, Lêdo. Pandorga. Especial a Joaquim. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 15.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

. Os três magos. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 16-17.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Yllen Kerr, s/n, s/d.

*

FARIA, Octávio de. Paraná, imagem do Brasil. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 17.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Cultura; Identidade; Paraná

Notas de resumo:

Neste ensaio o autor defende que o Paraná não é inferior ao Brasil, pelo contrário, é a sua imagem e semelhança.

Obs.: O texto transcrito é de "Machiavel e o Brasil" p. 117-118, edição de 1931.

Autores Citados: MACHADO, José Gomes Pinheiro;

Iconografias:

Publicidade: Relojoaria Reader, Livraria Brasil e Irmãos Thá.

*

Mario de Andrade. ANDRADE, Mário de. Foi sonho. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 18-19-20.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Fábricas João Evaristo Trevisan e Joalheria Rocha.

*

ORTIZ, Carlos. Hoje. Joaquim, n°.07, dez. 1946, p. 15.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Cartas; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

Trata-se de uma carta de Carlos Ortiz enviada a revista Joaquim parabenizando o grupo pela movimentação que faziam naquele momento nas artes paranaenses.

*

KERR, Yllen. . Joaquim, n°.08, fev. 1947, p. 01.

Vocabulário controlado: CAPA

*

ANDRADE, Oswald de. Inês e o Ébrio. Especial a Joaquim. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p. 02-03-04-05.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Obs.: Há um sumário na mesma página do texto de Oswald, entretanto o que chama mais à atenção é a citação de Stendhal: "Elle n'a rien à continuer, cette génération, elle a tout à créer".

Iconografias:

Publicidade: Azeite de amendoim "Fanadol", Restaurante Elite, Caixa Econômica Federal, Irmãos Thá, Livraria Aurora, Pedro Lapalu Deffés, Relojoaria Raeder, Alfaiataria Americana, Livraria Universitária, Papelaria Normalista, Fontoura Alfaiate, Chapelaria Kosmos. Indicador profissional: Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Bernardo Leinig, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Carlos Moreira, Prof. Dr. Leonidas Ferreira, Dr. Carlos Heller. Advogados: Dr. Laertes Munhoz, Dr. Arthur Ferreira dos Santos, Dr. Faustino Fávaro, Alcides V. Arco-Verde.

*

MARTINS, Wilson. Notícias do Paraná. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p. 06.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Ensaio; Paraná; Pintura

Notas de resumo:

No ensaio Wilson Martins expõe os motivos nos quais acredita que Guido Viaro pode ser considerado um grande pintor paranaense.

[Obs.: A revista faz uma nota de rodapé orientando o leitor que o artigo foi publicado originalmente no jornal "O Estado de São Paulo" em 19/01/1947].

Autores Citados: GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de; VIARO, Guido Pellegrino;

*

Fábio Alves Ribeiro. Gerações Brasileiras das duas guerras. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p. 07-08.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Cultura; Literatura; Movimento; Século XX

Notas de resumo:

O ensaio trata das gerações que cresceram entre as guerras, como o Modernismo e o Post-modernismo anunciado por Tristão de Athayde, e as contribuições do movimento para o cenário intelectual nacional.

Autores Citados: AMADO, Jorge; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Carlos Drummond de; ARANHA, Graça; BANDEIRA, Manuel; BERNANOS, Georges; ESTRADA, Osório Duque; ETIENNE FILHO, João; FARIA, Octávio de; FIGUEIREDO, Jackson de; FREYRE, Gilberto; HOLANDA, Sérgio Buarque de; IVO, Lêdo; LIMA, Alceu Amoroso; LIMA, Jorge de; MENDES, Murilo; MILLIET, Sérgio; MORAES, Vinícius de; PAULHAN, Jean; PRESTES, Luis Carlos; RAMOS, Graciliano; QUEIROZ, Rachel de; REGO, José Lins do; RICARDO, Cassiano; RIVERA, Bueno; SALGADO, Plínio; SCHIMIDT, Frederico; SCHMIDT, Augusto Frederico; SILVEIRA, Tasso da; SOUZA, Octávio Tarquínio de; THIBAUDET, Albert;

*

Archibald Macleish. *Ars poetica*. Joaquim, n.º.08, fev. 1947, p. 08.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

WILHEIM, Jorge. *Música. Folclore e universalidade*. Joaquim, n.º.08, fev. 1947, p.08.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Folclore; Música popular; Nacionalismo; Universalidade

Notas de resumo:

O ensaio trata dos "problemas" enfrentados pela música brasileira: ser universal, ser belo e apreciável ou ser regional e correr o risco do esquecimento.

Autores Citados: ANDRADE, Mário de; GUARNIERI, Gianfrancesco; PEIXE, Guerra; SANTORO, Claudio; STRAVINSKY, Igor; VILLA-LOBOS, Heitor;

*

Ney Guimarães. *Abigail quer carinhos*. Joaquim, n.º.08, fev. 1947, p.09.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Abelardo Zaluar ilustrou, s/n, s/d.

*

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Canção amiga*. Joaquim, n.º.08, fev. 1947, p.10.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: E. Blasi jr. Ilustrou, s/n, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. *Porque Nicanor é herói*. Joaquim, n.º.08, fev. 1947,

p.11.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

Joaquim. Oh! As idéias da província.... Joaquim, n°.08, fev. 1947, p.17.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Crítica; Cultura; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

Coluna feita de recortes de comentários nos principais jornais do Paraná com uma boa dose de ironia e humor.

*

LINHARES, Temístocles. O caso de Consciência do Paraná. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p.12-13.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Cultura; Originalidade; Paraná

Notas de resumo:

O ensaio de Temístocles Linhares discorre sobre os conflitos que a cultura paranaense enfrentou até aquele momento, para se firmar como uma província e buscar uma identidade.

*

Bonfati. Música viva. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p.13.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Contemporâneo; Música

Notas de resumo:

O crítico G. Bonfanti faz uma avaliação da apresentação de Claudio Santoro, Eunice Catunda, H. J. Koellreutter, Heitor Alimonda e Guerra Peixe, entretanto não tem referência de onde e quando se apresentaram.

Autores Citados: ALIMONDA, Hector; BEETHOVEN, Ludwig van; CHOPIN; CATUNDA, Eunice; KOELLREUTTER, H. J.; PEIXE, Guerra; SANTORO, Claudio; SCHOENBERG, Arnold;

*

SILVEIRA, Tasso da. Comentários sobre a Joaquim. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p.11/13.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

São cartas de leitores que avaliam a revista Joaquim e seus principais participantes.

Obs.: O comentário de Tasso da Silveira foi retirado do jornal "A

manhã" em 26/01/1947.

Autores Citados: ANJOS, Cyro dos; LINHARES, Temístocles; PERNETA, Emiliano; REBELO, Marques; TREVISAN, Dalton;

*

TREVISAN, Dalton. Passos na calçada. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p.14-15.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Gianfranco Bonfanti, s/n, s/d.

*

Eliezér Demenezes. Poema à amada presente. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p.15.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Yllen Demenezes, s/n, s/d.

Ilustração: Figura de Fraz Weissmann, s/d.

*

ANDRADE, Mário de. Quando eu morrer. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p.16.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Composição de Roberto Burle Marx, s/d.

*

Waltencir Dutra. DUTRA, Valtencir. O poeta enfrenta a noite. Joaquim, n°.08, fev. 1947, p.17.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Yllen Kerr, s/n, s/d.

Publicidade: Clínica dentária Dr. Ary Miranda, Moveis Cimo, casa Alumínio, Majestoso Hotel, Drogaria Stellfeld, Colégio Novo Ateneu, Dr. Di Pino, Magazine e Clínica de olhos Dr. Mathias Piechnik Filho, Dr. James Ross e Joalheria Rocha.

*

KERR, Yllen. . Joaquim, n°.09, 1947, p.01.

Vocabulário controlado: CAPA

Notas de resumo:

Não há indicação de quem pintou o quadro reproduzido na capa.

*

Joaquim. A geração dos vinte anos na ilha. Joaquim, n°.09, 1947, p.02-03.

Vocabulário controlado: EDITORIAL - Literatura

Notas de resumo:

No texto há um "levantamento" das artes e da literatura no Paraná, em relação ao seu atraso cultural, mas também em relação a sua, singela, mas perceptível mudança depois do movimento que a revista provocou.

[Obs.: " Em homenagem a todos os Joaquins do Brasil", " Elle n'a rien à continuer, cette génération, elle a tout à créer, Stendhal", é um chamado que se repete nas últimos números].

Iconografias:

Publicidade: Azeite de amendoim Fenadol, Restaurante Elite, Confeitaria Elite, Irmãos Thá e Moveis cimo.

*

Galo René Pérez. Nostalgia. Joaquim, n°.09, 1947, p.04-05.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Bianca Bonacchi, s/n, s/d.

Publicidade: Relojoaria Raeder, Livraria Pátria, Papelaria Requião, Tarobá artefatos, Drogaria Stellfeld e Chapelaria Central.

*

CANDIDO, Antonio. Plataforma. Joaquim, n°.09, 1947, p.06.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Notas de resumo:

Neste ensaio Antonio Candido discorre sobre o que ela acredita que deveria ser o pensamento intelectual naquela época, isto é, o combate aos reacionários e a algumas tendências que ele chama de "perniciosas", tais como: as filosofias idealistas, a sociologia cultura e a literatura personalista.

*

Joaquim. Revistas de novos. Joaquim, n°.09, 1947, p.06.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Arte; Literatura; Movimento; Paraná

Notas de resumo:

Em uma nota, a revista Joaquim cita que além deles, há outras circulando naquele momento, tais como: "Paralelos" de São Paulo, "Agora" de Goiás, "Uirapurú" de Santa Catarina, "Edifício" do Rio e "Magog" de Minas.

Autores Citados: CARONE, Edgard; FONTES, Antonio; GUIMARÃES, Saulo; ROCHA, Pedro; WILHEIM, Jorge;

*

KAFKA, Franz. De "América", "Um cruzamento", "O vizinho",

"Parábolas" de Franz Kafka. Joaquim, n°.09, 1947, p.07-08-09.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Obs.: há uma nota da página 06 na qual os redatores esclarecem que o fragmento de texto de Kafka pertence a uma parte de suas obras póstumas sob o título provisório de "Durante a construção das muralhas da China". Além de uma pequena bibliografia do autor.

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Guido Viaro, s/n, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. Com uma rosa na mão. Joaquim, n°.09, 1947, p. 10-11.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

BAYLEY, Edgard; LANDI, O.; MALDONADO, Thomas. Manifesto Invencionista. Joaquim, n°.09, 1947, p.12.

Vocabulário controlado: EDITORIAL - Literatura

Palavras-Chave: América Latina; Arte; Concretismo; Literatura; Movimento

Notas de resumo:

O manifesto "Invencionista" pertence à revista "Concreto-Invencion" publicada na Argentina em 1944 que reivindica a arte concreta. O manifesto tem uma particularidade, ele possui autores de vários países da América Latina.

Iconografias:

Ilustração: Jorge Souza, Primaldo Monaco, Raúl Lozza e Tomas Maldonado, s/n, s/d.

*

FIGUEIREDO, Wilson. Poema. Joaquim, n°.09, 1947, p.13.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

G. Bonfanti. Uma exposição escolar. Joaquim, n°.09, 1947, p.14.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Arte; Brasil; Crítica

Notas de resumo:

Neste ensaio o autor reitera que as escolas (neste caso a Belas Artes) não forma pintores de qualidade.

Iconografias:

Ilustração: Uma exposição escolar de G. Bonfanti, s/d.

*

POTY, Rouault, Van Gogh e os Novos. Joaquim, n°.09, 1947, p.15.

Vocabulário controlado: INFORME

Notas de resumo:

Neste informe Poty Lazarotto, correspondente da revista em Paris, discorre sobre pintores que ele vê em exposições ou que estuda naquela cidade.

Autores Citados: CÉZANNE, Paul; COROT, (Jean Baptiste C.); DEGAS; GISCHIA, León; GOGH, Vincent Van; LEGER, Fernand; MANESSIER; MILLET; MONET, Claude; PICASSO, Pablo; PIGNON, Édouard; POUSSIN, Nicolas; ROUAULT, Georges; TURNER;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

ANDRADE, Carlos Drummond de. Invencionismo. Joaquim, n°.09, 1947, p.13.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: América Latina; Arte; Concretismo; Literatura; Movimento

Notas de resumo:

Neste ensaio Drummond analisa o movimento recente da América Latina "Invencionismo". Ele reclama de uma parcela da intelectualidade que não tem "olhos" para a América Latina, entretanto, afirma que o movimento não tem nada de novo.

Autores Citados: BAYLEY, Edgard; KANDINSKY, Wassily;

*

TREVISAN, Dalton. Coronel Amâncio. Joaquim, n°.09, 1947, p.16-17.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

Jean Paul Sartre. SARTRE, Jean-Paul. Prosa e Linguagem. Joaquim, n°.09, 1947, p.17.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-Chave: Existencialismo; Ficção; Linguagem

Notas de resumo:

Ensaio filosófico de Sartre no qual afirma que a prosa é uma atitude de espírito, pois ela atravessa o olhar como a luz ao vidro.

Iconografias:

Publicidade: Médicos: Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Hélio Martins Fontes, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Oswaldo faria da Costa, Dr. Carlos Moreira e Dr. Felisberto A.

Farracha. Joalheria Rocha e Fábricas Evaristo Trevisan.

Ilustração: No Bonde de Rudi, s/d.

*

KERR, Yllen. . Joaquim, n°.10, maio 1947, p.01.

Vocabulário controlado: CAPA

Notas de resumo:

Não há identificação do pintor.

*

MILLIET, Sérgio. Joaquim. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.02-03.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Geração de 45; Literatura; Modernismo; Movimento

Notas de resumo:

Nesta carta Sergio Milliet faz uma avaliação da produção nacional daqueles que, em sua opinião evoluíram, segundo as propostas de 22 e aqueles que ficaram como resistência.

Autores Citados: AMADO, Jorge; ANDRADE, Julieta de; ANDRADE, Maria Julieta Drummond de; ANDRADE, Oswald de; ARANHA, Graça; BANDEIRA, Manuel; CANDIDO, Antonio; COELHO NETO, Henrique; ESTRADA, Osório Duque; FERNANDES, Florestan; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de; IVO, Lêdo; LISPECTOR, Clarice; MACHADO, Lourival Gomes; MELO NETO, João Cabral de; MOTA, Dantas; RAMOS, Graciliano; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; RIVERA, Bueno; SCHADEN, Egon; SILVA, Domingos Carvalho da; STENDHAL;

Iconografias:

Publicidade: Fábricas Evaristo Trevisan.

*

KAFKA, Franz. Dois contos de Kafka. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.03.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração Yllen Kerr, s/n, s/d.

*

Joaquim. História contemporânea. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.04.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Arte; Contemporâneo; História; Literatura; Política

Notas de resumo:

{Coluna Histórias Contemporâneas}Coluna contínua de recorte de notícias gerais sobre o Brasil e o Mundo. Há nesta edição uma carta escrita por um judeu a caminho da execução e uma carta em resposta aos acontecimentos sobre a guerra que, aos poucos, começavam a ser discutidos ou descobertos no mundo.

Autores Citados: ARAGON, Louis; POTY, ;

*

TREVISAN, Dalton. Elegia Santíssima. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.05.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: s/a, s/n, s/d.

*

GIDE, André. Les nourritures terrestres. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.06-07.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Arpad Szenes.

*

ARMANDO, Paulo. Aleluia. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.07.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Publicidade: Relojoaria Raeder, Clínica de olhos Dr. Mathias Piechnik Filho, Loja Brasil, Camisaria Pinheiro, Dr. Di Pino, Drogaria Stellfeld, Impressos Topografia e Casa Modelo.

*

KOELLREUTTER, H. J. Música brasileira. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.09-10.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Música; Música popular

Notas de resumo:

Koellreutter discorre sobre como a música brasileira conseguiu se desvincular dos "moldes" europeus. Também faz algumas ponderações sobre músicos que considera contemporâneo.

Autores Citados: ANDRADE, Mário de; DEBUSSY, Claude Achille; GALLET, Luciano; GUARNIERI, Mozart Camargo; KERR, Yllen; LEVI, Alexandre; MIGNONE, Francisco; NAZARETH, Ernesto; NEPOMUCENO, Alberto; PEIXE, Guerra; SANTORO, Claudio; SCHOEMBERG, Mário; VIARO, Guido Pellegrino; VILLA-LOBOS, Heitor;

*

Q. Campofiorito. Os ilustradores da Joaquim. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.10.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Crítica; Movimento; Paraná; Pintura

Notas de resumo:

O crítico literário Q. Campofiorito disserta sobre as ilustrações da revista Joaquim, desde seu primeiro número.

Autores Citados: POTY, ;

*

Gianfranco Bonfanti. Paulistas. Joaquim, n.º.10, maio 1947, p.11-12.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Artes plásticas; Crítica; São Paulo

Notas de resumo:

Neste informe Q. Campofiorito descreve o Salão de exposições, que abriu em São Paulo e relata quais eram os principais autores expostos.

Autores Citados: ABRAMO, Lívio; AMARAL, Tarsila do; BRECHERET, Victor; BONADEI, Aldo; CAMERINI, Enrico; CARNICELLI; CARVALHO, Flávio de; CAVALCANTI, Di; CORDEIRO, Waldemar; FIORI, Ernesto de; GIORGI, Bruno; GRACIANO, Clovis; LEVY, Walter; NOBILING, Elizabeth; REBOLO; VACCARINI, Bassano; SEGALL, Lasar; VOLPI, Alfredo; ZANINI, Mário;

Iconografias:

Ilustração: Paisagem de A. Volpi, s/d.

*

IVO, Lêdo. Soneto do quadrante sul. Joaquim, n.º.10, maio 1947, p.13.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Pintura n.º 11 de W. Cordeiro, s/d.

*

DUTRA, Valtencir. Canção do poema oculto na nuvem. Joaquim, n.º.10, maio 1947, p.13.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Natureza morta de A. Bonadei, s/d.

*

Cipriano S. Vitteira. Clovis Graciano. Joaquim, n.º.10, maio 1947, p.14.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: S/a/, s/n, s/d.

*

Temístocles Linhares. A árvore existencialista. Joaquim, n.º.10, maio 1947, 15.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-Chave: Ensaio; Existencialismo; Filosofia

Notas de resumo:

Nesse ensaio Temístocles Linhares faz uma linhagem sobre origem do existencialismo e expõe quais foram seus principais representantes, mesmo que os autores citados não gostassem da definição.

Autores Citados: BIRAN, Maine de; BLONDEL, Maurice; BUBER, Martin; CHESTOV; CANNABRAVA, Euryalo; GASSET, José Ortega y; HEGEL; HEIDEGGER, Martin; JASPERS, Karl; KIERKEGAARD, Soren; MARCEL, Gabriel; MOUNIER, Emmanuel; NIETZSCHE, Friedrich; SARTRE, Jean-Paul; SCHELER, Max Ferdinand; SÓCRATES; UNAMUNO, Miguel de; WAHL, Jean;

*

Gérard Duchéne. Bal des quatz'arts. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.16.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Autores Citados: BERDIAEV, Nikolai;

*

BRAGA, Edgard. Muito de ti. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.16-17.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Publicidade: Indicador de médicos; Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Carlos Heller, Dr. Bernardo Leinig, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Carlos Moreira, Dr Emanuel Coelho e Dr. J. A. Peixoto. Livraria Aurora, Livraria Brasil, Maison Blanche.

*

Joaquim. Revista de Livros e Sonata ao luar. Joaquim, n°.10, maio 1947, p.18-19-20.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Arte; Crítica; Literatura; Movimento; Paraná

Notas de resumo:

Revista de livros é uma coluna que indica a leitura de livros e também publica cartas dos leitores da Joaquim.

Autores Citados: AMORIM, Enrique; DANTAS, Paulo; ANJOS, Cyro dos; FIGUEIREDO, Wilson; HADDAD, Jamil Almansur; LIMA, Alceu Amoroso; LOBATO, Monteiro; MACHADO, António de Alcântara; MURICY, José Cândido de Andrade; NERUDA, Pablo; ORTIZ, Carlos; ROCHA, Wilson; SILVA, De Plácido e; SILVA, Domingos Carvalho da; TREVISAN, Dalton;

Iconografias:

Publicidade: Azeite de Amendoim Fenadol, Restaurante Elite, Confeitaria Tinguí, Livraria Universitária e Joalheria Rocha.

*

KERR, Yllen. . Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.01-02.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Fábricas Evaristo Trevisan.

*

TREVISAN, Dalton. Notícia de Newton Sampaio. Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.03.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-Chave: Escritor; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

Resenha sobre a obra do escritor de contos do Paraná, Newton Sampaio. Autor que, segundo Trevisan, teve a coragem de ir contra a literatura vigente no Paraná.

Autores Citados: MACHADO, António de Alcântara; SAMPAIO, Newton;

Iconografias:

Ilustração: S/a, s/n, s/d.

*

Juan Savedra. Camus e a literatura americana. Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.03.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Palavras-Chave: Escritor; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

Entrevista de Albert Camus sobre a influência da literatura norte americana na Europa. Segundo Camus a influência se dá pelo fato que a literatura americana é rápida e superficial, já a francesa se atém aos detalhes.

Autores Citados: CALDWELL, Robert; CAMUS, Albert; HEMINGWAY, Ernest Miller; MALRAUX, André; MELVILLE, Herman; STEINBECK, John;

*

Joaquim. . Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.03.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Crítica; Modernismo; Movimento; Paraná

Notas de resumo:

Nesta nota os "Joaquins" esclarecem que não querem ser vinculados a Semana de 22 e afirmam que não tem ambições modernistas, mas sim ambições modernas. Em tom enfurecido, escrevem que a revista se vincula a modernidade e que só aqueles que sabem distinguir Modernidade de Modernismo de 22 saberá o que eles falam.

Autores Citados: VERÍSSIMO, Érico;

Iconografias:

Publicidade: Goá, Livraria Pátria, Alfaiataria Americana, Tarobá, Drogaria Stellfeld, Colégio Iguaçú, Relojoaria Raeder, Dr. Ary Moranda médico e Dr. Emanuel Coelho e J. A. Peixoto advogados.

*

KOESTLER, Arthur. O último julgamento. Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.05.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

Ney Guimarães. A nova geração tem muitos "homens-sem-partido". Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.06.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Contemporâneo; Crítica; Ideologia

Notas de resumo:

Entrevista de Ney Guimarães sobre um problema da ausência de crítica no pensamento e a estagnação intelectual.

Autores Citados: ACIOLY, Marcos; AMADO, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Maria Julieta Drummond de; ANDRADE, Mário de; FREITAS JR., Octavio de; CANDIDO, Antonio; GIDE, André; DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch; KAFKA, Franz; FERNANDES, Florestan; IVO, Lêdo; JOYCE, James; MALRAUX, André; LEWIS, Sinclair; LISPECTOR, Clarice; MANN, Thomas; MARTINS, Wilson; PIRANDELLO, Luigi; PROUST, Marcel; RAMOS, Hosmany; REGO, José Lins do; RILKE, Rainer Maria; ROOSEVELT, Franklin; RIVERA, Bueno; ROSA, Guimarães; SABINO, Fernando; TOLSTÓI, Leon; UNAMUNO, Miguel de; WHITMAN, Walt; WILKIE, James W.; WOOLF, Virginia;

*

PEDROSA, Mário. Flores do Abismo. Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.07-08-09.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: S/a, s/n, s/d.

*

Joaquim. Pra ver se saía da miséria. Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.09.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Brasil; Ideologia; Literatura; Política

Notas de resumo:

Carta de um leitor que se identifica somente como A. endereçada a Dalton Trevisan.

Autores Citados: ANDRADE, Mário de; MILLIET, Sérgio; TREVISAN, Dalton;

*

Paola Masmo. Monte Ignoso. Joaquim, n.º.11, jun. 1947, p.10-11.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Yllen Kerr, s/n, s/d.

*

Raimundo Souza Dantas. DANTAS, Souza. Há uma luta surda entre nós. Joaquim, n.º.11, jun. 1947, p.11.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Contemporâneo; Crítica; Ideologia

Notas de resumo:

Depoimento de Raimundo Dantas sobre a nova geração brasileira de intelectuais e sobre as tendências que o entrevistado apostaria naquele momento.

Autores Citados: ANDRADE, Maria Julieta Drummond de; ANDRADE, Mário de; CANDIDO, Antonio; FARIA, Octávio de; FREITAS JR., Octavio de; GASSET, José Ortega y; GIDE, André; IVO, Lêdo; MARTINS, Justino; MARX, Karl; MENDES, Murilo; PROUST, Marcel; RAMOS, Graciliano; REGO, José Lins do;

Iconografias:

Ilustração: S/a, s/n, s/d.

Ilustração: Tragédia grega de Elizabeth Nobile, s/d.

*

BARROSO, Antônio Girão. Bandeira vai a Paris. Joaquim, n.º.11, jun. 1947, p.11.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Autores Citados: GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de;

*

MARTINS, Wilson. Um poeta e o outro. Joaquim, n.º.11, jun. 1947, p.13.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Brasil; Contemporâneo; Poesia

Notas de resumo:

Nesse ensaio Wilson Martins faz uma seleção de poetas que considera relevante e afirma que há uma mudança neste cenário e ao mesmo tempo uma carência de poetas. Ele cita Jacques do Prado Brandão e o considera como um poeta importante para o momento.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; BANDEIRA, Manuel; BRANDÃO, Jaques do Prado; FIGUEIREDO, Wilson; IVO,

Lêdo; LIMA, Alceu Amoroso; MORAES, Vinícius de; SINISGALLI, Leonardo;

Iconografias:

Publicidade: Indicador de médicos; Dr. Orlado de Oliveira Mello, Dr. Bernard Leinig, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Carlos Moreira. Advogados: Dr. Laertes Munhoz, Dr. Faustino Fávaro, Alcides V. Arco-verde. Livraria Aurora.

*

Joaquim. Revista de Livros. Joaquim, n°.11, jun. 1947, p. 13.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Brasil; Contemporâneo; Literatura

Notas de resumo:

[Revista de livros] Coluna que apresenta livros lançados no mercado.

OBS.: Nota sobre a publicação de uma revista: Orfeu com Fernando Ferreira de Loanda, Hélio Thys, Fred Pinheiro, Martins da Silva, Terezinha Eboli, Zito Batista Filho.

Autores Citados: BESOUCHET, Lúcia; BRANDÃO, Jaques do Prado; BRITO, Glauco Flôres de Sá; CAMPOS, Paulo Mendes; DAMASCENO, Darcy; IVO, Lêdo; KAFKA, Franz; LOANDA, Fernando Ferreira; SARTRE, Jean-Paul;

*

SILVA, Francisco Pereira da. O perigo de uma mistificação existencialista. Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.15.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Criação; Crítica; Escritor; Existencialismo; Literatura

Notas de resumo:

Na entrevista Silva afirma o receio de que nova geração caia no que ele chama de "mistificação existencialista". Além disso, o escritor responde sobre diversas perguntas relacionadas a criação literária e o momento das artes e da literatura.

Autores Citados: ACIOLY, Marcos; IVO, Lêdo; JACOB, Marcos; MORGAN, Charles; RIMBAUD, Arthur;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Guido Viaro, s/n, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. Sete anos de pastor. Joaquim, n°.11, jun. 1947, p.16-17-18.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Autores Citados: WILHEIM, Jorge;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de G. Bonfanti, s/n, s/d.

*

LAUS, Harry. O sol é forte. Joaquim, n.º.11, jun. 1947, p.18.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Notas de resumo:

Carta em que Harry Laus relata sua visão sobre o sul do Brasil e a experiência de ler a Joaquim.

Autores Citados: CASCUDO, Luiz da Câmara; GIDE, André;

Iconografias:

Ilustração: Azeite de amendoim Fanadol, Alfaiate Moura, Confeitaria Tinguí, Irmãos Thá, Moveis Cimo, Joalheria Rocha.

*

KATZ, Renina. . Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.01.

Vocabulário controlado: CAPA

*

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. Perfil de um parlamentar. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.02-03.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Ensaio Paraná; Política

Notas de resumo:

O ensaio é uma despedida de Bento Munhoz da Rocha Netto ao parlamentar Nestor Duarte de Curitiba, que deixava a câmara de Curitiba para ser Secretário de Agricultura na Bahia. Texto datado de 01/05/1947.

Autores Citados: DUARTE, Nestor; VASCONCELOS, Zacarias de Góis e;

Iconografias:

Publicidade: Fábrica João Evaristo Trevisan.

*

Newton Sampaio. SAMPAIO, Newton. Um inédito de Newton Sampaio. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.04-05.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Obs.: Em uma nota a revista esclarece que a crônica é inédita, pois fizera dez anos que o escritor mandara ao jornal "O dia" e o mesmo se negara a publicar.

Iconografias:

Publicidade: Indicador de médicos: dr. Orlando de Oliveira Mello, dr. Bernardo Leinig, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Jorge Karam e Dr. Felisberto A. Farracha. Papelaria Normalista, Livraria Ghignone, clínica de olhos Dr. Mathias Piechnik Filho e Dr. James Ross e Alfaiate Fontoura.

*

TREVISAN, Dalton. O retrato. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.06-07-08.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Mangue, xilogravura de Poty Lazarroto, s/d.

Ilustração: Ilustração de Renina katz, s/n, s/d.

*

DUTRA, Valtencir. As imagens. A Francisco Pereira da Silva. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.08.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

SARTRE, Jean-Paul. O romance não-euclideo. O futuro do romance. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.09.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Contemporâneo; Estados Unidos; Romance

Notas de resumo:

No ensaio Sarte argumenta o motivo pelo qual acredita que Leila Henry James e Leia Dreiser não agradam os franceses e sim aos americanos. Os franceses, segundo ele, preferem Faulkner, Hemingway, Caldwell, Steinbeck, pois os outros são a cópia de um modelo (saturado) francês.

Autores Citados: BEAUVOIR, Simone de; CAMUS, Albert; CAIN, James M.; CONSTANT, Benjamin; DREISER, Theodore; CALDWELL, Erskine; FARIA, Octávio de; FLAUBERT, Gustave; FAULKNER, William; HEMINGWAY, Ernest Miller; JAMES, Henry; LEWIS, Sinclair; JOYCE, James; MALRAUX, André; LOBATCHEWSKY; KAFKA, Franz; MAUPASSANT, Guy de; PASSOS, John dos; PENNA, Cornélio; PROUST, Marcel; REBELO, Marques; RIEMANN, Georg; STEINBECK, John; ZOLA, Émile;

*

IVO, Lêdo. Depoimento de Lêdo Ivo. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.10.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO - Literatura

Palavras-Chave: Contemporâneo; Escritor; Relato

Notas de resumo:

A revista Joaquim faz inúmeras perguntas relacionadas ao futuro da poesia, escritores importantes, verso livre, movimentos artístico-literários ao poeta Lêdo Ivo.

Autores Citados: ACCIOLY, Breno; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ARAGON, Louis;

BANDEIRA, Manuel; BAUDELAIRE, Charles; BRANDÃO, Jaques do Prado; CAMÕES, Luiz Vaz de; CARDOSO, Lúcio; CARPEAUX, Otto Maria; DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch; CERVANTES,

Miguel de; ELIOT, T. S.; FARIA, Octávio de; FREITAS JR., Octavio de; LIMA, Jorge de; LISPECTOR, Clarice; LORCA, Federico García; MARTINS, Wilson; MENDES, Murilo; PROUST, Marcel; RILKE, Rainer Maria; VALÉRY, Paul; RAMOS, Graciliano; VIEIRA, José Geraldo; WASHINGTON, Luís; WOOLF, Virginia;

Iconografias:

Ilustração: Flores do abismo de Mário Pedrosa, s/d.

*

BRITO, Mario da Silva. O terceiro indianismo. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.12.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Crítica; Escritor; Estética

Notas de resumo:

Mário da Silva Brito concede uma entrevista à revista afirmando o motivo pelo qual não acredita que Monteiro Lobato represente o Brasil, por ele ter uma língua ser gongórica e por não ter aceitado o Modernismo.

Autores Citados: ALENCAR, José de; AMARAL, Rubens; ANDRADE, Mário de; DIAS, Gonçalves; DUPRÉ, Leandro; LOBATO, Monteiro; MAUPASSANT, Guy de; EÇANHA, Camilo; PIRES, Cornélio; PORTINARI, Candido; RANGEL, Godofredo; RUSKIN, John; SAND, George; TEIXEIRA, Oswald;

*

CAMPOS, Paulo Mendes. Renascimento. Especial a Joaquim. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.12.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

LINHARES, Temístocles. Presença de Kafka. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.13-14.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Alemanha; Crítica; Escritor

Notas de resumo:

Ensaio fala sobre a obra e o estilo do escritor Franz Kafka.

Autores Citados: BROD, Max; JOYCE, James; KAFKA, Franz; KIERKEGAARD, Soren; MALLEA, Eduardo; PROUST, Marcel;

*

LAUS, Harry. Segunda carta do nordeste. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.14-15.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Cartas; Folclore; Nordeste

Notas de resumo:

Nesta carta Laus descreve como foi o encontro (a pedido dos redatores a revista paranaense) com o folclorista Câmara Cascudo. Além disso, Laus avisa que o livro "Vaqueiros e cantadores" já estava nos Correios.

Autores Citados: CASCUDO, Luiz da Câmara;

Iconografias:

Publicidade: Joalheria Rocha.

Ilustração: Ilustração de Guignard, s/n, s/d.

*

Joaquim. 3 Histórias. Joaquim, n°.12, ago. 1947, p.14.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

POTY, .Museu de Arte Moderna. Joaquim, n°.12, ago. 1947, p.16-17.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Arte; Contemporâneo; França

Notas de resumo:

No informe, Poty Lazarotto descreve quais artistas estavam expostos no Museu de Arte Moderna de Paris e quais eram as tendências de arte naquele momento.

Autores Citados: ALENCAR, José de; BONNARD, Pierre; BRAQUE, Georges; CHAGALL, Marc; DALI, Salvador; DUFY, Raoul; GLEIZES, Albert; GOGH, Vincent Van; LEGER, Fernand; MIRÓ, Joan; MODIGLIANI, Amadeo; PICASSO, Pablo; PORTINARI, Denise; REMBRANDT; ROUAULT, Georges; TANGUY, Yves; UTRILLO, Maurice; WILHEIM, Jorge;

Iconografias:

Publicidade: Camisaria Pinheiro, Dr. Di Pino. Drs. Emanuel Coelho e J. A. Peixoto, Calçados Maria Antonieta, Alfaiataria Americana, Relojoaria Raeder,

Drogaria Stellfeld e Companhia Força e Luz do Paraná.

*

Joaquim. Revista de Livros. Joaquim, n°.12, ago. 1947, p.17.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Contemporâneo; Informes; Literatura

Notas de resumo:

Coluna fixa que publica resenhas dos livros lançados em todo o Brasil, além da divulgação de novas revistas de literatura e arte.

Autores Citados: ALMEIDA, Antônio Mendes de; BALZAC, Honoré de; CARONE, Edgard; CASCUDO, Luiz da Câmara; GUIMARÃES, Saulo; JOYCE, James; LEAL, Isa Silveira; MEDEIROS, Aluízio; PASSOS, John dos; SILVEIRA, Miroel; TOLSTÓI, Leon; WILHEIM, Jorge;

Iconografias:

Ilustração: Arredores de Praga de Jindra Jaromir (tcheco), s/d.

*

GIDE, André. O último capítulo do "Teseu", de André Gide. Joaquim, n.º.12, ago. 1947, p.18.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Azeite de Amendoim Fanadol, Resteurante Elite, Livraria Universitária, Irmãos Thá, Caixa Econômica Federal e Móveis Cimo.

*

Joaquim. . Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.01-02.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Madeiras em folha e compensados Codega & cia, Pasta Dentífrica Macleans, Móveis Cimo e Companhia de Comércio e Navegação Emilio Romani & Cia.

*

WILHEIM, Jorge. Cartas da Ilha. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.03/18.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Cartas; Filosofia; Informes; Literatura

Notas de resumo:

Carta de G. Wilhein a Dalton Trevisan. Segundo o crítico, a literatura e filosofia de Trevisan tem uma escrita que beira o banal.

Autores Citados: ANDRADE, Mário de; DESCARTES, René; KAFKA, Franz; SARTRE, Jean-Paul; KOESTLER, Arthur; TREVISAN, Dalton;

*

DUTRA, Valtencir. Poemas de Rachel. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.04.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Paulo Vicente, s/n, s/d.

*

WOOLF, Virginia. A sobrinha do conde. O futuro do romance. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.05.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Nota: A seleção e tradução foram feita por B. P. M., não há outra indicação.

Nota de Lautaro Yankas sobre a situação do romance após as Guerras.

Obs.: Além disso, há uma chamada para o 2º Congresso de Poesia no

Pará com regras inusitadas.

Autores Citados: ANDRADE, Mário de; LIMA, Alceu Amoroso;

*

MARTINS, Wilson. As novas gerações e as revoluções literárias. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.06.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Literatura; Movimento

Notas de resumo:

O crítico literário Wilson Martins discute como é vista a "nova" geração e quais contribuições, a seu ver, ela trouxe a literatura.

*

TREVISAN, Dalton. O personagem. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.07.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias

Ilustração: Ilustração de Yllen Kerr, s/n, s/d.

*

LINHARES, Temístocles. Presença de Kafka. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.08-09.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Alemanha; Ensaio; Literatura

Notas de resumo:

Segunda parte do ensaio escrito por Temístocles Linhares. O crítico analisa os temas recorrentes na obra do criador de "A metamorfose" como a angústia e pensamentos sádicos.

Autores Citados: GROETHUYSEN; KAFKA, Franz;

Iconografias:

Reprodução: Reprodução dos desenhos de Kafka, s/n, s/d.

*

Armando Lins. A guerra não está pensando na produção dos novos. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.09.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Brasil; Discurso; Literatura; Movimento

Notas de resumo:

Depoimento de Armando Lins à revista em relação às tendências da nova geração, destaque na prosa e na poesia, além dos mestres da nova geração, a posição política, entre outros.

Autores Citados: ANDRADE, Oswald de; BROMFIELD, Louis; EINSTEIN, Albert;

*

XISTO, Pedro. Brinde. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.09.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

TREVISAN, Dalton. Um jantar. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.11-12.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Duas gravuras de Guido Viaro, s/d.

*

POTY, . Joaquim em Paris. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.12.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Artes plásticas; França; Informes

Notas de resumo:

Poty Lazarotto relata aos leitores da revista como foi a experiência na exposição "Surrealista internacional" na Galerie Maeglet e sua ida a Milão.

Autores Citados: CALDER; DALI, Salvador; DAUMIER; GALILEU; PIERI, P. C.; VINCI, Leonardo da;

*

Joaquim. Inquérito sobre pintura. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.12-13-14/18.

Vocabulário controlado: DEBATE

Palavras-Chave: Artes plásticas; Paraná; Polêmica

Notas de resumo:

A revista "Joaquim" convidou alguns pintores a responderem 10 perguntas sobre o estado da pintura no Paraná. São eles: E. Blasi Jor. E Nilo Prividi.

Autores Citados: BAKUN, Miguel; GRACIANO, Clovis; GUIGNARD, Alberto da Veiga; MATOS, Gramiro de; PANCETTI; PORTINARI, Candido; POTY, ; SILVA, Francisco Manuel da; VIARO, Guido Pellegrino;

Iconografias:

Ilustração: Duas ilustrações s/a, s/n, s/d.

*

LOANDA, Fernando Ferreira. Poema de Celme. Joaquim, n.º.13, set. 1947, p.14.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo:

Obs.: Trecho de um texto não datado de Tristão de Athayde.

Iconografias:

Publicidade: Joalheria Rocha, Camisaria Pinheiro, tipografia Jão Haupt & Cia, Sorveteria Polar, Relojoaria Raeder, Bar Triangulo, casa Eduardo, Tarobá, Lisobarba e Organização Sulas.

Ilustração: Ilustração de Lea Botteri, s/n, s/d.

*

IVO, Lêdo. Soneto Selvagem/ Soneto de Abril/ Soneto do sempre e do agora.. Joaquim, n°.13, set. 1947, p.17.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Silvia Viana, s/n, s/d.

*

LAUS, Harry. Geração que acredita no artesanato. Joaquim, n°.13, set. 1947, p.18.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Arte; Brasil; Polêmica

Notas de resumo:

A revista "Joaquim" convidou alguns pintores a responderem 10 perguntas sobre o estado da pintura no Paraná e os comentários de Harry Laus iniciaram as publicações na revista.

Autores Citados: ANDRADE, Maria Julieta Drummond de; ASSIS, Machado de; DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch; GIDE, André; GORKI, Máximo; IVO, Lêdo; JOYCE, James; MAUPASSANT, Guy de; PAPINI, Giovanni; PROUST, Marcel; SARTRE, Jean-Paul; TCHEKHOV, Anton Pavlovitch; WOOLF, Virginia;

Iconografias:

Publicidade: Indicador profissional de Médicos: Dr. Carlos Heller, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Felisberto . Farracha, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Jorge Karam, Dr. José Weniger, Prof. Dr. Leonidas Ferreira, Dr. Gastão Pereira da Cunha e Dr. Laertes Munhoz. Chapelaria Central, Livraria Pedro Lapalu Deffés e Fábricas João Evaristo Trevisan.

*

KERR, Yllen. . Joaquim, n°.14, out. 1947, p.01.

Vocabulário controlado: CAPA

*

MARANHÃO, Haroldo. Viagem. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.05.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

Raul Lozza. Carta aberta a Monteiro Lobato. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.02-03.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Crítica; Ideologia; Literatura

Notas de resumo:

Raul Lozza escreve um texto no qual critica Monteiro Lobato por ele relacionar o Modernismo Brasileiro ao Nazismo. Afirma que, com esta

atitude o escritor brasileiro deixa de lado todo o processo histórico e humano que o movimento proporcionou ao país.

Autores Citados: LOBATO, Monteiro; PICASSO, Pablo; VINCI, Leonardo da;

Iconografias:

Publicidade: Livraria Universitária, Confeitaria Tinguí, Irmãos Thá, Papelaria Requião e Prosdócimo & Cia. Ltda.

*

PONTY, Maurice Merleau. Romance e metafísica. O futuro do romance. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.04.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-Chave: Contemporâneo; Ensaio; Filosofia; Literatura

Notas de resumo:

O ensaio aborda a estreita relação que filosofia e literatura tiveram nos últimos tempos, principalmente, em relação à mudança na concepção de metafísica.

Autores Citados: DESCARTES, René; PASCAL, Blaise; PÉGUY, Charles;

*

Alex Micha. . Joaquim, n°.14, out. 1947, p.04.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Contemporâneo; Discurso; Literatura

Notas de resumo:

O autor expôs quais eram as questões inquietantes para ele naquele momento em relação à literatura.

Obs.: Tradução de e seleção de B. P. M., não há outra indicação do nome do tradutor.

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Renna, d/n, s/d.

*

Aníbal Machado. MACHADO, Aníbal. Sol retroativo. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.04.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

DUTRA, Valtencir. O reacionarismo do Sr. Gustavo Corção. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.05.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Crítica; Escritor; Literatura

Notas de resumo:

Waltensir Dutra responde aos ataques de Gustavo Corção à revista Joaquim. O reacionário, segundo ele, não simpatizou com o periódico e

os criticou por defenderem ou difundirem o que ele chamou de "perigo da mistificação do existencialismo", lendo apenas um número.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; CORÇÃO, Gustavo; LIMA, Alceu Amoroso; LINHARES, Temístocles; MARTINS, Wilson; SARTRE, Jean-Paul; SILVA, Francisco Pereira da;

*

PAES, José Paulo. Blues para Fats Waller. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.06.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

HQ/Charge: A luz da outra casa de Poty Lazarotto, s/d.

*

LOANDA, Fernando Ferreira. Dilema Avoengo. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.06.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

MARTINS, Wilson. Primeiras considerações sobre o contista Dalton Trevisan. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.07.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Palavras-Chave: Contemporâneo; Conto; Crítica; Paraná

Notas de resumo:

Em uma breve apresentação Wilson Martins deixa suas primeiras impressões sobre os contos de Dalton Trevisan. Ele afirma que o contista é prodígio e que logo se tornará um dos maiores no Brasil.

Autores Citados: CAVALCANTI, Valdemar; JOYCE, James; KAFKA, Franz; LINS, Álvaro; MANSFIELD, Katherine; MAUPASSANT, Guy de; PROUST, Marcel;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração, s/a, s/n, s/d.

*

PINTO, Armando Ribeiro. Fábula n°. 2. Joaquim, n°.14, out. 1947, p.08-09.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

Obs.: Chamada para o II Congresso Brasileiro de Escritores em Belo Horizonte.

.

Iconografias:

Ilustração: Yllen por Yllen, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. My darling Katherine (Mansfield). Joaquim, n.º.14, out. 1947, p.10.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Renina Katz, s/n, s/d.

*

LINHARES, Temístocles. Presença de Kafka. Joaquim, n.º.14, out. 1947, p.11.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Contemporâneo; Ensaio; Literatura

Notas de resumo:

Última parte do ensaio escrito por Temístocles Linhares. O crítico analisa os temas recorrentes na obra do criador de "A metamorfose" como a angústia e os pensamentos sádicos. E ao final vai acrescentar a relação conturbada que o mesmo tinha com seu pai e a religião e como isso refletiu em sua literatura.

Autores Citados: BROD, Max; CAMUS, Albert; KAFKA, Franz; KIERKEGAARD, Soren; KLOSSOWSKI, Pierre;

*

KAFKA, Franz. O só em Kafka. Do livro Contemplação de Kafka. Joaquim, n.º.14, out. 1947, p.12-13.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo:

O autor afirma que os jovens tem um papel importante para marcar conflitos entre gerações, pois essa procura que ele disse ser "insatisfeita" sempre traz contribuições importantíssimas para as discussões intelectuais.

Autores Citados: ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ARANHA, Graça; ASSIS, Machado de; BOPP, Raul; CRUZ, Estevão; HEIDEGGER, Martin; KIERKEGAARD, Soren; LENIN, Vladimir Ilitch; LOBATO, Monteiro; MARX, Karl; MEDEIROS, Maurício de; SARTRE, Jean-Paul; TREVISAN, Dalton;

Iconografias:

Publicidade: Joalheria Rocha.

Reprodução: Reprodução dos manuscritos de Franz Kafka, s/n, s/d.

*

BARROSO, Antônio Girão. Os moços diante dos mais velhos. Joaquim, n.º.14, out. 1947, p.15.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Contemporâneo; Escritor; Literatura; Movimento

Iconografias:

Publicidade: Camisaria Pinheiro, Dr. Di Pino, Chapelaria Kosmos, Dr. Ary Miranda, Dr. Mathias Piechnik Filho e Dr. James Ross, Livraria Pátria, Dr. Rigotti Alice, Casa Tupan, Relojoaria Raeder e Codega & Cia.

*

TREVISAN, Dalton. O bem amado. Joaquim, n.º.14, out. 1947, p.16-17.
Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Mãe e filha de Vespeira, s/d.

*

LAUS, Harry. 3ª Carta do nordeste. Joaquim, n.º.14, out. 1947, p.18-19-20

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Cartas; Cidade; Leitor

Notas de resumo:

Nesta carta, Laus descreve a cidade do Recife as principais paisagens, costumes e impressões aos leitores e redatores da revista "Joaquim".

Iconografias:

Publicidade: Indicador profissional de médicos: Dr. Oswaldo Faria da Costa, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Bernardo Leinig, Dr. José Weniger, Prof. Dr. Leonidas Ferreira e advogado Dr. Alcides V. Arco-Verde. Organização "Sulas" Ltda e Livraria Aurora.

*

Joaquim. Revista de livros. Joaquim, n.º.14, out. 1947, p.18.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Contemporâneo; Informes; Literatura

Notas de resumo:

Nessa nota a revista indica livros que circulam naquele momento e, também, há informações sobre outras revistas literárias que surgiam ou estavam atuantes naquele momento.

Autores Citados: ALVES, Oswaldo; ANDRADE, Mário de; CAMERINI, Enrico; BRANDÃO, Jaques do Prado; CARONE, Edgard; FIGUEIREDO, Wilson; JURANDIR, Dalcídio; LIMA, Alceu Amoroso; MARANHÃO, Haroldo; MILLIET, Sérgio; MOTA, Dantas; NEME, Mario; PELLEGRINO, Hélio; REBELO, Marques; RICARDO, Cassiano; SILVA, De Plácido e; VERÍSSIMO, Érico; WEISSMANN, Franz; WILHEIM, Jorge;

*

Joaquim. Wilson Martins segue para a França. Joaquim, n.º.14, out.

1947, p.18.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Escritor; Informes; Viagem

Notas de resumo:

Nota sobre a viagem de Wilson Martins a Paris, em virtude da sua premiação pela Divisão Cultural da Embaixada da Francesa do Brasil.

Autores Citados: MARTINS, Wilson;

*

CAVALCANTI, Di. . Joaquim, nº.15, nov. 1947, p.01-02-03.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Caixa Econômica Federal, Louvre rei das sedas, Joalheria Rocha, camisaria Pinheiro, Madeira Codega & Cia, Drogeria Stellfeld, Livraria Brasil, Relojoaria Raeder, Chapelaria Central, Tarobá, Armazém "Itá", Moveis Cimo e Armazém Emílio Romani & Cia.

*

TREVISAN, Dalton. A mameluca. Joaquim, nº.15, nov. 1947, p.05.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Reprodução: Dom Quixote de Dali, s/d.

*

BEAUVOIR, Simone de; LAUS, Harry. História contemporânea. Joaquim, nº.15, nov. 1947, p.06-07.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Contemporâneo; Filosofia; História; Literatura

Notas de resumo:

"História contemporânea" coluna que informava os leitores sobre assuntos de cunho político, literário e artístico, além de ser usado para chamadas temáticas. Nesse número a revista se dedica a temática do existencialismo com um texto de Simone de Beauvoir, um texto sobre o teatro e notícia do II Congresso Brasileiro de escritores.

[Obs.: Há nesta coluna um informe sobre o Congresso Brasileiro de Escritores, bem como as regras que regem o mesmo].

Autores Citados: CERVANTES, Miguel de; DANTE; DEDALUS, Estevám; DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch; GOMES, Carlos; GOYA, (Francisco José de); HEIDEGGER, Martin; JOYCE, James; KAFKA, Franz; MANOLL, Michel; VIANA, Renato;

Iconografias:

Reprodução: Quixote e Sacho de Daumier, s/d.

*

PINTO, Armando Ribeiro. A montagem no cinema. Joaquim, n°.15, nov. 1947, p.08-09.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Contemporâneo; Ensaio; Teatro

Notas de resumo:

O autor, ao longo do ensaio, discute a questão da montagem no cinema e de como ela é trabalhada nele.

Autores Citados: MALRAUX, André; PUDOVKIN, V. I.;

*

SANCHEZ, Homero. Marina/Natureza muerta. Joaquim, n°.15, nov. 1947, p.09.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Yllen, s/n, s/d.

*

José Lins do Rego. REGO, José Lins do. Joaquim. Joaquim, n°.15, nov. 1947, p.09.

Vocabulário controlado: CARTAS DO LEITOR

Palavras-Chave: Cartas; Escritor; Leitor

Notas de resumo:

Na carta enviada a Joaquim, José Lins do Rego parabeniza a revista que, a seu ver, tem uma "capacidade mais analítica do que lírica".

Autores Citados: KAFKA, Franz; REGO, Costa; WHITMAN, Walt;

*

MENDES, Murilo. Depoimento de Murilo Mendes. Joaquim, n°.15, nov. 1947, p.10.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Arte; Contemporâneo; Crítica; Literatura

Notas de resumo:

A revista faz um questionário a Murilo Mendes sobre a situação da literatura, as tendências da nova geração, poesia e verso fixo e os mestres da nova geração.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; APOLLINAIRE, Guillaume; BLOY, Léon; CARDOSO, Lúcio; CHOPIN; DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch; FARIA, Octávio de; JASPERS, Karl; KIERKEGAARD, Soren; LIMA, Jorge de; LIMA, Alceu Amoroso; LORCA, Federico García; PÉGUY, Charles; MARITAIN, Jacques; NIETZSCHE, Friedrich; PESSOA, Fernando; PASCAL, Blaise; REBELO, Marques; RILKE, Rainer Maria; RIMBAUD, Arthur; SARTRE, Jean-Paul; SCHMIDT, Augusto Frederico; STRAVINSKY, Igor;

Iconografias:

Ilustração: Lavadeira de Poty Lazarotto, s/d.

*

Vinicius de Moraes. MORAES, Vinicius de. Balada do Manguê. Joaquim, n.º.15, nov. 1947, p.11.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ponte-sêca de Poty Lazarotto, s/d.

*

Dalton Trevisan. TREVISAN, Dalton. Rachel. Joaquim, n.º.15, nov. 1947, p.12-13-14-15.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustrações de E. Blasi Jor. s/n, s/d.

*

RILKE, Rainer Maria. Dois trechos de Rilke. Joaquim, n.º.15, nov. 1947, p.16.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

José Paulo Paes. PAES, José Paulo. Poema. Joaquim, n.º.15, nov. 1947, p.16.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

Edmur Fonseca. Orfeu. Joaquim, n.º.15, nov. 1947, p.16.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

Joaquim. Orfeu. Joaquim, n.º.15, nov. 1947, p.16/18.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Arte; Contemporâneo; Informes; Literatura

Notas de resumo:

A revista dedica uma nota para parabenizar a estreia da revista "Orfeu". Ela conta com a participação de Lêdo Ivo, Wilson Martins, Waltensir Dutra, Terezinha Eboli.

Autores Citados: ARMANDO, Paulo; CAMPOS, Paulo Mendes; DAMASCENO, Darcy; DUTRA, Valtencir; IVO, Lêdo; MARTINS, Wilson; LANGE, Norah; MEDEIROS, Anísio; MOTA, Dantas; REIS, Marcos Konder; RUBIÃO, Murilo; SILVA, Francisco Pereira da; SILVEIRA, Joel; VERGARA, Telmo;

Iconografias:

Reprodução: Gide, s/a, s/n, s/d.

*

Joaquim. Revista de Livros. Joaquim, n°.15, nov. 1947, p.16.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Informes; Literatura; Livros

Notas de resumo:

Coluna dedicada a informar o leitor sobre as obras que estava circulando naquele momento. Dentre os livros citados encontra-se “As cidades e os anos” de Constantin Fedin, “Poetas do Brasil” com organização de Roger Bastide, “Virtude Selvagem” de M. K. Rawlings e o Mestilo de Lídia Besouchet.

Autores Citados: DANTAS, Souza;

*

O'NEILL, Eugène. Teatro de O'Neill. Joaquim, n°.15, nov. 1947, p.17.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Casa do Estudante do Brasil, Colégio Rio Branco, Fábricas de Tinta Paraná, Organização Sulas e Fábricas João Evaristo Trevisan. Indicador de médicos: Dr. Tarcilo Gazire, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Bernardo Leinig. Dr. José Weniger. Advogado Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho.

*

POTY, . Joaquim, n°.16, fev. 1948, p.01-02-03-04.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Caixa Econômica Federal, Fábrica de Tintas Paraná, Pianos Essenfelder, Joalheria Rocha, Camisaria Pinheiro, Dr. Di Pino, Madeiras Codega & Cia, Dr. Ary Miranda, Companhia Força e Luz do Paraná, Papelaria Requião, Livraria Pátria, Colégio Novo Ateneu.

*

Marcel Arland. André Gide. Joaquim, n°.16, fev. 1948, p.05-06/09.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Escritor; Liberdade; Moral; Obra

Notas de resumo:

O ensaio, escrito por Arland, foi publicado quando Gide completara 60 anos. Ele faz uma retrospectiva da obra do autor francês aos seus estudiosos.

Autores Citados: GIDE, André; GOETHE, Johann Wolfgang von; ROUSSEAU, Jean-Jacques;

*

LINHARES, Temístocles. O romance puro e André Gide do "Mopsus". Joaquim, n°.16, fev. 1948, p.08-09.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Contemporâneo; França; Romance

Notas de resumo:

No ensaio Linhares discute se existe ou não um romance puro a partir da obra de André Gide.

Autores Citados: BALZAC, Honoré de; DESCARTES, René; FERNANDEZ, Ramon; FIELDING, Henry; LIMA, Alceu

Amoroso; FREUD, Sigmund; GARD, Roger Martin du; MASSIS, Henri; MERIMÉE, De; GIDE, André; RACINE, Jean;

RICHARDSON, Samuel; SHAKESPEARE, William; STENDHAL; THIBAUDET, Albert;

*

GIDE, André. Poemes D'André Gide. Joaquim, n°.16, fev. 1948, p.10.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. O rapaz da gravata de borboleta. Joaquim, n°.16, fev. 1948, p.11-12.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

CASSOU, Jean. . Joaquim, n°.16, fev. 1948, p.12.

Vocabulário controlado: INFORME - Literatura

Palavras-Chave: França; Informes; Obra

Notas de resumo:

O ensaio trata sobre a importância da obra de André Gide para a literatura.

Obs.: Na mesma página há uma citação de Gide "Teses gideanas" "É com bons sentimentos que se faz a pior literatura. Não há obra de arte sem colaboração do demônio".

Autores Citados: GIDE, André; MONTAIGNE, Michel de; NIETZSCHE, Friedrich; RIMBAUD, Arthur;

*

HYTIER, Jean. A obra poética. Joaquim, n°.16, fev. 1948, p.12.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-Chave: Absurdo; Heterogeneidade; Obra

Notas de resumo:

Nessa resenha, Hytier defender o pensamento de que Gide tem uma obra heterogênea e variada ao mesmo tempo.

Autores Citados: GIDE, André;

*

PINTO, Armando Ribeiro. Imagem e palavra. Joaquim, n.º.16, fev. 1948, p.13-14.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Cinema; Imagem; Movimento

Notas de resumo:

No ensaio, Armando Ribeiro Pinto defende a ideia de um cinema puro. Para ele, a obra cinematográfica só pode ser fiel a ela mesma.

Autores Citados: ASSIS, Francisco de; BOSCH, Hieronimus; BOTTICELLI; BREUGHEL; CENDRARS, Blaise; CERVANTES, Miguel de; DELLUC, Louis; EISENSTEIN, Sergei M.; GIDE, André; GIOTTO; HUXLEY, Aldous; JOYCE, James; MORAES, Vinícius de; MOUSSINAC, León; NOBRE, Roberto; PASSOS, John dos; PROUST, Marcel; PUDOVKIN, V. I.; PUSHKIN, Aleksander Sergeievitch; REMBRANDT; VINCI, Leonardo da;

*

FERNANDEZ, Ramon. Valores Gideanos. Condensação de um estudo de Ramon Fernandez. Joaquim, n.º.16, fev. 1948, p.14.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Ensaio; Escritor; Literatura; Obra

Notas de resumo:

O ensaio demonstra como o valor da vida é central na obra de Gide.

Iconografias:

Publicidade: Colégio Rio Branco.

*

GIDE, André. Do "Journal". Joaquim, n.º.16, fev. 1948, p.15-16-17.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Foto: De André Gide, Jacques Rivière, Roger Martin Du Gard e Jean Schlumberger.

Publicidade: Indicador Profissional de Médicos: Prf. Dr. Leonidas Ferreira, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Bernardo Leinig, Dr. Faustino Fávaro. Advogados: Dr. Laertes Munhoz, Dr. Mathias Piechnik Filho, Dr. James Ross e Dr. Manoel De Oliveira Franco Sobrinho. Irmãos Thá e Escola técnica de Comércio "DE Plácido E Silva", Casa Moacyr, Livros Pedro Lapalu Deffés, Armazéns Emílio Romani & Cia, Livraria Ghignone, Casa Aurora, Fábricas Evaristo Trevisan e Restaurante Elite.

*

Yllen Kerr. KERR, Yllen. . Joaquim, n.º.17, mar. 1948, p.01-02-03-04.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Alfaiataria Americana, Armazéns Emílio Romani & Cia, Moveis Cimo, Relojaria Raeder, Casa Aurora, Restaurante Elite, Irmãos Thá, Organização "Sulas" Ltda., Camisara Pinheiro, Livraria Universitária, Colégio Novo Ateneu, Livraria Pátria, Tarobá, Papelaria Normalista. Indicador médico: Dr. Mathias Piechnick e Dr. James Ross, Prof. Dr. Leonidas Ferreira, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Carlos Heller, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Bernardo Leinig, Dr. Tacilio Gazíre e Dr. Oswaldo Faria da Costa.

*

TREVISAN, Dalton. Cavalinas. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.05.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

Joaquim. Revista. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.05.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Informes; Literatura; Movimento; Política

Notas de resumo:

Na edição 17 a coluna "Revista" traz comentários sobre o fim do Surrealismo na Europa, o movimento Quixote e uma carta de Félix Souza sobre a indecisão e silenciamento diante da política atual.

Autores Citados: BATAILLE, Georges; DIAS, Gonçalves; MALLARMÉ, Stéphane; ELUARD, Paul; PAULHAN, Jean; HUGO, Victor; SARTRE, Jean-Paul; SOUZA, Afonso Félix de; UNAMUNO, Miguel de;

*

TREVISAN, Dalton. Poty em Paris. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.06-07.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Comportamento; Europa; Guerra; Pintura

Notas de resumo:

Entrevista concedida por Poty depois de seu regresso a Curitiba. O pintor informa como se encontra o cenário europeu pós-guerra e como são as escolas de arte por onde teve a oportunidade de passar.

Iconografias:

Ilustração: Ilustração s/a, s/n, s/d.

*

SARTRE, Jean-Paul. Le Sursis. Trecho do romance. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.07.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

LINHARES, Temístocles. Depoimento de Temístocles Linhares. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.08-09.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Crítica; Escritor; Literatura; Movimento; Política

Notas de resumo:

Depoimento de Temístocles a revista Joaquim em relação às novas tendências na literatura e nas artes, o lugar da crítica, posição política do autor, os mestres da atualidade, entre outros.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; CAMUS, Albert; IVO, Lêdo; RAMOS,

Graciliano; THIBAUDET, Albert;

Iconografias:

Ilustração: S/a, s/n, s/d.

*

Raúl Lozza. Poema inventado n° 06/ Poema inventado n° 09. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.09.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

GERSEN, Bernardo. Depoimento de Bernardo Gersen. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.10.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Intelectual; Literatura; Movimento; Política

Notas de resumo:

Depoimento de Gersen a revista Joaquim sobre as novas tendências na literatura e nas artes, o lugar da crítica, a posição política do autor, os mestres da atualidade, entre outros.

Autores Citados: AMADO, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; APOLLINAIRE, Guillaume; ARAGON, Louis; BAUDELAIRE, Charles; CARDOSO, Lúcio; CLAUDEL, Paul; DOSTOIÉVSKI, Fiódor; MIKHÁILOVICH; ELUARD, Paul; ENGELS, Friedrich; FAULKNER, William; FLAUBERT, Gustave; GIDE, André; GREEN, Julien; HARDY, Thomas; HEMINGWAY, Ernest Miller; JOYCE, James; KAFKA, Franz; LINS, J.; MALLARMÉ, Stéphane; MANSFIELD, Katherine; MARITAIN, Jacques; MARX, Karl; MENDES, Murilo; MORAES, Vinícius de; PÉGUY, Charles; RAMOS, Graciliano; RILKE, Rainer Maria; RIMBAUD, Arthur; SAINT-BEUVE; STENDHAL; TOLSTÓI, Leon; VIEIRA, José Geraldo; WHITMAN, Walt; WOOLF, Virginia;

*

Manuel Bandeira. BANDEIRA, Manuel. Rondó do Atribulado do Tribobó. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.11.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Reprodução: Reprodução de uma foto de Bandeira, s/a, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. Terra. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.12-13.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

IVO, Lêdo. A contemplação. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.13.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Yllen Kerr, s/n, s/d.

*

MARTINS, Wilson. Primeiras imagens de Paris. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.14.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-Chave: Crítica; França; Viagem

Notas de resumo:

Carta de Wilson Martins a revista na qual relata suas primeiras impressões em relação a Paris.

Autores Citados: BALZAC, Honoré de; CAVALCANTI, Di; HUGO, Victor; PASTEUR, Louis; RODIN, Auguste;

*

Joaquim. Revista de livros. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.14/17.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Contemporâneo; Informes; Livros

Notas de resumo:

[Coluna Revista de livros] Coluna dedicada a sugestão de leitura de livros contemporâneos e de revistas literárias e culturais que circulavam na época.

Autores Citados: CARONE, Edgard; DUARTE, Paulo; FAORO, Raymundo; FERREIRA, Fernando; FILHO, Paulo Hecker; FISCHER, Almeida; KOESTLER, Arthur; PIRANDELLO, Luigi; RAMOS, Graciliano; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; REGO, José Lins do; REIS, Marcos Konder; RIVERA, Bueno; SARTRE, Jean-Paul; SILVA, Domingos Carvalho da; VIEIRA, José Geraldo;

*

PICASSO, Pablo. História Contemporânea. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.15-16.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Artes plásticas; Ensaio; Europa

Notas de resumo:

[Coluna História Contemporânea] Coluna dedicada a Picasso. Neste número o revista fez o recorte de uma fala do Pintor sobre arte Abstrata.

[Fragmentos de conversação recolhida por Christian Zervos e publicada no volume, "Picasso - 1930-35" Cahiers d'Art, Paris].

Autores Citados: STEIN, Gertrude;

Iconografias:

Reprodução: Reprodução de Picasso, s/n, s/d.

Publicidade: Sete anos de pastor de Dalton Trevisan e ilustrações de Poty Lazarotto, Edições Joaquim, s/d.

*

LAUS, Harry. Carta do nordeste. Joaquim, n°.17, mar. 1948, p.17.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Advogados: Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, Alcides V. Arco-Verde, Chapelaria Central, Pianos Essenfelder, Azeite de Amendoim Fanadol, Casa Alumínio, Bar Triangulo, Maison Blanche, Livrarias Ghignone, Livraria Brasil, Joalheria Rocha, Fábricas João Evaristo Trevisan e Dr. Jorge Karam.

*

OSTROWER, Fayga. . Joaquim, n°.18, maio 1948, p.01-02.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Indicador profissional médico: Dr. Gastão Pereira da cunha, Dr. Carlos Heller, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Bernardo Leinig, Dr. Rigotti Alice, Dr. Felisberto A. Farracha e Dr. Faustino Fávaro. Tarobá revendedores e Organização "Sulas".

*

TREVISAN, Dalton. Revista. Em homenagem a todos os Joaquims do Brasil. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.03.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Crítica; Ensaio; Literatura

Notas de resumo:

[Coluna Revista] Coluna dedicada, especialmente, a recortes da Joaquim número 02,07 e 09. Estes recortes são em relação à literatura reacionária e ao fim do Modernismo de 22.

Autores Citados: ALENCAR, José de; ANDERSEN, Hans Christian; ANDRADE, Carlos Drummond de; ARAGON,

Louis; COCTEAU, Jean; LOPES, Bernardino da Costa; MAGALHÃES, Paulo de; MILLIET, Sérgio; MENEZES, Emílio de; PERNETA, Emiliano; RILKE, Rainer Maria; SOUZA, Cruz e;

*

PIMENTEL, Cyro; RÉGIO, José; RODRIGUES, Geraldo Pinto; SILVA, Domingos Carvalho da. Manifesto dos novíssimos.

Joaquim, n°.18, maio 1948, p.04.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Manifesto; Poesia; São Paulo

Notas de resumo:

O Manifesto dos Novíssimos foi escrito no do I Congresso Paulista de Poesia pelos então participantes.

Autores Citados: ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; KOPKE, Jayme; MILLIET, Sérgio; RIVERA, Bueno;

*

PAES, José Paulo. Post-modernismo. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.05.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Ensaio; Movimento; Pós-modernismo

Notas de resumo:

José Paulo Paes alerta sobre o uso do termo post-modernismo como uma simples designação cronológica. E alega que essa geração, representada por Drummond, é mais livre, mas que não há um lugar comum a todos.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; COSTA, Sosígenes; MENDES, Murilo; PASSOS, Jacinta;

SCHMIDT, Augusto Frederico;

*

KERR, Yllen; POTY, . Bandeira em Paris/ Um Hamlet de óculos. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.05.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Brasil; Escritor; Informes

Notas de resumo:

Há duas notas nesta página, uma sobre o pintor Antonio Bandeira e outra sobre Sergio Cardoso.

Autores Citados: BANDEIRA, Antônio; CARDOSO, Sérgio;

*

VIARO, Guido Pellegrino. Viaro. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.06.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Trapiche de Guido Viaro, s/d.

*

CARPEAUX, Otto Maria. Uma, duas, três dificuldades da crítica

literária. Especial a Joaquim. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.07/18.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Literatura

Notas de resumo:

Neste ensaio, Otto Maria Carpeaux afirma quais são as dificuldades da crítica literária, de se estabelecer: intenção dentro da obra e o valor.

Autores Citados: ARISTÓTELES, ; DANTAS, Souza; HEBBEL, Friedrich; HUSSERL, Edmund; JAMES, Henry; JOHNSON, Samuel; MALRAUX, André; NIETZSCHE, Friedrich; SAINT-BEUVE;

*

IVO, Lêdo. O soneto da tarde. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.08.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Lea Boterri, s/n, s/d.

*

SOUZA, Afonso Félix de. Soneto 6. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.08.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

Glauco Flôres de Sá Brito. BRITO, Glauco Flôres de Sá. Mote. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.08.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

BAIRÃO, Reinaldo. "Por causa de uma renúncia acatada". A Manuel Bandeira. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.08.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

FONSECA, José Paulo Moreira da. mediterrâneo Cézanne. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.08.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

COSTA, Sosígenes. A história dos meus cabelos. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.09.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

Edson Régis. Angústia no cais do porto. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.09.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

DUTRA, Valtencir. O vulto. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.09.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

Edmur Fonseca. Composição do poema. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.09

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Lea Boterri, s/n, s/d.

*

Temístocles Linhares. LINHARES, Terezinha. Antecipação sobre um contista. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.10-11.

Vocabulário controlado: RESENHA

Palavras-Chave: Conto; Crítica; Escritor; Paraná

Notas de resumo:

Temístocles Linhares analisa o livro "Sete anos de pastor" que Dalton Trevisan lançou naquele ano. O crítico seleciona alguns contos e a partir disso observa algumas questões como a diferente estrutura dos contos do autor e a ligações com Mansfield.

Autores Citados: GREEN, Julien; MANSFIELD, Katherine; PONTY, Maurice Merleau; TREVISAN, Dalton;

*

Dalton Trevisan. TREVISAN, Dalton. Ponto de crochê. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.12-13.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Katz, s/n, s/d.

*

MALRAUX, André. Faulkner. Joaquim, n°.18, maio 1948, p.13.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Notas de resumo:

Malraux afirma que é presente na obra de Faulkner a ausência de uma intriga e um mínimo de verossimilhança.

Autores Citados: BALZAC, Honoré de; BAUDELAIRE, Charles; DICKENS, Charles; DOSTOIÉVSKI, Fiódor

Mikháilovitch; FAULKNER, William; FLAUBERT, Gustave; LAWRENCE, D. H.; NIETZSCHE, Friedrich; PICASSO, Pablo; POE, Edgar Allan;

Iconografias:

Publicidade: Camisaria Pinheiro, Dr. Di Pino, Dr. Mathias Piechnik Filho e Dr. James Ross. Advogado: Dr. Laertes, Irmãos Thá, Colégio Novo Ateneu, Bar Triangulo, Maison Blanche, Casa Aurora e Livraria Pátria.

*

Joaquim. Revista de Livros. Joaquim, n.º.18, maio 1948, p.16/18.

Vocabulário controlado: INFORME

Notas de resumo:

[Coluna Revista de Livros] Coluna dedicada a apresentar os livros que estavam a circular naquele momento.

*

BARRAULT, Jean-Louis; GIDE, André. Assim começa no teatro "O processo" de Kafka. Joaquim, n.º.18, maio 1948, p.17-

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Publicidade: Fábricas João Evaristo Trevisan, Armazéns Emilio Romani & Cia, Relojoaria Raeder, Livraria Brasil, dr. Ary Miranda (dentista), Moveis

Cimo, Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho (advogado), Dr. Jorge Karam (médico) e Azeite de Amendoim Fanadol.

*

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O futebol e o caráter dionisíaco do brasileiro. Joaquim, n.º.18, maio 1948, p.15-16.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Cultura; Ensaio; Futebol

Notas de resumo:

Queiroz abordou a questão do futebol como cultura no Brasil. Segundo ela, o futebol brasileiro é dionisíaco ao fugir dos limites impostos, afastando-se, um pouco, do futebol que veio da Inglaterra.

Autores Citados: BENEDICT, Ruth; FILHO, Mário; FREYRE, Gilberto;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

POTY, . Joaquim, n.º.19, jul. 1948, p.01-02-03-04.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Caixa Econômica Federal, Livraria Universitária, Fábricas de tintas Paraná, camisaria Pinheiro, Dr. Di Pino, Confeitaria Tinguí, Casa Aurora, Alfaiate Fontoura, Casa Modelo, Irmãos Thá, Acides V. Arco-Verde advogado, Dr. Rigotti Alice cirurgião dentista, Dr. Mathias Pichnick. Indicador profissional: Dr. Gastão Pereira da Cunha, Dr. Carlos Heller, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Antenor Pupo, Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Bernardo Leinig, Prof. Dr. Leonidas Ferreira, Dr. Oswaldo Faria da Costa. Tarobá e Organização "Sulas"

*

Joaquim. Revista. Joaquim, n.º.19, jul. 1948, p.05-06.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Literatura; Movimento

Notas de resumo:

A coluna traz recortes de textos de Edmur Fonseca, Oswald de Andrade, Antonio Candido, Lêdo Ivo, Álvaro Lins e Sérgio Milliet que discorrem sobre quais foram as conquistas de 22 e no que elas se desdobraram. Além disso, a estagnação da literatura e o artista como obra de arte são temas discutidos também.

Obs.: Os textos de entrevista são montagens feitas por Dalton Trevisan.

Autores Citados: ALMEIDA, Guilherme de; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Maria Julieta Drummond de; ANDRADE, Mário de; ASSIS, Machado de; AZEVEDO, Aluísio; BASTIDE, Roger; CANDIDO, Antonio; FAUSTINO, Mário; IVO, Lêdo; LIMA, Jorge de; LINS, Álvaro; MARANHÃO, Haroldo; MACHADO, António de Alcântara; MARTINS, Wilson; MENDES, Murilo; MILLIET, Sérgio; PELLEGRINO, Hélio; PICCHIA, Menotti del; PORTINARI, Candido; RAMOS, Graciliano; REGO, José Lins do; RIVERA, Guilherme Rodrigues; SETUBAL, Paulo;

Iconografias:

Foto: Foto de Mário de Andrade, s/d.

*

SOUZA, Afonso Félix de. Depoimento de Afonso Felix de Souza. Joaquim, n.º.19, jul. 1948, p.07-08.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Contemporâneo; Escritor; Literatura; Movimento

Notas de resumo:

Coluna fixa de entrevista de intelectuais em relação a geração dos "novos". Dentre as perguntas recorrentes observa-se a situação do metro na poesia, mestres da nova geração, dever político do intelectual, etc.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; BALZAC, Honoré de; BANDEIRA, Manuel; DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch; ELIOT, T. S.; ENGELS, Friedrich; HUGO, Victor; LORCA, Federico García; MALLARMÉ, Stéphane; MARX, Karl; MENDES, Murilo; MORAES, Vinícius de; NERUDA, Pablo; NIETZSCHE, Friedrich; PESSOA, Fernando; RILKE, Rainer Maria; RIMBAUD, Arthur; SCHIMIDT, Frederico; TOLSTÓI, Leon; VERLAINE, Paul; WHITMAN, Walt;

Iconografias:

Ilustração: Retrato de Silva de Yllen Kerr, s/n, s/d.

*

Leonor Botteri. . Joaquim, n°.19, jul. 1948, p.09.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Poty, s/n, s/d.

*

VIARO, Guido Pellegrino. Guido Viaro. Joaquim, n°.19, jul. 1948, p.10.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Artes plásticas; Contemporâneo; Paraná

Notas de resumo:

Viaro responde na entrevista quem são os representantes de uma arte nova em Curitiba e a importância de Poty aos "novos".

Autores Citados: ALENCAR, José de; CARPEAUX, Otto Maria;

DICKENS, Charles; DOSTOIÉVSKI, Fiódor

Mikháilovitch; POTY, ;

Iconografias:

Ilustração: Tentação de Sto. Antônio, s/n, s/d.

*

POTY, . Poty e a prata da casa. Joaquim, n°.19, jul. 1948, p.11.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Arte; Brasil; Contemporâneo; Europa

Notas de resumo:

Entrevista sobre a arte contemporânea na Europa, no Brasil e em Curitiba na visão de Poty, pintor paranaense que ganhou uma bolsa de estudos do governo da França.

Obs.: Entrevista publicada no primeiro número da Joaquim.

Autores Citados: BRAQUE, Georges; CESCHIATTI, Alfredo;

KOLLWITZ, Kathe; KUBITSCHEK, Juscelino; MATISSE, Henri;

PICASSO, Pablo; ROUAULT, Georges; UTRILLO, Maurice;

*

VIARO, Guido Pellegrino. Bakun. Joaquim, n°.19, jul. 1948, p.12-13.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Informes; Paraná; Pintura

Notas de resumo:

Informe de Guido Viaro sobre a apresentação da obra e da vida do pintor Miguel Bakun.

Autores Citados: BAKUN, Miguel; KATZ, Renina;

Iconografias:

Ilustração: Duas ilustrações s/a, s/n, s/d.

*

Gianfranco Bonfanti. De como não ensinar pintura. Joaquim, n°.19, jul. 1948, p.14-15.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Paraná; Pintura; Samba

Notas de resumo:

O ensaio relata a vida e obra do pintor Poty Lazarotto, nascido em Curitiba, que representa a geração dos "novos" para a revista Joaquim. E no outro texto, G. Bonfanti reflete sobre o que pode ser uma alternativa para mudar a maneira como ensinar pintura nas Belas Artes.

Autores Citados: OSWALD, Carlos; POTY, ;

Iconografias:

Ilustração: Paisagem de Poty Lazarotto, s/d. Ilustração de Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

E. Blasi Jor.. Nilo Prividi. Joaquim, n°.19, jul. 1948, p.16.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Informes; Paraná; Pintura

Notas de resumo:

E. Blasi Jor. faz uma pequena introdução da obra de Nilo Prividi e tece elogios pela evolução na pintura do artista.

Iconografias:

Ilustração: Duas ilustrações, s/a, s/n, s/d.

*

N. do Prividi. Esmeraldo Blasi Jor.. Joaquim, n°.19, jul. 1948, p.17.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Arte; Informática; Paraná

Notas de resumo:

Nilo Prividi faz uma pequena introdução da obra de E. Blasi Jor. E afirma que Esmeraldo Blasi Jor. fará obras de importância no Brasil.

Iconografias:

Ilustração: Duas ilustrações s/a, s/n, s/d.

*

Joaquim. Revista de Livros. Joaquim, n°.19, jul. 1948, p.18-19-20.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Contemporâneo; Informes; Literatura

Notas de resumo:

[Revista de Livros] Coluna que tem como intenção divulgar e resenhar sobre livros que circulam no meio literário.

Autores Citados: ALMEIDA, Manuel Antônio de; BARRETO, Lima;

FAULKNER, William; GARCIA, José Godoy; GUINSBURG, Jacó; KOESTLER, Arthur; MEDEIROS, Aluízio; ORTIZ, Carlos; PIRANDELLO, Fausto; REBELO, Marques; RODRIGUES, Nelson; SARTRE, Jean-Paul; SHAW, G. B.; VERCEL, Roger;

Iconografias:

Publicidade: Armazéns Emílio Romani & Cia, Moveis Cimo, Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho (advogado), Dr. Jorge Karam (médico), Relojoaria Raeder, Livraria Brasil, Dr. Ary Miranda (médico), Azeite de Amendoim Fanadol e Fábricas Evaristo Trevisan.

*

PORTINARI, Candido. . Joaquim, n°.20, out. 1948, p.01-02-03-04.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Indicador de médicos: Dr. Gastão Pereira da Cunha, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Felisberto A. farracha, Dr. Carlos Heller, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Bernardo Leinig, Prf. Dr. Leonidas Ferreira, Dr. Laertes Munhoz, Dr. Ary Miranda, Dr. Jorge karam, Dr. Mathias Piechnick, Dr. Rigotti Alice e Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho (advogado). Tarobá, Loja Brasil, Armazéns Emílio Romani & Cia, Relojoaria Raeder, Livraria Brasil, Móveis Cimo, Cordeiro Cortes & Cia. Amisaria Pinheiro, Alfaiataria Americana, Casa Modelo, Pedro Lapalu Deffés, Casa Aurora, Instituto Forlanini.

*

ANDRADE, Carlos Drummond de; DUTRA, Valtencir; RIOSECO, Arturo Torres. Revista. Joaquim, n°.20, out. 1948, p.05-06.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Cinema; Ensaio; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

A coluna, a partir dos recortes de vários textos, informa e leitor sobre os temas abordados. [Informe sobre a abertura do Cinema de Curitiba].

Autores Citados: ALVES, Castro; ANDRADE, Mário de; CAVALLI; COSTA, Samuel Guimarães da; ELIOT, T. S.; GUERRA, José Augusto; GUIGNARD, Alberto da Veiga; JOYCE, James; PASSOS, Guimarães; PINTO, Armando Ribeiro; PORTINARI, Candido; RIVERA, Diego; SCHOENBERG, Arnold; SIQUEIROS, Alfano; STRAVINSKY, Igor; TREVISAN, Dalton; VALÉRY, Paul; VILLA-LOBOS, Heitor;

*

MENDES, Murilo. O rito humano. Joaquim, n°.20, out. 1948, p.06.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

MARTINS, Wilson. Conversa de Paris. Entrevista com Wilson Martins. Joaquim, n°.20, out. 1948, p.07.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-Chave: Contemporâneo; França; Informes

Notas de resumo:

Entrevista do crítico Wilson Martins sobre a sua ida a Paris e quais foram as suas experiências em relação aos estudos naquele país.

Autores Citados: POMMIER, J.;

Iconografias:

Foto: Foto, s/n, s/d.

*

GERSEN, Bernardo. Da inexistência de um romance urbano no Brasil. Joaquim, n°.20, out. 1948, p.08.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Brasil; Ensaio; Romance

Notas de resumo: autor discute a (quase) inexistência do romance urbano no Brasil naquele momento, mesmo que os representantes deste movimento ainda estivessem vivos.

Autores Citados: AMADO, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; BALZAC, Honoré de; DREISER, Theodore; LEWIS, Sinclair; FAULKNER, William; MACHADO, José Alcântara; MENDES, Murilo; QUEIROZ, Rachel de; RAMOS, Graciliano; REBELO, Marques; REGO, José Lins do; STEINBECK, John; STENDHAL; TOLSTÓI, Leon;

*

VIEIRA, José Geraldo. 7 anos de pastor. Joaquim, n°.20, out. 1948, p.09.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Ensaio; Literatura; Paraná

Notas de resumo:

Ensaio escrito por José Geraldo Viera, no qual analisou o recém-lançado livro de Dalton Trevisan "Sete anos de pastor".

Autores Citados: TREVISAN, Dalton;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração s/a, s/n, s/d.

*

Depoimento de Oscar Sabino Jor.. Joaquim, n°.20, out. 1948, p.10.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Literatura

Notas de resumo:

Coluna fixa de entrevistas a intelectuais em relação a geração dos

"novos", situação do metro na poesia, mestres da nova geração, dever político do intelectual.

Autores Citados: AMADO, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Maria Julieta Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ASSIS, Machado de; BANDEIRA, Manuel; BERGSON, Henri; CARPEAUX, Otto Maria; CUNHA, Euclides da; DESCARTES, René; DIAS, Gonçalves; DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch; ELUARD, Paul; ENGELS, Friedrich; GOETHE, Johann Wolfgang von; GOGOL, Nicolas V.; IVO, Lêdo; JOYCE, James; KAFKA, Franz; KANT, E.; KIERKEGAARD, Soren; LIMA, Alceu Amoroso; LIMA, Jorge de; LINS, Álvaro; LISPECTOR, Clarice; LORCA, Federico García; MACHADO, Aníbal; MARITAIN, Jacques; MARX, Karl; MENDES, Murilo; MORAES, Vinícius de; NERUDA, Pablo; NIETZSCHE, Friedrich; PROUST, Marcel; RAMOS, Graciliano; REGO, José Lins do; RILKE, Rainer Maria; ROUSSEAU, Jean-Jacques; RUBIÃO, Murilo; SARTRE, Jean-Paul; SCHIMIDT, Augusto Frederico; TCHEKHOV, Anton Pavlovitch; TREVISAN, Dalton; VALÉRY, Paul; WOOLF, Virginia;

*

BRITO, Glauco Flôres de Sá. Recuperação da poesia. Joaquim, n.º.20, out. 1948, p.11.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Poesia

Autores Citados: BANDEIRA, Manuel; CARPEAUX, Otto Maria; COSTA, Sósígenes; MEIRELES, Cecília; MELO NETO, João Cabral de;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Mário Silésio, s/n, s/d.

*

FONSECA, José Paulo Moreira da. 3 Poemas da geração de 40. Tentativa de exegese. Joaquim, n.º.20, out. 1948, p.11.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Poesia

Notas de resumo:

Análise do poema de João Cabral de Melo Neto "o Engenheiro", por Jose Fonseca.

Autores Citados: MENDES, Murilo; MORAES, Vinícius de; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; RIVERA, Bueno;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Augusto Rodrigues.

*

LINHARES, Temístocles. Moços de hoje. Joaquim, n.º.20, out. 1948, p.12-13.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Brasil; Literatura; Movimento

Notas de resumo:

O ensaio trata da maneira como os "moços" da época entendiam a agitação no meio cultural e conclui que, talvez, essa aventura dos moços seja uma aventura individual e não mais coletiva.

Autores Citados: BRETON, André; ELIOTT, L.; FREUD, Sigmund; GIDE, André; HEIDEGGER, Martin; HÖLDERLIN, Friedrich; KAFKA, Franz; KLEE, Ernst; LAWRENCE, T. E.; VALÉRY, Paul;

*

BARROSO, Antônio Girão. Congresso de poesia. p. Joaquim, n.º.20, out. 1948, 13.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

TREVISAN, Dalton. Eucaris a dos olhos doces. Joaquim, n.º.20, out. 1948, p.14.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Poty Lazarotto, s/n, s/d.

*

Marcel Arland. A geração da guerra. Joaquim, n.º.20, out. 1948, p.15-16-17.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-Chave: Brasil; Escritor; Europa; Guerra

Notas de resumo:

A revista trouxe trechos de artistas que na Europa foram chamados de "a geração da guerra" para discutir o tema no Brasil.

Autores Citados: ARAGON, Louis; BAUDELAIRE, Charles; GANDHI, Mahatma (Mohandas Karamchand); GIDE, André; GOETHE, Johann Wolfgang von; LYOTARD, Jean-François; MALRAUX, André; RADIGUET, Raymond; SÓCRATES; VALÉRY, Paul;

*

ASSIS, R.M. A nova geração (em 1880). Joaquim, n.º.20, out. 1948, p.18.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-Chave: Brasil; Crítica; Literatura

Notas de resumo:

Ensaio de Machado de Assis sobre os "novos" que para ele

representavam uma geração cheia de vigor e com o futuro na mão.

Autores Citados: COMTE, Auguste; DIAS, Gonçalves; ROMERO, Silvio; XAVIER, Fontoura;

*

Joaquim. Revista de Livros. Joaquim, n°.20, out. 1948, p.18.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Contemporâneo; Informes; Livros

Notas de resumo:

Coluna destinada a informar o leitor sobre os livros que circulavam naquela época e a opinião de especialistas sobre o assunto, além de um espaço para apresentar outras revistas que circulavam naquele momento.

Autores Citados: FILHO, Mário;

Iconografias:

Ilustração: Caixa Econômica Federal, Prosdócimo & Cia, Sete anos de pastor (livro) e Fábricas João Evaristo Trevisan.

*

PRAZERES, Heitor dos. . Joaquim, n°.21, dez. 1948, p.01-02-03-04-0.

Vocabulário controlado: CAPA

Iconografias:

Publicidade: Indicador profissional de médicos: Dr. Felisberto A. Farracha, Dr. Giocondo Vilanova Artigas, Dr. Carlos Moreira, Dr. Antenor S. Pupo, Dr. Jorge Karam, Dr. Carlos Heller, Dr. Orlando de Oliveira Mello, Dr. Bernardo Leinig, Prof Dr. Leonidas Ferreira, Dr. Di Pino e Dr. Mathias, Piechnick Filho. Móveis Cimo, Irmãos Thá, Joalheria Rocha, Camisaria Pinheiro, Confeitaria Tinguí, Casa Aurora, Chapelaria Central, Magazine, Sete anos de pastor, Casa Modelo, Caixa Econômica Federal, Cordeiro Cortes & Cia Ltda.

*

RÉGIS, Edson. JUREMA, Aderbal; PINTO, Lenine. Revista. "Elle n'a rien á continuer, cette génération, ella tout á créer".

Joaquim, n°.21, dez. 1948, p.06-07-08.

Vocabulário controlado: INFORME

Notas de resumo:

[Coluna Revista] Coluna dedicada publicar os congressos sobre arte e poesia que aconteciam naquela época como a exposição ao II Congresso de Poesia, Salão de poesia do Recife e I Congresso de Arte em Natal. Além da publicação do polêmico ensaio "500 ensaios", no qual faz duras críticas ao ensaísta e crítico Otto M. Carpeaux. No texto há a afirmação de que o leitor não entende a "erudição indigesta, irreal e às vezes falsa" do crítico.

Autores Citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE,

Mário de; CARPEAUX, Otto Maria; CARVALHO, Ronald de; LINS, Álvaro; MENDES, Ciro; RAMOS, Graciliano; ROMERO, Silvio; STENDHAL; VIARO, Guido Pellegrino;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração s/a, s/n, s/d.

*

MILLIET, Sérgio. Edições Joaquim. Joaquim, n.º.21, dez. 1948, p.08.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Conto; Crítica; Escritor; Paraná

Notas de resumo:

No depoimento, enviado a redação, Sérgio Milliet comenta o livro lançado de Dalton Trevisan "Sonata ao Luar". Segundo o crítico a escrita dele ainda tem uma imaturidade, mas ela é intrigante e a sua retórica é sensual, o jovem contista também tem uma invenção expressiva na prosa que não via desde o surgimento de Clarice Lispector.

Autores Citados: LISPECTOR, Clarice; TREVISAN, Dalton;

Iconografias:

*

Depoimento de Adalmir da Cunha Miranda. Joaquim, n.º.21, dez. 1948, p.09.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-Chave: Crítica; Geração de 45

Notas de resumo:

No depoimento o escritor afirma que há uma abrangência maior da discussão sobre literatura e artes no Brasil, seja com o surgimento de novas revistas ou poetas, a intelectualidade não se restringe mais ao eixo Rio-São Paulo. Também afirma que a fase é de experiência, pois a geração dos novos precisa de amadurecimento.

Autores Citados: GERSEN, Bernardo; GIDE, André; JOYCE, James; KAFKA, Franz; PROUST, Marcel; RILKE, Rainer

Maria; SARTRE, Jean-Paul;

Iconografias:

Ilustração: Ilustração de Yllen Kerr, s/n, s/d.

*

COSTA, Sosígenes. Acendo a lâmpada naquela estrada/ Dorme a loucura em forma de vinho/Aquele filho de Herodes. Joaquim, n.º. 21, dez. 1948, p.10.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

PINTO, Armando Ribeiro. Assistência às crianças desamparadas. Joaquim, n°.21, dez. 1948, p.11-12.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Brasil; Cinema; Indústria cultural

Notas de resumo:

O autor critica o amadorismo em que surgem os clubes de cinema, ou seja, para ele nascem pela função biológica e social, sem alguma assistência profissional. Segundo o autor o cinema deve existir pelo fato de estudo, reflexão e divulgação sobre a arte cinematográfica, por isso, apoia a criação de uma Federação de Clubes de Cinema no Brasil.

Iconografias:

Foto: Quando Assistiremos "Intolerância" (1915) de Griffith e "Encouraçado" de Potemkin (1925) de Eisenstein.

*

Joaquim. Revista de Livros. Joaquim, n°.21, dez. 1948, p.12.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Brasil; Informes; Livros

Notas de resumo:

[Coluna Revista de Livros] Coluna dedicada a apresentação de livros recém-publicados e a resenha de alguns. Além da mostra de novas revistas que circulam naquele momento.

*

MARTINS, Wilson. Evolução da opinião política em França. Joaquim, n°.21, dez. 1948, p.13.

Vocabulário controlado: RESENHA - Política

Palavras-Chave: Crise; França; Política

Notas de resumo:

No ensaio sobre a situação política da França, Martins afirma que há uma crise, instaurada por Ramadier em 1947, que aos poucos se encaminha para uma política de direita e esse mesmo governo de direita afirma que o regime é democrático, mas em virtude do medo de uma eleição de De Gaulle, a extrema direita, adiam-na.

Autores Citados: BLUM, Leon; GAULLE, Charles de; REYNAUD, Paul; SCHUMAN;

*

AGOSTI, Hector. Defesa do realismo. Joaquim, n°.21, dez. 1948, p.16-17.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-Chave: Escritor; Estética; Realismo

Notas de resumo:

O ensaio trabalha a questão do novo realismo que surge naquele

momento, um realismo que não é apenas uma receita muito explorada anteriormente, mas sim uma tradução que mais se aproxime do íntimo do artista.

[Excertos de uma conferência, traduzidos por A.R.P.]

Autores Citados: LHOTE, André;

Iconografias:

Reprodução: Reprodução em Xilogravura de Renina Katz, S/n, s/d.

*

TREVISAN, Dalton. Ulisses em Curitiba. Joaquim, n°.21, dez. 1948, p.14-15.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

Joaquim. Administração do Ipase no Paraná. Joaquim, n°.21, dez. 1948, p.18.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-Chave: Estado; Informes; Paraná

Notas de resumo:

Nota sobre o IPASE (Instituto de Previdência e assistência dos servidores do Estado), na qual há um levantamento das obras e benefícios realizados pelo então diretor Dr. Alcides Carneiro.

Iconografias:

Publicidade: Companhia Força e Luz do Paraná, Livraria Pátria, Dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, Maison Blanche, Dr. Flaustino Fávoro, Relojoaria Raeder, Pianos Essenfelder, Livraria Brasil, Dr. Ary Miranda e Fábrica de Cerâmicas Evaristo Trevisan.